ANISIO JOBIM

PANORAMAS AMAZÔNICOS

VI—BENJAMIM CONSTANT

1943
Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
Manaus

Ao distinto historiógrafo e grande pesquisador Dr. Arthur C. Ferreira Reis, com a estima e a admiração de sempre,

Assis Tobias
Manaus 21 de Outubro
de 1943.

ANISIO JOBIM

Desembargador do Tribunal de Apelação do Amazonas. Da Academia Amazonense de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico, socio correspondente do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte, membro da Sociedade Riograndense de Ciências e sócio correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

PANORAMAS AMAZÔNICOS

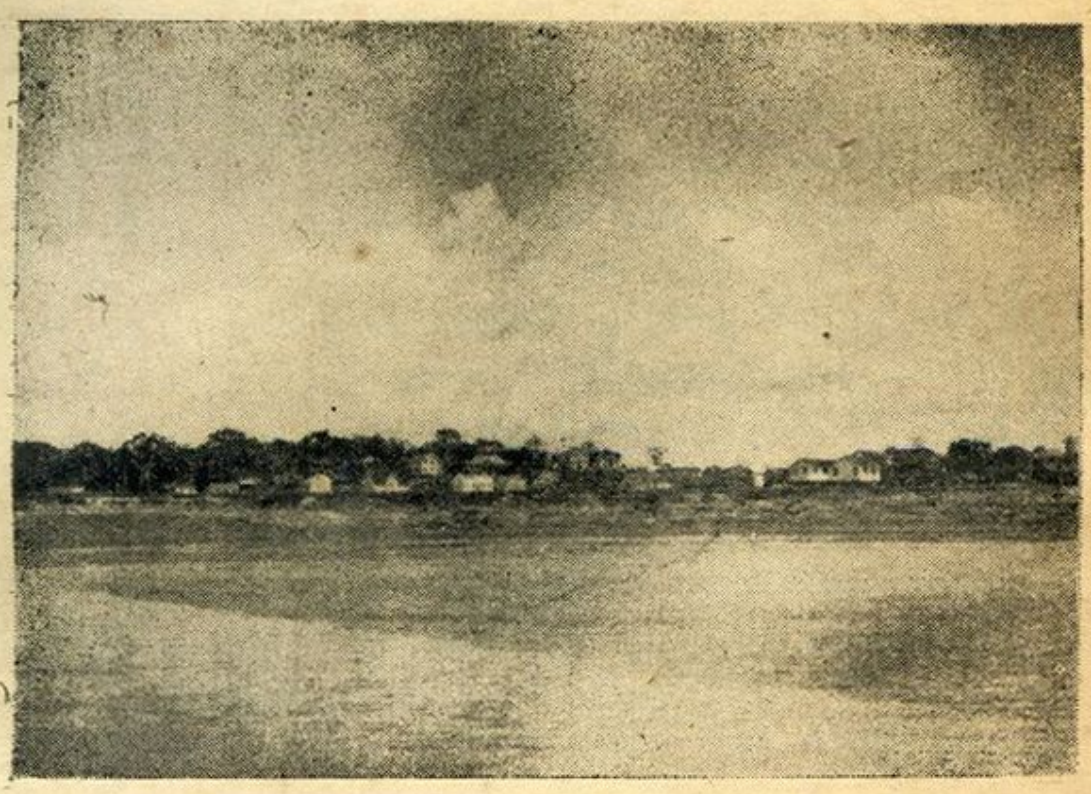
VI—BENJAMIM CONSTANT

Am
981.13
J67p

MANAUS—AMAZONAS
1943

Biblioteca Arthur Reis
Registro: 01077
28102102

MUNICIPIO
DE
BENJAMIM CONSTANT



Vista geral da Cidade de Benjamin Constant

Plein pays de l'étude de Hauptmann Chevalier

Formação do Município

Consta da história da exploração e catequese dos indios do Amazonas que os jesuitas, levados pelo seu sonho de cristianização dos povos bárbaros desta parte da antiga colonia, fundaram uma aldeia, onde puderam congregar os Tecunas, que se multiplicavam nas margens do Solimões.

Essa aldeia teve assento 24 léguas acima da missão de São Paulo dos Cambebas, hoje São Paulo de Olivença. Com a retirada dos discipulos de Loiola, passaram a administrá-la os religiosos Carmelitas.

E porque estivesse muito próxima à bôca do rio Javarí, de que distava apenas nove léguas, chamou-se aldeia do Javarí.

Por carta-régia de 3 de Março de 1755, o governo português houve por bem criar a Capitania de São-José-do-Rio-Negro, que teria por sede a aldeia do Javarí.

Este diploma legal, que foi dirigido a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, capitão-general e governador do Grão-Pará, dava-lhe poderes para traçar os limites da nova entidade politico-administrativa.

"A idéia de Mendonça Furtado, escreve B. Miranda, está voltada para a fronteira do Solimões", que pelo Tratado de 1 750, viera se fixar em Tabatinga. "Agora, diz aquele escritor, todo o empenho de Xavier de Mendonça é deslocar para o Javarí um pouco de seiva que floresce Belem". (1) Por seu turno, escreve Capistrano de Abreu: "Mandara-lhe a corôa assentar a capital no Solimões próximo dos limites ocidentais; êle achou mais conveniente situá-la no rio Negro, donde os espanhois estavam muito afastados, como o provara a lenta marcha de Iturriaga. Aí, portanto, a expansão se faria sem tropeços. Alem disso, a proximidade relativa de Belem e de Portugal garantia uma superioridade esmagadora". (2)

Mendonça Furtado, ao invés de fundar a vila no Javarí, como era pensamento do governo da metrópole, mudou de alvitre, e foi instalar a sede do governo da Capitania no arraial de Mariuá, que elevou à vila, com o nome de Barcelos, em 6 de Maio de 1 758.

Ainda por decreto de 18 de Julho de 1 757, o governo português, expedindo a nomeação de Joaquim de Melo e Póvoas para governador da nova Capitania, batisava-a com o nome de S. José do Javarí, subordinada ao governo do Pará, mas aquele governador, que se investiu no poder, com a

(1) "A Cidade de Manaus". 1 908
(2) "Capitulos de História Colonial" 3.ª edição. 1 934.

patente de coronel, em 27 de Maio de 1 758, o fez, conservando a denominação de S. José do Rio Negro. (1)

O burgo dos Tecunas não existia mais em 1 854, achando-se reduzido a uma tapera, segundo o testemunho de João Wilkens de Matos. *(Roteiro)*

A região banhada pelo Javarí foi das que mais demoraram a ser exploradas não obstante a Comissão de astronomos portuguêses ter percorrido esse rio cerca de 150 léguas de sua foz, tendo em vista as suas inúmeras curvas. (*Roteiro*)

Os negociantes e extratores de drogas fugiam de navegar no Javarí, devido às hordas selvagens que infestavam as suas florestas e às doenças endemicas, que ali reinavam.

O dr. Von Spix, quando esteve em Tabatinga, anotou essa abstenção dos negociantes e buscadores de drogas do sertão, fazendo sentir que os indios habitantes daquele rio não permitiam a entrada de estranhos na região. Indomáveis, cortavam o passo ao aventureiro que se arrojasse a perlustrar aquelas plagas. "Assim que passa uma canôa, diz o eminente cientista, aqueles indios hostis, escondendo-se atrás das árvores, atravessam o piloto com um grande dardo ou com a lança, e caem então sobre os outros da guarnição, dando-lhes golpes com grandes clavas quadrilongas (ta-

---

(1) Torquato Tapajós. "Estudos sobre o Amazonas". 1 895.

maranas), de sorte que raramente escapa algum". (1)

Os indios, a que se refere, eram os Majurunas ou Mangeronas, que constituiam uma das tribus mais espalhadas e mais temíveis do alto Amazonas. "Êles não reconhecem a supremacia espanhola nem a portuguesa, diz Von Martius, anotando a Spix, e são perigosos para os viajantes brasileiros do Javarí, assim como para os espanhóis do Ucaiale. Falam lingua própria, de entoação muito sonora e dura. Usam cabeleira comprida, com tonsura nas têmporas. Furam o nariz e os lábios, onde metem compridos acúleos, e, junto dos cantos da boca, enfiam duas penas de arara. No lábio inferior, narinas e lóbulos das orelhas, soem trazer discos talhados em conchas. Esse aspecto apavorante corresponde à barbaria de seus costumes; pois não se satisfazendo com comer a carne do inimigo abatido, matam e comem os próprios velhos e doentes da sua tribu, sem poupar o pai ou filhos nas doenças graves, antes que o doente emagreça". (2)

Além do perigo dos selvagens, havia ainda o das moléstias e pestes. Amarga experiência desses contratempos tiveram os membros das comissões de limites, que penetraram o Javarí, inclusive a

(1) "Viagem pelo Brasil" Trad. de D. Lucia Furquim Lahmeyer. 1 938.
(2) Obra cit.

comissão chefiada pelo bravo e ilustrado Sr. Barão de Tefé e do diplomata do Perú, quando tiveram de percorrer esta corrente, para determinar-lhe as remotas nascentes.

Em 1 854, passou por Tabatinga o Presidente da Provincia do Amazonas, conselheiro Herculano Ferreira Pena, em viagem à povoação do Nauta, na República do Perú. Naquele posto militar teve ocasião de ver reunidos perto de oitenta indios das tribus Mangeronas e Tecunas, muitos dêles inteiramente nús, com os seus adornos de penas e de colares de ossos. O presidente distribuiu por êles vários presentes: espêlhos, missangas, agulhas, etc.

Os negociantes de droga não passavam além das aldeias, que existiam à margem esquerda do Javari, de onde voltavam, sem se animarem a prosseguir. Deste modo o rio ficou sem ser explorado, durante muito tempo.

O Municipio de Benjamin Constant foi criado pela lei n.º 191, de 29 de Janeiro de 1 898, que desmembrou do Município de São Paulo de Olivença toda a margem brasileira do rio Javarí, e formou o município aludido, na administração do governador Fileto Pires Ferreira. Ao mesmo tempo criava o termo judiciário, tendo por sede a povoação lacustre Remate de Males, o qual ficou anexo à comarca de São Paulo de Olivença.

E' tradição corrente que os antigos habitantes do território do Javarí, que integrava o Município de São Paulo de Olivença, se queixavam ao governo de serem barbaramente espoliados com a cobrança de impostos exorbitantes pelas autoridades daquele município, sem receberem delas qualquer amparo, benefício ou compensação. Daí as suas constantes reclamações, ouvidas afinal pelo governo do Estado que, achando-as justas, criou o novo município de Benjamin Constant. Os politicos de São Paulo de Olivença, porém, não ficaram satisfeitos com o ato do governo, e persistiram no seu propósito de fazer voltar o território de Benjamin Constant ao seu domínio. Assim é que, empregando o seu prestígio junto ao governador, conseguiram, em 4 de Fevereiro de 1 901, a extinção do novo município, fazendo voltar as suas terras à jurisdição de São Paulo de Olivença, sendo governador do Estado o dr. Silvério José Néri.

Os habitantes do município extinto, entretanto, não se deixaram vencer, e continuaram a persistir nas suas justas reclamações, até que em 1 904, pela lei n.º 446, de 2 de Setembro, na administração do governador general Antonio Constantino Néri alcançaram o seu definitivo restabelecimento, conservando o mesmo nome — Benjamin Constant — e o mesmo contorno, como tambem foi restaurado o termo judiciário, com sede em Remate de Males.

A superfície de Benjamin Constant foi ampliada pela lei de 7 de Outubro de 1 913, que mandou ficasse pertencendo àquele município "todo o território a montante da nascente do igarapé Neuaca, descendo pela margem desse igarapé até a sua foz no rio Solimões, e daí por uma linha reta com rumo ao norte até encontrar a linha divisória do Brasil com a República do Perú".

Limita-se atualmente o Município de Benjamin Constant com as Repúblicas do Perú e da Colombia, e com os Municípios de São Paulo de Olivença, Fonte-Boa e João Pessôa. Com o Perú, começa a linha divisória, no rio Javarí, desde sua nascente principal até sua foz no rio Solimões.

Este rio, desde a foz do Javarí, até à do igarapé Santo Antonio, à margem esquerda do Solimões.

Com a República da Colombia: principia na foz do igarapé Santo Antonio, até sua nascente. A linha geodésica Tabatinga-Apapóris até o rio Tacâna.

Com o Município de São Paulo de Olivença: começa no rio Tacâna desde a linha geodésica Tabatinga-Apapóris, até a sua foz no Solimões. Este rio, desde a foz do Tacâna até à do igarapé Arariá (antigo Tauarú) à margem direita. Este igarapé, da foz até a nascente. Uma linha desta nascente até o ponto mais próximo do divisor das águas Itecoaí-Jandiatuba. Este divisor, desde aquele

ponto até o divisor de águas entre os rios Jutaí e Jandiatuba.

Com o Município de Fonte-Bôa: principia no divisor de águas entre os rios Itecoaí-Jutaí desde o divisor de águas Jutaí-Jandiatuba até o divisor de águas Itecoaí-Juruá.

Com o Município de João Pessôa: começa a linha no divisor de águas Itecoaí-Juruá, desde o divisor de águas Jutaí-Juruá até encontrar o divisor de aguas entre as bacias do Javarí e Juruá. Este divisor, até a nascente do rio Javarí.

Desde a criação do município e do termo que Remate de Males foi erigida em vila e sede do termo judiciário.

A vila de Remate de Males fica na embocadura do rio Itecoaí (outros escrevem Itacoaí), afluente da margem direita do Javari, em cujo barranco oposto está edificado o povoado peruano Nazaré, outrora muito florescente e hoje decaido, como o seu vizinho brasileiro, encravado entre a corrente do Itecoaí e o igapó, tendo uma floresta aos fundos. Remate de Males goza da fama de doentia. Reinam no local febres paludosas em consequência de sua situação topográfica mal escolhida, por ser o terreno alagadiço, sujeito à inundações periódicas.

Quando o Itecoaí engrossa as suas águas e transborda, a aldeia fica alagada. As casas, construidas sobre esteios de madeira de lei, aparecem

sobre as águas, lembrando uma cidade lacustre ou uma antiga esteária.

— Como começou este povoado? Castelnau refere que Mr. Deville, seu companheiro de viagem, encontrou no Itecoaí uma cabana, onde habitava, já há muitos anos, o filho de um oficial superior brasileiro, que tinha reunido alguns indios Maiurunas e os encarregava de cultivar a terra.

Os primeiros povoadores, certamente, foram os indigenas. Depois vieram os portugueses, que construiram o forte de Tabatinga. Com a vinda dos nordestinos, que se colocaram no rio Javarí e seus afluentes no começo do XIX século, as tribus indigenas foram recalcadas para o interior. As hordas ainda existentes no municipio estão localizadas em diferentes pontos do território, notadamente nos igarapés Umariassú e Crajari, no rio Solimões, — os Ticunas; nos rios Curuçá e Ituí — os Maias; nos rios Itecoaí e Javari — os Marubas, e outros clans, cujas denominações não são conhecidas. Exceto um ou outro grupo internado muito no centro, que ataca os seringais e os barracões, as outras tribus estão semi-civilizadas.

O Snr. H. Camara informa, em "Notas Históricas do Município de Benjamin Constant", que a denominação Remate de Males foi dada pelo maranhense Alfredo Raimundo de Oliveira Bastos, em 1 890. Alfredo Bastos, depois de haver estado no povoado de Pevas, em Iquitos, no Perú,

onde casou com uma senhora peruana, dirigiu-se naquele ano para a foz do Itecoaí, onde já havia alguns moradores e lá se estabeleceu; e como desde que saira de sua terra natal tivesse experimentado constantes revezes na vida e encontrasse naquele local relativo bem-estar, resolveu nêle fixar-se, como um remate aos seus males. Chegou mesmo a pôr este dístico "Remate de Males" numa taboleta à frente do seu barracão. Daí muito naturalmente a denominação Remate de Males dada ao lugar, que foi elevado à categoria de vila em 1 898, quando da criação do município de Benjamin Constant, a que serviu de sede até 1 928, ano em que foi transferida para o lugar Esperança, hoje cidade de Benjamin Constant, situada na foz do Javarí.

Alfredo Bastos, indo ao Estado do Ceará, à procura de melhoras para a sua saúde alterada depois de haver estado em Manáus algum tempo, faleceu, em 1 906, sendo escolhido para superintendente de Benjamin Constant, por ocasião de sua instalação em 12 de Outubro de 1 904, pelo probo e competente funcionário de Fazenda Ciríaco Alves Muniz.

A vila de Remate de Males consta apenas de uma rua, distendida ao longo da margem direita do Itecoaí, rua atravancada de casebres, onde há uma igrejinha consagrada a S. Sebastião.

Ao tempo em que era sede do termo, lá funcionavam a Superintendência Municipal, a Mesa de Rendas Estadual, fundada em 1 892, a Agência Postal, instalada em Dezembro de 1 899, o Cartório do Registro Civil, criado em 1 904, o Posto Metereológico, fundado em 10 de Novembro de 1 908 pelos então primeiros-tenentes da Armada Braz Dias de Aguiar e Antonio Sobreira Cantuária Guimarães. Sentia-se o influxo de uma grande animação, quando a borracha alcançou bons preços, por isso que o Javarí produzia e produz enorme quantidade deste produto de qualidade superior.

Ainda hoje constitúe a goma elástica o principal artigo de exportação do grande município, a sua principal fonte de receita. O movimento era grande. Corria muito dinheiro. Faziam-se excelentes negócios. Os vapores chegavam cheios de mercadorias e saiam carregados de produtos, que as suas florestas soberbas forneciam. Travaram-se grandes pleitos forenses.

Do outro lado do Javarí, em terras peruanas, Nazaré aparecia tambem com os seus armazens e lojas atestadas de estivas, fazendas, quinquilharias, mercadorias de primeira ordem, como sedas, linhos, sombrinhas, capas, vinhos generosos, cerveja alemã. A atividade comercial era imensa. A borracha, eis o segredo dessa expansão mercantil, dessa prosperidade que foi desaparecendo aos poucos, com a crise que sobreveio depreciando o artigo, em

virtude da concorrência, que encontrou no estrangeiro.

O município possúe em abundância a seringueira *(Symphonia Elastica)* E' uma região opulenta desses madeiros e de outros inúmeros vegetais úteis. Daí a corrente imigratória que se operou. Em poucos anos a população de Benjamin Constant cresceu extraordinariamente, sendo o objetivo principal dessas ondas imigratórias a borracha e a salsa. Construiram-se muitas barracas pelo interior, ao lado das quais surgiam as plantações. Em 1 903, a população do município elevava-se a mais de 20 000 habitantes, quando se verificou o êxodo dos seringueiros, acossados pela miséria resultante da desvalorização da borracha. A população está hoje reduzida a 10 000 almas, isto é, a menos da metade da que existia, sendo constituida de nordestinos, especialmente do Ceará, Maranhão e Piauí. O elemento estrangeiro figura em número muito reduzido, representado por portugueses, franceses e peruanos. Os dois primeiros visam o comércio, os últimos entregam-se às industrias extrativas da borracha e do caucho.

Ao todo, póde dizer-se que existem no município 97 estrangeiros, sendo tres portugueses, tres italianos, tres sirios, um espanhol, um alemão, 18 colombianos e 68 peruanos.

A vila de Remate de Males é um centro seringueiro, que mantem a melhor cordialidade com a

sua congênere Nazaré. As populações dos dois núcleos se dão admiravelmente. O tráfego entre os dois povoados é frequente por meio de canôas e motores que ronronam pela dilatada confluência das duas poderosas correntes. De um lado, em Nazaré, tremula a heroica bandeira peruana; do outro, em Remate de Males, afirmando a nossa soberania, desdobra-se, garboso e esplêndido, o pavilhão brasileiro.

O governo do Estado, atendendo às condições climatéricas da vila de Remate de Males, permitiu que o juiz do termo residisse em Esperança, localidade que fica na foz do Javarí, à margem do Solimões. Aliás, a lei dava ao governador do Amazonas a faculdade de mudar a sede do município para local mais apropriado e mais salubre, quando julgasse oportuno.

A' procura de melhores ares, vários moradores de Remate de Males passaram-se para Esperança, que assim se foi povoando e crescendo.

O cidadão brasileiro Antonio José dos Remédios foi o primeiro que fundou ali um estabelecimento comercial, em 1 880, para a venda de mercadorias aos moradores dos arredores e das ilhas adjacentes e para aviar os seringueiros que trabalhavam então nos rios Ituí e Javarí. Depois, em 1 907, foi instalada na antiga Esperança a Mesa de Renda Federal de Capacete. Teve tambem lá

sua instalação, no dia 19 de Março de 1 928, a Estação Radio-telegráfica.

Por-fim, o governo do Estado, convencendo-se das vantagens da situação de Esperança, por ato de 4 de Janeiro de 1 928, transferiu para lá a sede da comuna e do termo judiciário.

Em 1 929 foi iniciada a construção da igreja de N. S. da Conceição, promovida pela Prefeitura Apostólica do Alto Solimões.

O nome Esperança foi substituido pelo de Benjamin Constant, em virtude de um apêlo feito pelo inclito general Candido Rondon, que, ao tempo, desempenhava delicada função internacional em La Vitória. Sugeria o ilustre militar ao Interventor Federal no Amazonas estender o nome da estação rádio Benjamin Constant, — à própria povoação. Assim se expressava: — " O governador do Amazonas, querendo honrar o nome do fundador da República no Estado do Amazonas, lembrou-se crismar com seu nome imortal a aldeia seringueira de Remate de Males, cujo nome primitivo caracteriza a desolação da região escolhida para consagrar o benemérito nome do grande revolucionário

---

(1) A Mesa de Rendas Federal foi creada primeiramente em Tabatinga no ano de 1 868; funcionou depois na Ilha do Cleto, e, em seguida no lugar Capacete, sendo transferida, em 1 907, para Esperança, atual cidade de Benjamin Constant. A referida repartição foi alfandegada em 1 931.

Marco da bôca do igarapé Santo Antonio.
Vêm-se na fotografia o coronel Temístocles Brasil, ao tempo chefe da Comissão de Limites do Sector Oeste, o cap. José Guiomard Santos, então sub-chefe, e o major dr. Carlos Eugênio Chauvin, já falecido. Tabatinga, 1935.

de 1 889. O paludismo de Remate de Males não permitiu fosse ali gravado aquele nome imortal.

A população civil da antiga Remate de Males fugiu à endemia local, transportou-se para a barra do Javari, na eminência que ali existe, e fundou novo povoado, dando-lhe o nome Esperança". E concluia o seu extenso apelo: — "Justo e honroso seria fazer prevalecer em Esperança o nome do fundador da República, e deixar Remate de Males com o seu nome popular, que não morre, porque está ligado à tradição da região caraterizada pela desgraça que a borracha causou aos filhos do nordeste que lá foram sepultados em massa, vitimas da fagueira esperança de vida melhor. Zelareis a nossa alvorada republicana com um ato republicano de justiça e homenagem ao grande estadista filósofo".

Dessa veemente sugestão veio o ato de 30 de Dezembro de 1 934, que declarou ficar prevalecendo em Esperança, atual sede do município, a denominação de Benjamin Constant.

A superfície do município é de 75 720 quilometros quadrados, estendendo-se por uma linha de fronteira de mais de 1 500 quilometros.

Pela lei n.º 709, de 22 de Fevereiro de 1 905, o Município de Benjamin Constant foi dividido em cinco distritos policiais. Com o rodar dos tempos, surgiram outras divisões em distritos judiciários

e policiais. Finalmente, em execução ao decreto-lei nacional n.º 311, de 2 de Março de 1 938, e do decreto-lei estadual, n.º 176, de 1 de Dezembro de 1 938, o município em apreço, como todos os outros da República, teve traçadas as suas novas divisas inter-municipais e inter-distritais, divisão destinada a vigorar durante o quinquênio de 1 de Janeiro de 1 939 a 31 de Dezembro de 1 943, só podendo ser alterada nos casos previstos em lei.

Pela aludida divisão administrativa e judiciária, o município ficou com dois distritos: o da sede, ou seja de Benjamin Constant, e o de Remate de Males, e subdividido em seis zonas distritais com as seguintes denominações: Cidade de Benjamin Constant, Tabatinga, Remate de Males, Itui, Alto Itecoai e Alto Javarí.

Devia o novo sistema divisório ser inaugurado, como foi, a 1 de Janeiro de 1 939, dia consagrado ao Município por decreto-lei nacional.

Com toda a solenidade, e de acôrdo com o ritual, previamente estabelecido pelo venerando Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, aprovado pelo Conselho Superior de Geografia e Estatística, no dia aprazado, no Paço Municipal de Benjamin Constant, presente o Prefeito Snr. coronel Nelson Noronha, espirito educado, culto, progressista e trabalhador, autoridades, pessôas gradas, e grande assistência popular, depois do Prefeito explicar os fins da reunião, foi ouvido de pé

por todos, em silencio, o hino nacional. Novamente usando da palavra, o referido prefeito, em voz firme e pausada, declarou, em nome do governo do Estado do Amazonas, em vigor, a partir daquela data, por um quinquênio, o novo quadro territorial da República e do Estado, na parte referente ao Município de Benjamin Constant, ficando a vila do mesmo nome elevada à cidade, por força de dispositivos dos aludidos decretos-leis, e continuando a gozar dos foros de vila a sede do distrito de Remate de Males, congratulando-se com a assistencia ali presente pelo notavel acontecimento de grande e profundo alcance patriotico. Em seguida deu a palavra a Monsenhor Tomaz Marcellano, virtuoso Prelado da Prefeitura Apostólica do Alto Solimões, que produziu emocionante discurso, sobre a data memoravel e seu intenso sentido cívico.

Ambas as orações foram aplaudidissimas, colmadas de calorosa salva de palma. Do ato lavrou-se uma ata para perpetuar a cerimonia.

CÓPIA — Da áta da sessão solene inaugural do quadro territorial da República, no quinquênio de 1 939-1 943, realizada na cidade de Benjamin Constant, Estado do Amazonas. A primeiro de Janeiro de mil novecentos e trinta e nove, no edificio do Paço Municipal, nesta cidade de Benjamin Constant, sob a presidencia do senhor Nelson No-

ronha, prefeito deste município, na fórma da lei, reuniram-se em sessão solene as autoridades e pessôas gradas abaixo assinadas, com numerosa assistência popular, para o fim de se declarar efetivamente em vigor para todos os efeitos a partir desta data e até trinta e um de dezembro de mil novecentos e quarenta e tres, o novo quadro territorial da República, fixado para o Estado pelos decretos leis estaduais números sessenta e oito e cento e setenta e seis, respectivamente, de trinta e um de março e primeiro de dezembro de mil novecentos e trinta e oito, na conformidade das normas gerais firmadas pela Lei Orgânica número 311, de dois de março do mesmo ano, na parte referente às circunscrições que têm por séde esta cidade e o distrito de Remate de Males, dêste municipio. Aberta a sessão e de pé toda a assistência, foi cantado o Hino Nacional; seguindo-se uma vibrante salva de palmas. O sr. presidente, ainda de pé a assistência, pronunciou então em voz clara e pausada as seguintes palavras inaugurais: "Na forma da Lei, e de acôrdo com o rito previsto, tendo em mira a salvaguarda juridica dos interesses do Povo, o resguardo da tradição histórica da Nação e a solidariedade que deve unir todos os brasileiros em torno dos ideais superiores de uma Pátria una e indivisivel, bem organizada para defender-se, culta e progressista para fazer

a felicidade dos seus filhos, eu, Nelson Noronha, prefeito municipal de Benjamin Constant, em nome do Governo do Estado, declaro confirmados para todos os efeitos, no quadro territorial desta Unidade da Federação Brasileira, segundo o disposto na Lei orgânica federal número 311, de 2 de março de 1 938, e nos decretos leis estaduais números 68 e 176, respectivamente de 31 de março e 1.º de dezembro do mesmo ano, todas as circunscrições que têm por séde esta localidade, que recebe os foros de cidade, bem assim o distrito de Remate de Males, deste município, ficando a respectiva sede mantida na correspondente categoria de vila. Assim fique registrado na História Pátria, para conhecimento de todos os brasileiros e perpétua lembrança das gerações vindouras. Honra ao Brasil desejoso do bem e do progresso nos melhores sentimentos de solidariedade humana". Tres prolongadas salvas de palmas aplaudiram e festejaram o momento em que entrou em vigor o novo quadro territorial, exprimindo ao mesmo tempo a solidariedade ao alto pensamento da fórmula ritual pronunciada. Sentando-se, a seguir, a Mesa e toda a assistência, o senhor presidente deu a palavra a Monsenhor Thomaz de Marcellano, prefeito apostólico do Alto Solimões, que proferiu expressiva alocução alusiva aos fins e ao sentido da solenidade, sendo calorosamente aplaudido. O senhor presidente, a seguir, agradece à assistência o seu

comparecimento, cujo alto significado civico enaltece, declarando encerrada a sessão e convidando os presentes a ouvirem a leitura desta áta, a qual, depois de lida, foi assinada pelo senhor presidente e pelas demais autoridades e pessôas gradas presentes ao áto. Eu, João Ferreira da Silva, amanuense da Secretaria da Prefeitura Municipal de Benjamin Constant, funcionando como secretário ad-hoc, escrevi esta áta e a li ao têrmo da sessão solene cuja realização aqui se registra. Cidade de Benjamin Constant, primeiro de janeiro de mil novecentos e trinta e nove. O presidente — (aa) Nelson Noronha. Monsenhor Thomaz de Marcellano, Cap. Manoel Secundido de Verçosa Ferreira, Francisco Soares de Assis, Cesario Verçosa, José Ferreira da Rocha Primo, Eutichio Hayden Vieira, Amélio Casemiro Brasil, Carlos Alberto Tavares da Silva, Thomaz Rodrigues de Lima, Edmundo Maia, Maria José Rodrigues Cabral, Raimunda da Glória Ferreira, Adail Garcia de Vasconcelos, Manoel Hayden Vieira, Alice Duarte Campos, Chloé Fernandes Garcia de Vasconcelos, Tufi Chebedem, Manoel Joaquim dos Santos, Antonio Rodrigues da Silva, Sebastião dos Santos Cassio, Raimundo Soares Cavalcanti, João de Castro Lima, Silvio Veloso, Maria Lady Hayden Vieira, Gerilia de Souza, Antonio Cruz, Tertuliano Ferreira de Souza, Mirandolino José de Caldas, Leopoldo Freitas da Cruz, Matilde Machado da Rocha, Esmeralda Nazaré

Ferreira, Elizeu Ferreira Barros, Constantina Ferreira Lima, Diogo Ferreira de Sousa, Clodoaldo Lima, Francisco Vitorino Duarte Campos, Alfredo de Freitas Veloso, Bianor Francisco, Candido de Lima, José de Souza Cajueiro, José Mariano, João Ferreira da Silva. Está conforme o original. — Benjamin Constant, 1.º de janeiro de 1 939. — (a) João Ferreira da Silva, secretário *ad-hoc*. Confere Em 1.º de janeiro de 1 939. — (a) Nelson Noronha, presidente.

A conquista para Oeste, nos tempos coloniais

O desenvolvimento da posse e dominio de Portugal no Amazonas levou a nossa ocupação até o rio Napo, havendo Pedro Teixeira, em 16 de Agôsto de 1639, fincado um marco no Aguarico e fundado uma pequena povoação, a que denominou "Franciscana". A ata que o delegado português mandou lavrar, desse ato solene, teve a assinatura dêle, dos seus oficiais e dos dois missionários jesuitas, que, de baixada, acompanharam a frota do intrépido soldado luso, frei Cristovão de Acuña e frei André de Artieda.

Até então o Amazonas tinha sido sómente percorrido, de Quito ao oceano, por aventureiros espanhois, sendo o primeiro Francisco de Orelana, compelido a combater as lendárias Amazonas, que encoutrou no rio Nhamundá, escapando ileso do arrojado combate. Em respeito a esse fato memoravel, o rio recebeu o nome romanesco de Amazonas. Conquanto viesse a morrer às margens do grande rio, de volta da Espanha, Orelana deixou o deslumbramento de suas descrições sobre a opulência da terra, a grandeza do rio, a magnifi-

Pedra colocada na margem do igarapé Santo Antonio, pelo Sr. general Candido Rondon. Por este igarapé passa a linha de limites com a República da Colombia.

Na fotografia vêm-se o sr. coronel Renato Barbosa Rodrigues Pereira, antigo chefe da Comissão Brasileira de Limites, o sr. capitão José Guiomard Santos, e o comandante Chaves do vapor colombiano "Nariño".

cência das florestas e a riqueza incalculavel dessas ignotas regiões, onde se achava o EI-Dorado. Daí acender-se a cobiça nos europeus pelas fabulosas miragens de riqueza.

Os outros viajantes marcaram episódios trágicos na história do vale.

Pedro Teixeira foi quem realizou a grande viagem de Belém a Quito, devido às informações de dois religiosos leigos, frei Domingos de Brieva e frei André de Toledo, que aportaram ao Maranhão, e contaram ao governador Jacome Raimundo de Noronha a sua odisséa, ao deixarem as ribas do Napo, onde os Encabelados haviam trucidado o capitão João de Palácios e parte de suas forças, até o Pará, onde chegaram alquebrados e famintos.

A viagem de Teixeira, de ida e volta, efetuou-se em dois anos. Espirito experimentado, prático, observador, tomou nota de todos os pontos interessantes do rio e seus principais afluentes, da flora, fauna e gentilismo que o habitava.

Com a divulgação das observações desse notavel cabo de guerra, e depois, com a publicação do livro do padre Cristovão d'Acuña, "Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas", e outras noticias, organizaram-se as constantes explorações à busca do ouro, das drogas do sertão, dos escravos indios, que constituiam o sonho dos habitantes do Pará e sertanistas de outros estados.

As bandeiras, as tropas de resgates, os descimentos sucediam-se, varando o vale em todas as direções, descobrindo rios, desbravando sertões, na porfiada luta e canceira da descoberta do ouro e das especiarias de que a terra é fertil. Essas especiarias ou drogas eram o cacáu, a baunilha, a canela, o cravo, a fava de tonquim, o breu, o puchuri, e ainda as manteigas, objetos muito procurados e que se vendiam facilmente.

Os nossos colonos, desde a subida de Pedro Teixeira à Quito, tomaram conta das terras do Napo, na direção de Este até o oceano, para a corôa de Portugal, por isso que essa nação estava, ao tempo, sob o governo de Espanha.

A exploração do vale do Amazonas se deveu ao braço do português, é verdade que auxiliado nessa tarefa pelos nossos mestiços e sertanistas, que acudiam de diversos pontos.

Dessas bandeiras de resgates, dos descimentos, dos buscadores de drogas, as crônicas estão cheias, e nelas palpita a energia da raça, trabalhando na grande obra social de desbravamento da Amazônia.

Depois de Pedro Teixeira, não deixaram colunas de exploradores de ir até o Napo, em busca de produtos da natureza, nas matas, ou então para aprisionar indios.

Em 1689, os jesuitas empenhados no serviço da salvação das almas dos aborígenes, e de reuni-

los em missões, congregaram várias das tribus indigenas, que proliferavam no Napo, no Marañon e no Solimões. Investido nas funções de organizador dessas missões dos Omáguas, Ibanomas, Cuchivaros e outros povos, o jesuita Samuel Fritz, a serviço de Espanha, passou a Maynas, e começou a sua edificante obra. Fundou muitos estabelecimentos de indios, ensinando-lhes o Evangelho, os preceitos da Igreja e da moral, habituando-os ao trabalho sedentário. Algumas dessas missões foram instaladas no Solimões, e era propósito do missionário, segundo suas próprias declarações em documentos escritos, trazer o seu zelo apostólico até à foz do Amazonas, que o padre queria que pertencesse à Espanha.

Não se conformaram com isso as autoridades portuguesas e os colonos, que tiverem de repulsar os jesuitas do campo onde oficiavam, e que, segundo as cédulas reais e a nossa posse, nos pertencia.

Dessa intromissão dos jesuitas das colonias espanholas em nossas terras originou-se a luta, que, em 1708 e 1710, deu em resultado a expulsão desses frades além da linha do Javarí até o Napo.

Portugal desprendeu-se do jugo castelhano, em 1640, e ficava de posse daquelas terras, depois ocupadas por seus súditos, que aí implantaram um sinal simbólico de sua ocupação. Os nossos homens não deixaram de remontar até o

Napo, chegando o governo português a enviar um seu representante, Belchior Mendes de Morais, àquele rio, para renovar o padrão, erguido por Pedro Teixeira, e edificar uma casa forte, onde pudesse firmar definitivamente as fronteiras da pátria, fixadas depois em Tabatinga e na foz do Javarí. (1)

Várias forças volantes e tropas de resgates subiram o Marañon, já em procura de drogas, já no intuito de escravizar indios, coisa muito natural naqueles tempos em que se empregava o amerindio nos trabalhos da lavoura, nos diversos oficios domésticos e na edificação de povoações e vilas.

As incursões por terras daquela região, todavia, não eram vistas com bons olhos pelo vicerei do Perú, e pelas autoridades eclesiásticas, que tiveram de formular protestos.

Antes de Samuel Fritz fundar as missões, já os cabos Manoel Coelho, e depois Francisco Lopes, este último pelos anos de 1673-1674, levaram àquelas bandas o nosso desejo de conservar e defender o padrão das margens do Aguarico.

O mal estar reinante precisava de uma solu-

---

(1) Sobre a existência do marco, plantado por Pedro Teixeira, contestado por La Condamine, escreve o Sr. Barão de Tefé que, 90 anos depois, ainda foi encontrado por Belchior Mendes de Morais, expressamente mandado para tão interessante pesquisa pelo governador do Pará, Alexandre de Souza Freire.

ção. A indecisão dos nossos limites provinha do vago Tratado de Tordesilhas, firmado em 7 de Junho de 1494, trazendo as assinaturas dos reis de Castela e Portugal.

Segundo Pedro Calmon, até 1750 esse acôrdo, que antecedeu ao descobrimento do Brasil, "foi um motivo de polêmica, uma presunção juridica, um obstáculo politico, uma barreira imaginária.

Não correspondia a nenhum informe sério e exato: conclave de diplomatas que fizeram cálculos errados, símbolo da imprecisão dos conhecimentos matemáticos de 1494, projetou, contudo, a sua sombra sobre dois séculos e meio de história do Novo Mundo". (1)

Com o seu fino tacto diplomático, Alexandre de Gusmão tomara o alvitre de enviar ao Amazonas, em nome do governo português, os dois padres jesuitas Diogo Soares e Domingos Capacci, consumados geografos e astrônomos, na segunda década do XVIII século, para estudarem o assunto *in loco*, os quais forneceram a Alexandre de Gusmão as necessárias informações, que se cristalizaram no Tratado de limites de 1750. (1)

O Tratado referido, de 13 de Janeiro de 1750, ou o Tratado de Madrid, viera em virtude do ace-

---

(1) "História do Brasil". Tomo 1. Brasiliana Vol. 176.

(1) Comandante Cesar Feliciano Xavier. "Elogio geográfico-histórico do Almirante Barão de Teffé". "Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1937.

leramento da expansão que se ia processando pelo rio Amazonas para Oeste, pelo Madeira até o Guaporé e pelo Sul, como pondera Capistrano de Abreu. "Urgia atacar de frente, diz este escritor, a questão de limites entre possessões portuguesas e espanholas, no velho e no novo mundo".

Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi o plenipotenciário escolhido para a demarcação na parte do Norte. Irmão do Marquês de Pombal, o grande e poderoso Sebastião José de Carvalho, reunia as qualidades precisas para tão elevada comissão.

Culto, conhecedor da terra, por isso que já era governador do Grão-Pará, sabedor das suas necessidades mais urgentes, dispondo de uma turma de homens especializados, resolveu vir ao Amazonas, ao rio Negro, onde escolheu Mariuá, a que deu o nome de Barcelos, quando elevou essa aldeia à vila, para pouso das partidas de demarcação.

Reunir-se-ia êle à partida de D. José Iturriaga, que descia pelo Orinoco e Cassiquiare.

A primeira viagem de Mendonça a Barcelos realizou-se em 1754. Como demorassem os diplomatas espanhois, lá voltou, em 1758, mas sem resultado, por isso que só no ano seguinte chegaria a luzida comitiva de D. José de Iturriaga.

A demarcação, contudo, não se efetuou por uma serie de sucessos, que impediram os delegados de empenhar-se no serviço. A esse tempo Mendonça Furtado era substituido por D. Rolim de Moura. A comissão espanhola, chegada a Barcelos, tivera que voltar ao Orinoco.

Com a ascenção de Carlos III ao trono de Espanha, o Tratado de Madrid foi repudiado, e substituido pelo de 12 de Fevereiro de 1761. Ainda êste tratado teve que ser anulado, para dar aparecimento ao de 1777 ou o Tratado de Santo Ildefonso, já falecido El-rei D. José I. "O Tratado de 1777, ou de Santo Ildefonso, escreve Capistrano de Abreu. era em quase tudo semelhante ao de Madrid, e mais humano e generoso que este, pois não impunha êxodos cruentos. "*O uti-possidetis*" veio outra vez a prevalecer".

Firmado, que foi, o tratado, providenciaram as duas potencias, Espanha e Portugal, no sentido de dar-lhe execução, inciando os trabalhos de demarcação. Foram nomeadas quatro comissões, chamadas partidas de demarcação. Duas operariam no Sul, duas ao Norte: as quais ocupar-se-iam dos serviços divisórios de Jaurú, no Mato-Grosso, ao Japurá; e do Japurá ao Orinoco, devendo seguir à risca os limites estabelecidos naquêle convênio de 1 de Outubro de 1777. Aliás o tratado, por seus termos vagos, inadaptados ao sistema topográfico do Amazonas, não podia receber

execução integral e satisfatória, por lesivo aos nossos interesses, como depois se verificou.

Para compor a comissão espanhola foi designado o governador de Maynas, D. Ramon Garcia de Leon y Pizarro, auxiliado por D. Francisco de Requeña, engenheiro, que depois passaria a exercer a chefia da comissão, por ter D. Ramon sido indicado para presidente de Quito.

A comissão portuguesa foi confiada ao general João Pereira Caldas, como chefe, e a um pugilo de homens notáveis, Theodósio Constantino de Chermont, Eusebio Antonio de Ribeiros, Henrique João Wilkens, Pedro Alexandrino Pinto de Souza, José Simões de Carvalho e tantos outros que, no afã de conhecer a terra, tiveram de percorrer grande parte da bacia amazônica, estudando e explorando vários rios, e reunindo material importantissimo para a geografia e a cartografia.

D. Francisco de Requena chegou a Tabatinga, viajando pelo Maranõn, em 1780, vindo ao seu encontro o tenente coronel Theodósio Constantino de Chermont, substituto eventual do general João Pereira Caldas.

Bertino Miranda, o arguto historiador de "A Cidade de Manaus", focou, impressivamente, a estada naquela parte do oeste do delegado de Espanha, que vinha demarcar as fronteiras do território do vice-reinado de Nova Granada. "Requena, pleinipotenciário castelhano, aporta a

Tabatinga com toda a pompa. Traz uma corte luzida: a mulher deslumbra logo pela formosura e magnificência. Vários sonetos na hipérbole incorreta do tempo, celebram com entusiasmo a sua vinda." Refere o distinto historiador que os soldados portugueses, rendidos à sua fascinante beleza, ofereceram-lhe um desenho simbólico com inscrição. A dedicatória dizia assim: "Los soldados portuguezes hacem Razon de su Hermosura y Magnificencia". Refere ainda que até o bispo D. Caetano Brandão lhe não foi indiferente, quando em visita à freguezia de Tefé, onde encontrou a senhora Requeña, de quem fez a apologia, exaltando as suas virtudes, e o carinhoso cuidado com que cultivava a religião e ensinava o francês e o latim às filhas, educadas sob rigidas normas da moral.

Logo ao chegar o plenipotenciário espanhol à Tabatinga, começou a exigir que lhe fossem entregues as terras que iam desse ponto à bôca do Japurá, que em verdade haviam sido cedidas à monarquia de Castela, tanto que fosse restituido aos portugueses o territorio no alto rio Negro, onde se achavam os fortes S. Carlos e S. Felipe.

Os nossos delegados se opuzeram à entrega, dada a atitude dos castelhanos em não quererem restituir a região citada.

Requeña fez seu quartel general em Tefé, de onde partiu para as demarcações no Japurá.

Dúvidas sobrevieram, discussões, choques de idéias, apêlos às majestades dos dois paises empenhados no ajustar em terras americanas as suas fronteiras.

A primeira dificuldade surgiu em precisar qual a bôca mais ocidental do Japurá, em determinar depois qual o rio, afluente deste, que devia resguardar os estabelecimentos portugueses, se o Apaporis, se o Comiari ou rio Enganos, nome que lhe botaram por esse memoravel periodo de exploração. Aconteceu sobrevir uma endemia de febres no Japurá, que obrigou os componentes das comissões a pedir e receber socôrro dos Coretús, indios daquela soberba região, que os trataram bem. Outros elementos da Comissão desceram para Tefé, onde recuperaram a saúde.

Onze anos manteve-se o delegado castelhano no Solimões, onde exerceu atos de ditadura, como se se tratasse de território sujeito à soberania de seu país, com desrespeito formal às leis vigorantes na colonia.

Afinal, sendo nomeado plenipotenciário das demarcações o coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, em substituição ao general Pereira Caldas, que se recolheu à Europa, tratou de fazê-lo evacuar o território, o que levou a efeito com admiravel tino diplomático, determinando a retirada de Requeña que seguiu para Maynas, de onde desceu o Amazonas e foi para Espanha. A viagem pelo

Amazonas data do ano de 1794. Lobo d'Almada, precavido como era, mandou acompanhá-lo por uma autoridade de sua imediata confiança, o tenente coronel José Simões de Carvalho, até Belém, onde o espanhol ficou hospedado numa fazenda em Val-de-Cães. Aí chegou sôbre madrugada de 11 de Janeiro de 1795, com toda a sua familia, havendo partido para a Espanha, em 6 de Fevereiro do mesmo ano. (1)

As pretenções dos comissários castelhanos, tanto ao Norte, no alto rio Negro, como a Oeste, não foram colimadas. Os trabalhos de demarcação ficaram paralizados, e o tratado perdeu o seu vigor, em virtude da guerra que rebentou entre as duas nações, em 1807.

Se a diplomacia de então não alcançou os seus objetivos, deixou um rico acervo de pesquisas que os nossos esforçados representantes nos legaram. Ainda hoje são de grande valor as observações dos incansáveis delegados lusos: Eusébio Antonio de Ribeiro, José Simões de Carvalho, Ricardo Franco de Almeida Serra, Antonio Pires da Silva Pontes, Francisco José de Lacerda e Almeida, Henrique João Wilkens, Manoel da Gama Lobo d'Almada e outros notáveis homens de ciência em seu tempo, que percorreram a terra misteriosa e encan-

---

(1) Manuel de Melo Cardoso Barata. "Apontamentos para as Efemérides Paraenses".

tada e os seus colossais rios e lagos. Data dessa época (1785), quando chegou a Barcelos o famoso naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, o mais interessante inquérito que se fez da nossa vida rural, do estado das vilas, povoados e aldêias, dos costumes da terra e do povo, dos hordas selvagens e dos representantes das classes cultas, que serviram à Capitania, seus primórdios lendários, que êle, o filósofo naturalista, teve o cuidado e a delicadeza de recolher, salvando do olvido.

Atestando a operosidade da comissão portuguesa no sector do Javarí, no dia 5 de Julho de 1781 ergueu-se um marco na margem austral do Solimões, a leste da foz do Javarí. As condições do terreno de aluvião, inundavel, não permitiram que o padrão fosse levantado onde devera ser, a 4° 17' 3" meridionais e 3° 8° 6' 30" a leste da ilha do Ferro.

Esse padrão, obra do major de engenheiros Eusebio Antonio de Ribeiro, era de madeira, de forma piramidal, com 48 palmos de altura, tendo na base as seguintes inscrições:

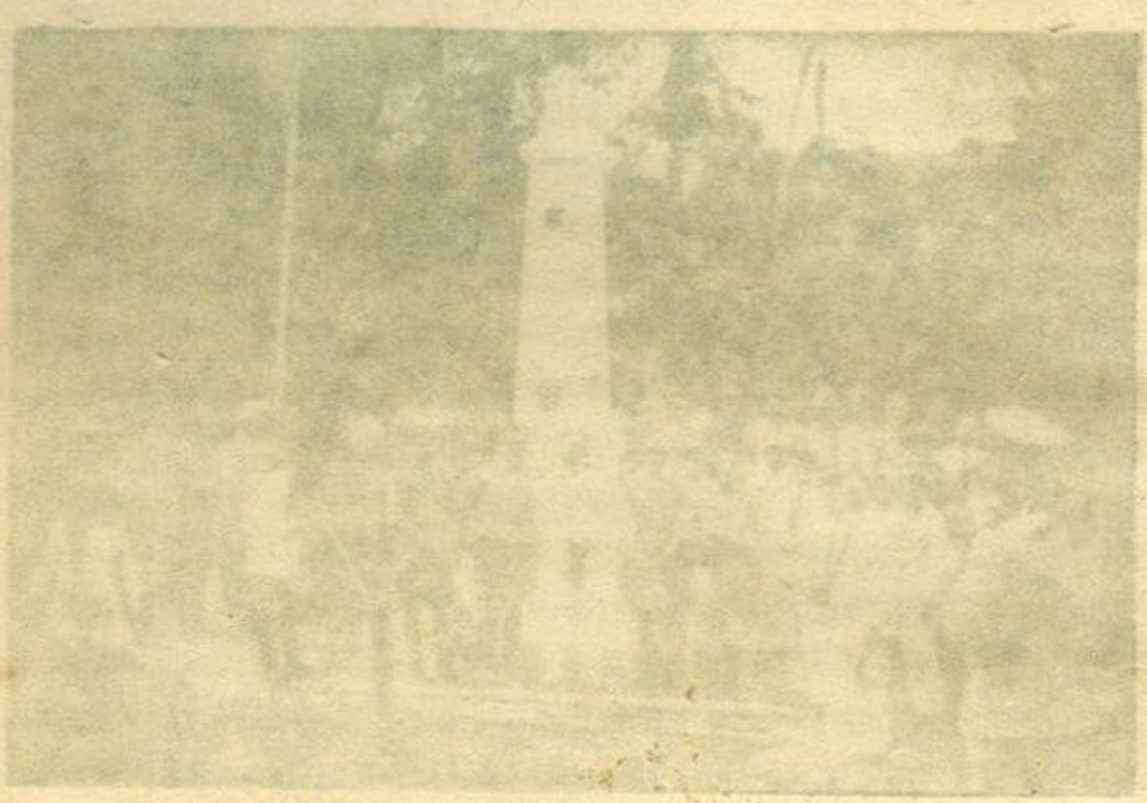
Para futura memória.

Na fronteira do Estado do Grão-Pará e Maranhão, e da real audiência de Quito no vice reinado de Santa Fé:

Nos gloriosos reinados

Da muito alta, poderosa e augusta rainha fidelissima

Inauguração do marco Brasil Colombia, em Tabatinga, no dia 5 de Dezembro de 1 932. Vêm-se na fotografia os membros da Comissão Mixta de Demarcação de Limites.



De Portugal e Algarve
A senhora D. Maria I e do senhor D. Pedro III
E do muito alto, poderoso e augusto rei católico
Das Hespanhas e das Indias
Senhor D. Carlos III.

Diz Baena que havia outro padrão de mármore, ostentando na cimalha uma cruz, e na frente da pirâmide e logo abaixo da cimalha as armas portuguesas, o qual não pôde ser colocado, por causa da dificuldade do transporte nos igarapés e por terra. (1)

A implantação de novos marcos foi feita posteriormente pela comissão de limites entre o Império do Brasil e a República do Perú, em cumprimento ao Tratado de limites de 25 de Outubro de 1851, e 18 de igual mês de 1858.

A comissão mixta reuniu-se em 28 de Julho de 1866, na quebrada do igarapé de Santo Antonio, afluente da margem esquerda do Solimões, e distante da freguezia de Tabatinga, edificada na mesma margem, dois mil e quatrocentos e dez metros ao rumo verdadeiro de seis graus e cincoenta minutos N. E.

A referida comissão estava constituida da forma seguinte: Por parte do Perú, capitão de mar e guerra da Armada D. Francisco Carrasco; comis-

---

(1) Conego Francisco Bernardino de Souza. "Comissão do Madeira. Pará e Amazonas".

sário D. Manuel Rouand y Paz Soldan, secretário interino; D. Roberto Suarez, membro auxiliar.

Por parte do Brasil: capitão-tenente da Armada Imperial, José da Costa Azevedo; capitão-tenente da mesma Armada, João Soares Pinto, secretário; primeiros tenentes da Armada Geraldo Candido Martins, Augusto José de Souza Soares de Andréa e o primeiro tenente de engenheiros José Antonio Rodrigues, membros auxiliares.

Erigiram duas colunas fronteiras, de forma quadrangular, na bôca da quebrada do mesmo igarapé.

A coluna assinalando o território brasileiro teria as seguintes inscrições:

Face do Sul

Limites do Brasil

Ano de 1866

Governo de S. M. o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil

Face do Norte

As armas imperiais

Face de Oeste

Latitude 4° 13' 21" 2 Sul

Longitude 69 55°° Ocidental de Greenwich

Vem da bôca do Javarí.

Face de Leste

Segue o igarapé de Santo Antonio.

Face de Leste

Segue o igarapé de Santo Antonio.

Face do Sul
Limite do Brasil
Ano de 1866
Governando S. M. o Senhor D. Pedro II
Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo
do Brasil.
Face do Norte
As armas imperiais
Face de Oeste
Latitude 4° 13' 21" 2 Sul Longitude
69 55" ao Ocidente de Greenwich
Vem da bôca do Javarí.
Face de Leste
Segue o igarapé de Santo Antonio

Devia-se levantar na vertente do igarapé de Santo Antonio outra coluna de cinco metros de altura, comum às duas nações, com inscrição.

Estipulou-se ainda que se fixassem dois marcos de madeira, para que servissem de assinalamento provisório nos mesmos sitios em que se deveriam erigir as colunas, e nelas tremulariam as bandeiras do Perú e do Brasil, durante o tempo da cerimônia. Esses marcos de madeira ainda existiam estragadissimos ao tempo da última demarcação brasileo-colombiana.

Em marcha ás nascentes do Javarí

Episódios grandiosos de resistência e bravura iriam abrir-se no dilatado curso do Javarí, esse "Nilo americano", no dizer do Barão de Tefé, quando o Brasil tratou de determinar as nossas fronteiras com o Perú.

O problema dos nossos limites com a grande nação amiga estava a exigir a determinação precisa das nossas linhas divisórias com aquele país.

Até então era o Javarí um rio temido pelas hordas de índios bravios, que lhe habitavam as margens, cobertas de grandes florestas. Toda e qualquer tentativa neste sentido importaria no grande sacrifício de quem ousasse penetrar os meandros dessa famosa corrente. Não sómente o perigo dos selvagens teria que enfrentar, sinão tambem os obstáculos naturais à navegação em rio tão extenso, largo e profundo, cheio de remansos, correntezas e redemoinhos, troncos imersos, e sôbre o qual pairava o fantasma das terriveis febres paludosas e do beriberi.

As expedições mandadas ao Javarí com o fim de solucionar a nossa questão fronteiriça, tiveram

o exemplo doloroso do tributo que pagaram às doenças e à ferocidade do selvagem.

Ninguém se aventurava a subir o Javarí mais de tres dias de viagem, ou além dos 5 graus de latitude meridional.

O negociante, o buscador de drogas, o seringueiro, não ultrapassavam um certo limite nas suas viagens por este caudaloso rio, pelo terror que lhes inspiravam os feros Mangeronas e Catuquinas, espalhados pelas suas terras.

Em 1864, teve de realizar este sério empreendimento a comissão mixta brasileo-peruana, incumbida de determinar a nascente principal do citado rio. A mencionada comissão compunha-se, por parte do Perú, do capitão de mar e guerra da armada Don Francisco Carrasco, tendo por secretário o notavel geógrafo e astrônomo Don Manuel Rouaud y Paz Soldan e Don Roberto Suarez; por parte do Brasil, do capitão-tenente da marinha imperial José da Costa Azevedo, depois o ilustre Barão de Ladário, tendo como secretário o capitão-tenente da armada João Soares Pinto, além de outros auxiliares.

Depois de fixar os limites do Brasil com o Perú, erigindo os marcos na quebrada do igarapé Santo Antonio, a comissão seguiu para o Javarí, representada agora na viagem pelo capitão João Soares Pinto e dois auxiliares, e por Don Manuel Rouaud y Paz Soldan, além de outros componentes. A subida foi lenta e dificultosa, levando cêrca de trinta e cinco dias de fadigas e trabalhos.

O calor, o mormaço, as intempéries, os desbarrancamentos assustadores do rio, os rebôjos, a falta de pescado fresco, a caça que era preciso colher nos matos com mil precauções, tudo foi vencido sem maiores e mais penosos sofrimentos. A proporção, porém, que a comissão avançava rio acima, ficava a corrente mais estreita, e as dificuldades se multiplicavam, por que já era necessário evitar os baixios, onde as canôas esbarravam a cada passo; e, pelo meio, a correnteza tornava-se mais impetuosa. Além disso, os alimentos escasseavam. Alguns homens da equipagem adoeciam. Nessa altura, verificaram os chefes da flotilha a imperiosa necessidade de passarem para as canôas mais leves. Assim, foi dividida a turma, prosseguindo os comissários com uma guarnição de 14 homens.

Até então os índios não tinham molestado a comissão, apesar desta verificar vestigios iniludíveis de que os senhores daquelas selvas os acompanhavam, ocultos nos matos. Aqui e ali era uma ubá que encontrava, uma pá de remo abandonada, construções toscas de matapis, para a apanha do peixe. Enormes troncos derrubados vedavam a passagem do rio. Tornava-se preciso cortar a machado estes grossos madeiros.

Pelos selvagens emboscados na floresta de súbito, tres flechadas eram desferidas contra os ousados exploradores, e outras mais sucediam-se. Ás primeiras flechadas foi o capitão-tenente Soares Pinto ferido mor-

talmente, vindo a falecer tres horas depois; Paz Soldan, juntamente com quatro homens da guarnição, era tambem atingido pelas flechas de ponta aguçada. (1) Impossivel a resistência, que durou apenas 15 minutos, dada a inferioridade dos membros da comissão em relação ao grupo numeroso de selvagens. A volta impunha-se, sob pena de ser sacrificado esse bravo punhado de homens. Em uma só montaria tomaram lugar nove individuos, inclusive o capitão Soares Pinto, que para ela foi transportado agonizante, sendo enterrado numa práia mais abaixo, tres horas de viagem. Os sobreviventes encontraram-se adiante com a igarité, em que ficaram os doentes, e todos desceram, chegando à Tabatinga num lastimoso estado de prostração de forças. Aí os recebeu a canhoneira Ibicuí.

A comissão, porém, mau grado os estorvos encontrados, atingiu a um ponto muito alto do Javarí, chegando até o "Jaquirana", que considerou a continuação desse extenso rio, quando foi morto o malogrado companheiro de Paz Soldan, que, por este motivo, e por ter sido ferido na côxa, deixou de prosseguir na exploração.

Soares Pinto subiu o "Jaquirana", na pressuposição de que esse rio era o braço principal do Javarí, tendo atingido a altitude 6° 50' S. e longitude 73° 56' 45" O. Gr., ponto em que foi abatido a flechadas.

---

(1) O fato ocorreu a 10 de Outubro de 1864.

Por alguns anos ficou o Javarí abandonado. A tragédia da morte do infortunado geógrafo e astrônomo capitão-tenente João Soares Pinto vinha confirmar as noticias das tribus ferozes que infestavam as suas margens. Todavia, o governo brasileiro não podia ficar inativo, e de pleno entendimento com o do Perú, foi nomeada a segunda comissão mixta demarcadora da fronteira do ocidente, a qual devia buscar a origem principal do Javarí, de acôrdo com os tratados estabelecidos.

Chefiava a comissão brasileira o então capitão de fragata Antonio Luiz von Hoonholtz, depois almirante e Barão de Tefé, acompanhado de seu dedicado irmão Carlos.

Dirigia a comissão peruana o distinto diplomata Don Guillerme Black, da marinha de guerra do Perú, secretariado por Paz Soldan.

A nomeação de Von Hoonholtz deu-se em 1871. O eminente oficial da armada nacional transportava-se pouco depois ao Amazonas, percorria as suas maiores caudais, subia o Marañon e o Uallaga, avizinhando-se dos Andes.

Em 16 de Janeiro de 1874, reunidas em Tabatinga, partiram as duas comissões, demandando a foz do Javarí, em lanchas, tendo seguido o pessoal, que compunha a turma peruana, no vapor "Napo", e em outras embarcações menores.

Von Hoonholtz tomou a precaução de mandar telar as chalanas, que levava.

O médico, que tinha sido nomeado para integrar a comissão brasileira, dera, à entrada do Javarí, parte de doente, e descera para Manáus.

A nossa comitiva era composta de oitenta e dois homens, entre marinheiros imperiais e indios mansos do Solimões e do Uallaga.

Em breve, tinha o Itecoaí em frente. Adiante, era Porto Miranda, que antigamente tinha sido um engenho de Alberto, distante 127 milhas da bôca. Além desse porto, a comissão brasileira esperou os seus companheiros do Perú.

O rio Curuçá espraiava as suas águas pelo lado direito do Javarí, 218 milhas de distância da foz.

A frota subia essa última corrente, entrava, depois de muito navegar, no Javarizinho ou Javarí-miri. Aproximava-se do rio Galvez, de onde, daí por diante o Javarí toma o nome de Jaquirana.

As duas comissões resolveram, nessa altura, que o vapor "Napo" não continuasse a viagem, em vista do seu grande calado, que o impedia de fazer uma bôa derrota, em consequência das rápidas voltas do rio e da estreiteza, que apresentava em algumas paragens, ficando o "Napo" estacionado na foz do Galvez.

Prosseguiram então as comissões em tres lanchas brasileiras, rebocando as embarcações menores, alojando-se a comissão peruana na lancha Jaquirana.

Mais acima, pela margem direita, projetava-se o rio Paisandú, que foi explorado.

Muito distante já da confluência do Paisandú com o Galvez, deixou a comissão as lanchas, seguindo em chalanas e em canôas.

Chefes e subordinados iam mal acomodados nas acanhadas embarcações, de fundo chato, onde foram colocados armas, munições bélicas, viveres, instrumentos de engenharia, roupas, fogões, apetrechos de cozinha. O seu objetivo era a exploração do famoso rio e a determinação de suas cabeceiras ou de sua nascente principal. Estavam os intrépidos oficiais no palco flutuante de suas admiraveis qualidades de renúncia, e iam dar atestados fulgurantes da nobreza de suas atitudes e de seu heroismo.

A viagem corria com a demora indispensavel para estudos de exploração e observações astronômicas, para descanço do pessoal, para pescar e caçar, problemas que se iam tornando cada dia mais arriscados. O peixe, por efeito da enchente e da velocidade das águas, escasseava. A caça, que se imaginaria facil naquelas florestas seculares, era escabrosa, porque lá se esgueirava, através do arvoredo luxuriamente, o solerte e terrivel selvagem. Os postos de observação eram montados à margem com sentinelas embaladas, na densidão do bosque.

Os mosquitos, piuns e moscas varejeiras, as motucas tão encomodas, não cessavam de fustigar os viajores, sob a ação de um sol causticante e de chuvas torrenciais.

O rio alongava-se por aqueles terrenos, ora altos, ora encharcados, sinuoso, de águas barrentas, conduzindo troncos, balsedos, ou apresentando estorvos, como paus caidos das barreiras, ou então, o que era peior, fortes árvores, servindo de pontes, que os selvagens, propositadamente aluiam, por meio do fogo, ou escavando pacientemente o raizame em derredor, e pelas quais passavam rapidamente de um lado da margem para outro. Esses obstáculos exigiam esforços penosos dos trabalhadores de machado, esgotados de força, devido ao mau passadio e às moléstias que acometiam os homens da guarnição. Eis o que diz o proprio Barão de Tefé: "Tambem de trinta machados que vieram na expedição só oito nos restam e êstes mesmos bem estragados; as árvores que os indios escolhem para pontes são sempre as mais grossas e as derrubam por meio do fogo, ou escavando pacientemente em torno, assim como a barranca do rio por baixo das raizes".

Como não fosse possivel passar por baixo delas, urgia cortá-las a machado, e nesse serviço passavam os homens horas a fio, expostos tanto ao sol e aos mosquitos, que afluiam em nuvens, a mordê-los, como à pontaria dos indios. Cento e tres dessas pontes foram abtidas e o trabalho ia-se tornando exaustivo.

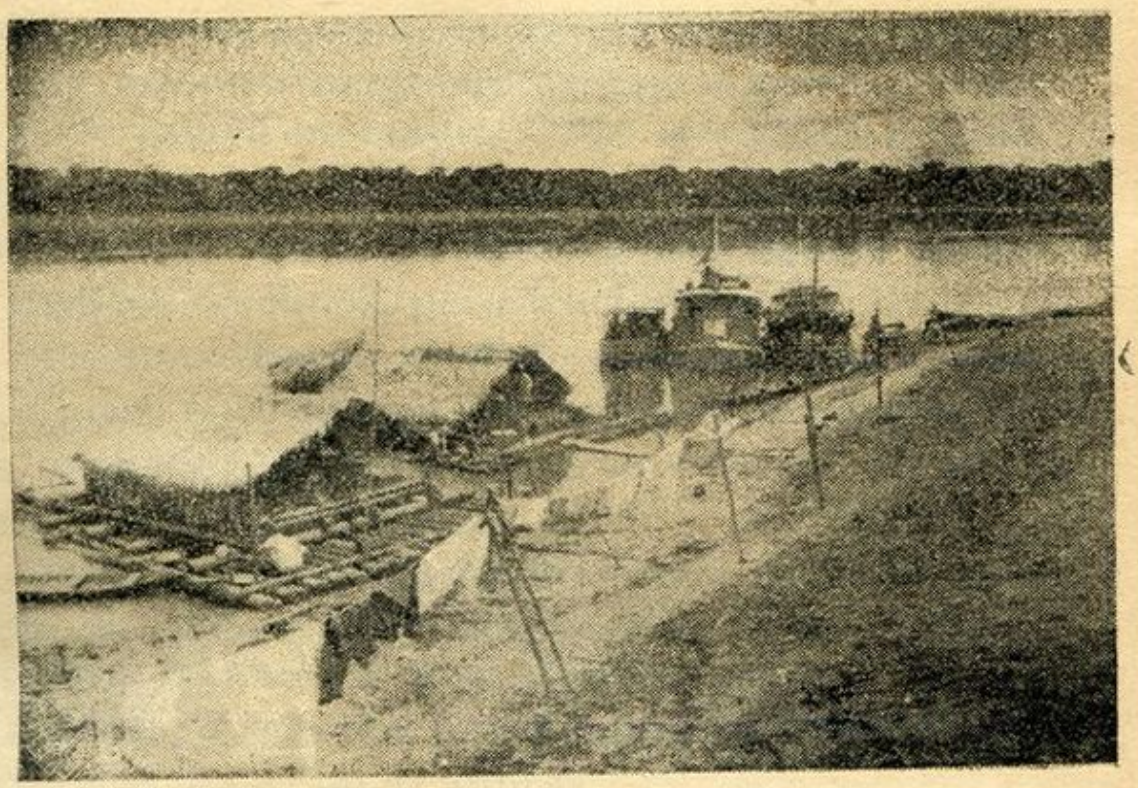
A 1 de Março de 1874, o insigne chefe brasileiro da comissão registrava no seu diário, dado depois à estampa, a passagem do aniversário natalicio de seu filho Otávio, assinalado por intensas comoções.

Desde a madrugada ouviam as turmas das chalanas os toques de trocano e o bater de sapopemas, alternadamente. Aliás esse sinal de rebate dos selvagens não ouviam êles pela primeira vez, mas nesse dia eram feitos mais cedo e mais próximo, o que dava azo a pensar num choque que não tardaria. Com efeito, segundo narra o Barão de Tefé, numa volta estreita do rio, a canôa que seguia na frente deu aviso de avistar selvagens. Êles se apresentavam a peito descoberto em grande número, e passavam de uma margem para outra por cima de uma árvore-ponte.

O capitão de fragata Von Hoonholtz quis aproveitar a ocasião para angariar as bôas graças dos selvagens, agitando da prôa da embarcação em que ia, uma toalha, e lhes oferecendo brindes. Por seu lado os índios mansos que faziam parte da comitiva, os Ticunas e os Jeveros falavam em dilecto ticuna e faziam gestos amistosos, mas sem resultado, pois os selvagens corriam mais velozes sobre as pontes e não atendiam aos apêlos.

O intrépido combatente na guerra do Paraguai tomou as providências que se impunham naquele lance da arriscada viagem.

Um mês decorrido desde que deixaram a foz do Javarí, morriam de febres e de beriberi o seu secretário, o jovem e ilustre capitão João Ribeiro da Silva, e tres marinheiros. O estrondoso bater da sapopema, espaçado e lúgubre, que o destemeroso oficial, no seu diário, compara ao "ribombar



Jangadas de retirantes cearenses. Tabatinga, 1935

de um canhão longínquo em salva compassada", já vinha se fazendo ouvir todas as manhãs e durante o dia, como já era conhecido o som cadenciado do trocano, nas selvas.

Esperava, pois, o oficial brasileiro, em meio às dificuldades e aos acidentes da temerária empreza, um encontro sangrento com os selvícolas. Esse combate estava iminente. O rio estreitava e o inimigo procurava intencionalmente uma melhor oportunidade para lançar-se sobre aquêle grupo de homens resolutos, para trucidá-los.

O futuro Barão de Tefé mandou que as embarcações encostassem na margem esquerda do rio, enquanto se cortava a árvore-ponte, ali atravessada sobre a corrente.

Êle e seu dedicado irmão Carlos puzeram-se a fazer as costumeiras observações astronômicas em terra. Sentinelas foram postas preventivamente nas imediações das extremidades da ponte e do local onde tomavam as alturas.

De repente ouviu-se o estampido de um tiro, seguido de outros mais. Von Hoonholtz correu, armado de sua Winchester, juntamente com seu irmão, dispostos a combater, para o lado dos tiros. "Os meus homens, diz êle, haviam cerrado o fogo e de joelhos em terra, resguardados por troncos colossais desta selva de gigantes que nos rodeia, espreitavam ainda em todas as direções, procurando devassar o interior daquele labirinto quase im-

penetravel aos próprios raios do sol". O homem que iniciara o fogo explicou que, percebendo um ligeiro movimento na folhagem que lhe ficava próxima, e pensando ser uma cobra jararacossú, das que muito abundavam ali, puchara o gatilho da arma, quando de uma moita ao lado saltou subitamente um selvagem, e logo sentiu uma flecha sibilar-lhe no ouvido. O tiro alcançou o índio na testa, o qual caiu logo, tendo morte instantânea. Outras flechas eram atiradas desordenadamente, de todos os lados, sem que, contudo, tivessem atingido as sentinelas.

O denodado chefe da expedição mandou transportar o cadaver para lugar mais limpo do barranco, e pôs-se a examiná-lo. Não pertencia a nenhuma das tribus dos Mangeronas e dos Catuquinas. Os índios domesticados, que acompanhavam a expedição, não reconheceram a nação a que pertencia o morto. Tratava-se, portanto, de representante de uma horda desconhecida dos poucos habitantes civilizados do Javarí.

Este fato verificou-se a 50 milhas acima do local em que o saudoso capitão João Soares Pinto, da campanha do Barão de Ladário, havia sido vitimado a flechadas.

Os audaciosos exploradores compreenderam que os selvagens vingar-se-iam fatalmente, e prepariam um combate encarniçado. Este combate veio cinco dias depois.

Antes, porém, da refrega os selvagens não cessaram de flechar as chalanas de emboscada e de dar rebate. O trocano era vibrado mais perto, os sons do bater de sapopema repercutiam mais fortes de dentro da floresta. Setas e setas vinham cravar-se nas canôas, ora no casco, ora nas resistentes redes de arame, trazendo os exploradores num constante sobresalto, numa permanente tensão nervosa.

No dia 5 de Março ia-se travar nas águas do majestoso Javarí uma luta tremenda.

O capitão de fragata Von Hoonholtz conferenciou com o seu digno colega peruano Don Guillerme Black, e, de comum acôrdo, resolveram diminuir o número de bôcas, porque lhes era impossivel aumentar os víveres. Desembaraçar-se-iam dos doentes e enfraquecidos, seguindo sómente os homens ainda válidos. A canôa com os doentes não chegou a voltar, porque daí a minutos feria-se a peleja. Ao contornar uma extensa praia da margem esquerda, viram os expedicionários uma outra das grandes pontes que os índios lançavam sobre o rio. Bem ao meio, enfincadas verticalmente, estavam duas flechas. Era o desafio indissimulavel dos habitantes daqueles sertões, que agora apareciam em bandos numerosos. "Todos achavam-se completamente nús, pintados de encarnado com o Tauá (argila vermelha), e tendo o cabelo atado no alto da cabeça em forma de penacho".

O tucháua trazia na cabeça "um cocar de grandes penas brancas; fazia uns movimentos com o corpo para a frente, como se quizesse arrojar-se à água, movimento que os outros imitavam, fazendo ondular o penacho de cabelos negros e longos, que ora lhes cobria o rosto, ora caia sobre as costas". Os roncos do peito, os gritos, o bater de pés no solo atroavam a selva. A vozeria era monstruosa.

Os soldados tomaram posição, adrede ordenada, e esperaram o ataque, que foi só de uma frente compacta, apoiada pelo grosso das forças que se conservava dentro do mato espesso.

Ainda uma vez foram inuteis as mostras de amisade e de paz, que lhes ofereciam os homens da guarnição e os índios, que a compunham. A essas demonstrações de paz retezaram os arcos e despediram uma nuvem de flechas, que atingiam as chalanas, no casco, no revestimento de tela ou iam-se cravar na areia. A essa saraivada de flechas envenenadas respondeu a turma com uma descarga cerrada de fusis. Os índios redobraram de furor guerreiro, e as fechas voavam, sibilando na direção das canôas próximas. As balas de fusis abriram claros nas fileiras dos terriveis selvícolas. Uma quantidade dêles avança sôbre a ponte, querendo realizar uma manobra envolvente, e atacar por dois flancos, o que seria talvez desastroso para a comitiva, que teria de lutar desespe-

radamente a golpes de baioneta. Mas, essa estratégia não se operou; e, quando o combate mais se encarniçava, eis que de repente, os selvagens correm desordenadamente, atropelando uns aos outros, sob um panico terrivel. O tucháua havia caido morto.

O destemeroso Sr. Barão de Tefé descreve desta maneira os depojos do principal dos índios, vitimado em combate:

"Aqui tenho junto a mim o seu singelo *diadema*, espécie de grinalda de penas todas brancas que hei-de conservar como memória deste dia tão feliz para nós, pois que, sem perder um só homem, firmamos com a vitória de hoje a nossa supremacia nesta região de selvícolas indomáveis".

Vitoriosos nesse tremendo embate, conseguiram os heróis dessa celebre jornada atingir o ponto mais remoto do caudaloso Javarí, cujo ramo principal foi seguido até que só havia um pequeno igarapé a sulcar, sendo necessário, de instante a instante, saltar nágua e empurrar as canôas a braço, ou então abrir caminho, cortando com os sabres os galhos mais baixos da "enorme abobada de verdura formada pelo arvoredo das duas margens".

Prosseguindo na derrota, agora pela mata, a pé, Von Hoonholtz, auxiliado por seu dedicado irmão, que se achava bastante doente, montou um ligeiro posto de observação, e tomava algumas séries de alturas, enquanto seu irmão contava "no

unico cronômetro que conserva marcha regular entre os nove que levou consigo".

Estavam na cabeceira principal do Javarí. "Ao fim de oito milhas de marcha, escreve o notavel astrônomo, em curtos zigs-zags, o igarapé perdeu-se em um igapó, sendo o terreno completamente pantanoso de Leste a Oeste.

Posso dizer que nesse lugar a fonte principal do grande rio Javarí brotava debaixo de nossos pés".

Tomadas as coordenadas, era preciso deixar alí um marco dos nossos limites. Von Hoonholtz mandou derrubar um tronco linheiro de pau mulato, e encarregou o carpinteiro Mirales de preparar uma grande cruz, que servisse de "símbolo de redenção". Este padrão foi erguido com as solenidades do estilo, enramada a cruz de frescas e floridas grinaldas de manacá. Escreveu os disticos no padrão divisório o desventurado irmão do Barão de Tefé, Carlos Von Hoonholtz, que, já estando bastante doente, veio a falecer, de baixada, no dia 21 de Março.

O marco apresentava as seguintes coordenadas: Lat. 6° 59' 29'', 5 Sul, Long. 30° 58' 26'' Oeste do Rio de Janeiro.

Para as nascentes do Javarí, (despresando os segundos) firmava-se: Lat. 7° 1' Sul; Long. 31° 1' Oeste do Rio de Janeiro.

Ainda ao explorar as nascentes do Javarí com Don Guillerme Black, alguns auxiliares e oito marinheiros imperiais, foram os viajantes agredidos pelos selvagens, que tiveram de ocultar-se, pelos disparos dos fuzis.

A descida custou esforços sobrehumanos. Impecilhos de barragens e estacadas, destinados a produzir naufrágios e submersão de canôas, foram em bôa hora vencidos, e os viajantes, com a comitiva profundamente desfalcada de bons e leais companheiros, chegavam a Tabatinga, uns deprimidos e exaustos, e outros gravemente enfermos. (1)

O sacrificio foi ingente, mas o marco glorioso da cruz de pau mulato, engrinaldado de flores odoriferas de manacá, lá ficou na rudeza florestal da nascente do famoso "Nilo brasileiro".

Não foi esta a última expedição mandada ao importante rio, com o fim de verificar a sua principal nascente. Coube ao distinto coronel Cunha Gomes chefiar a terceira comissão, que se remontou até à cabeceira do "Jaquirana", com um curso de setecentas milhas, e considerado o prolongamento do Javarí. A primeira nomeação de chefe da comissão recaiu no coronel dr. Taumaturgo de Azevedo, que, dissentindo do governo,

---

(1) "Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro". Tomo IV. 3.º Boletim. 1888.

pediu demissão, sendo substituido pelo capitão-tenente Augusto da Cunha Gomes.

Este proveto oficial conseguiu chegar ao marco divisório, deixado pelo Sr. Barão de Tefé, na fonte terminal do "Jaquirana", achando, segundo as observações que fez, uma diferença na Lat., que calculou em 7° 11' 48'', 10 S.

Como as dúvidas sobre a verdadeira nascente do Javarí continuassem a suscitar discussões, o governo encarregou, em 1901, ao competente e conhecido astrônomo dr. Luiz Cruls, o reconhecimento exato da posição a fixar. Seguindo para aquela fronteira, o acatado cientista, ao cabo de longas observações, pôde apresentar o resultado dos seus estudos meticulosos, precisando rigorosamente a latitude e a longitude, em que o padrão nacional podia ser erguido, afirmando a nossa soberania.

FESTA ESCOLAR

Da esquerda para a direita edificios da Prefeitura e da Estação postal-telegráfica e casa de residência do Prefeito.

Panorama Socíal

El-rei de Portugal, tendo em vista o bem comum dos moradores do Grão-Pará e Maranhão, à civilização dos indios e o seu ingresso à fé católica, resolveu crear mais um governo nos confins ocidentais dêsse Estado. A carta-régia de 3 de Março de 1755, dava instruções a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão general em Belém, e outorgava-lhe poderes para o fiel cumprimento de suas determinações.

O chefe do novo governo era chamado governador da Capitania de São-José-do-Rio-Negro. O território do aludido governo se estenderia pelas duas pares do norte e do ocidente até as duas raias setentrional e ocidental dos dominios de Espanha, ficando ao seu ilustre delegado a faculdade de delimitar a nova unidade política pelas partes do oriente e do meio-dia.

Com este objetivo baixou o soberano a carta-régia, com a data acima, creando a Capitania de São-José-do-Rio-Negro, cuja capital devia ser a aldêia de S. José, que mandou erigir entre a bôca oriental do rio Javarí e a aldeia de S. Pedro, a qual foi elevada à categoria de vila.

Aos vassalos que fossem residir na vila concedia o soberano privilégios, prerogativas, isenções e liberdades, mandando que êles gozassem dos mesmos privilégios e prerrogativas concedidos aos do Pará, que os oficios de justiça não fossem dados

de propriedade, nem de serventia sinão aos que lhe fossem moradores nela; que os habitantes da vila não pagassem mais emolumentos aos oficiais de justiça e fazenda do que pagavam os da cidade do Pará; que ficavam isentos de pagar quaisquer fintas, talhas, pedidos, ou outros tributos, pelo espaço de doze anos, exceto os devidos a Deus dos frutos da terra, os quais deveriam pagar sempre, como os demais moradores do Estado; que não fossem executados por dividas contraidas fora dela, e de seu distrito, durante os tres primeiros anos da sua elevação à vila, ou do estabelecimento dos moradores, exceto aqueles individuos, que se levantassem com a fazenda alheia, que estavam obrigados a satisfazer os seus débitos pelos meios regulares de direito.

Indicava o principe o local da vila, o plano urbano, que havia de obedecer, a forma das casas e das ruas. As casas deviam ter uma feição uniforme pela parte exterior, embora da outra parte interior as fizesse cada um conforme lhe parecesse. As ruas seriam largas e retas. Era já a preocupação urbanística elegante, que preocupava Sua Majestade Católica.

Recomendava que, achando-se o seu delegado nesta parte do Estado, fosse à referida aldeia de S. José, e depois de publicar a carta-régia e de relacionar os habitantes, marcasse dia para, com o concurso do povo, assinalar o lugar mais próprio afim de servir de praça, e levantar no meio dela o pelourinho.

Que se construisse uma igreja com espaço suficiente para quando a população aumentasse, e do mesmo modo se reservasse lugar para se edifi-

carem as casas da vereação e audiência, cadeia e mais oficios públicos.

O terreno para as habitações e quintais seria dado gratuitamente aos moradores.

Mandava que fossem concedidas à Camara quatro léguas de terras em quadro para seu patrimôno.

Dizia o régio documento que na nova séde do governo houvessem dois juizes ordinários, dois vereadores, um procurador do conselho, um escrivão da Camara e outro do público, judicial e notas.

Como se vê da carta-régia, a capital da nova Capitania seria a aldêia do Javarí, para esse fim elevada à vila.

Mendonça Furtado, a principio, não dissentia dêsse plano. As suas vistas estavam voltadas para a fronteira ocidental. Era o Javarí a região, aonde o diplomata português queria levar um pouco da opulência de Belém

Não obsante êsses desejos expressos, tomou outra deliberação, e quando teve de fundar a nova capitania, escolheu para a capital, não S. José do Javarí, e sim a longinqua aldeia de Santo Eliseu de Mariuá, a que impôs o nome de Barcelos, no rio Negro.

Joaquim de Melo e Póvoas, nomeado governador com a patente de coronel, ao investir-se nas funções, restabeleceu a primitiva denominação de Capitania de São-José-do-Rio-Negro, e não São-José-do-Javarí, como consta do diploma régio de sua nomeação.

Contava a Capitania várias povoações e vilas, mais no rio Negro, onde o seu número se elevava a 26, do que nos outros rios. Humboldt informa que

o desenvolvimento do rio Negro, em comparação ao do Orinoco, ou Guiana espanhola, era devido à facilidade com que se navegava no Amazonas, que se estende largo em uma mesma direção de oeste a leste, o que permitiu à população portuguêsa expandir-se mais rapidamente. Segundo o testemunho deste sábio, as margens do rio Negro eram cheias de opulentas culturas e cobertas de grande número de vilas e povoados, até S. José de Marabitanas

Todavia, o motivo do maior povoamento dos rios Amazonas e Negro sobre o Orinoco, não se explica só pela derivação da majestosa corrente de norte-oeste a sudeste, sinão tambem pelas suas instituições políticas. O Barão de Humboldt diz que, sob o regime colonial, os indios dependiam ao mesmo tempo de chefes militares e civis e dos religiosos do Monte do Carmo. No Orinoco os indios viviam unicamente debaixo do mando dos padres da Observância, que enfeixavam todos os poderes nas mãos. Estavam sob uma verdadeira escravidão, enquanto que, no rio Negro, gozavam um pouco de liberdade e de maior influxo de civilização.

Os governadores cuidavam da instrução, das indústrias e da agricultura, incrementando o plantio de muitas espécies ainda não adaptadas ao solo, e aumentando outras culturas existentes. Alexandre Rodrigues Ferreira descreve minuciosamente a produção do rio Negro, desde as paragens do Waupés até o Solimões.

Olhos percucientes, sabedoria filosófica, dom de observação, conhecimentos especializados, tais

os tributos desse incançavel sábio, que realizou uma obra verdadeiramente notavel sobre a flora, a fauna, os indios, os povoados, a fisiografia da terra, sua riqueza, organização politica, valor dos homens que manobravam as rédeas do governo, missionários, meios de transporte, produtos naturais, estragos de tartarugas, pesca, revoltas, guerras, lendas, tudo. O Solimões, mais afastado da órbita de suas investigações, não teve a mesma minudência de informações.

As missões vegetavam. Os povoados quedavam-se bisonhos. O comércio de indios escravos e das drogas do sertão era coisa comum nêsse vasto mundo aquoso, nessa mesopotâmia deslumbrante.

Frustado o cumprimento do Tratado de 1777, a que a guerra, que sobreveio, entre Espanha e Portugal, pôs fim, os dissídios de fronteira voltaram ao estado anterior.

O governo do vice-reinado de Lima não pôde ampliar a sua esfera de ação politica-administrativa sinão até "as fronteiras das colonias portuguesas, que eram, então, Tabatinga, por um lado, e, do outro, as aldeias das missões do Japurá, acima da bôca do Apaporis".

Em quase todos os quadrantes os fogos dos fortes portuguêses detinham o passo ao invasor, e asseguravam a nossa ocupação e dominio.

No Solimões, perto do Javarí, levantavam os colonos, em 1766, o forte de Tabatinga.

Tabatinga

Tabatinga, que tira o seu nome, segundo Elysée Reclus, da argila de suas barreiras, é um forte militar, criado pelos portugueses, em 1 776, na fronteira com o Perú. Para o lugar dêsse nome, que fica na margem boreal do Solimões, passou o destacamento militar que havia na povoação de S. José, assim chamada em homenagem ao rei de Portugal, D. José I, designado para fazer o registro das canôas, que passavam com destino ao povoado espanhol de Loreto. O alferes Francisco Coelho, comandante do destacamento, observou, porém, que elas se esquivavam ao registro, evitando tocar no posto fiscal; e, por êsse motivo, mandou postar, naquele ano, um contingente de tropa na margem oposta, no sitio vizinho à aldêia de indios, denominada S. Francisco Xavier de Tabatinga, fundada pelo sargento-mór Francisco Franco, dando conhecimento dêsse fato ao governador do Grão-Pará, Fernando da Costa de Ataide Teive, que, alí, não só aprovou o ato, como ordenou, a construção de um forte para guardar a fronteira.

Em ofício datado de 8 de Março de 1770, dizia o capitão-general João Pereira Caldas, ao marquês de Pombal:

"Havendo, porem, hoje uma povoação de Indios chamada São Francisco Xavier de Tabatinga a hum dia ou dia e meio de distancia para cima da Villa de São José do Javary, e na margem oposta do Rio Amazonas, e reconhecendo-se-lhe sem duvida as maiores vantagens de huma tanto melhor e tanto mais dominante situação, como tambem a de ficar tanto mais vizinha aos dominios hespanhóes, que até por terra se pode com elles communicar; julguei nestes termos que fazia melhor serviço a Sua Magestade em mandar ali estabelecer a feitoria que o mesmo Senhor determinava se construisse na Capital e Villa de S. José, a qual julgo tambem conveniente transportar-se para a referida povoação da Tabatinga, afim de nos fortificar-mos mais nas raias e vizinhanças dos dominios de Hespanha, e se fará assim se Sua Magestade o houver por bem, não esperando eu igualmente como devera a sua Real Rezolução quanto á mudança da feitoria, referida, por não retardar a execução de tão recommendados estabelecimentos, e por me persuadir que o motivo que só me interessa o melhor servir ao mesmo Senhor me não poderia adquirir por isso o Seu Real desagrado. " (1)

A freguezia é da mesma data da fundação do presídio, 1766.

---

(1) Dr. Manuel de Melo Cardoso Barata. "Apontamentos para as Efemérides Paraenses". Rev. do Inst. Hist. Tomo 90, Vol. 144.

A vila do Javari, a jusante, ficava sob a administração do comandante de Tabatinga, o sargento-mór Diogo Luiz Rebelo que, sendo cumpridor de suas obrigações, se empenhava em praticar descimentos.

Toda a lavoura consista em roças de mandioca.

O comércio da canoa do sertão era feito por indios dessa vila e de Tabatinga.

Em São-José-do-Javarí havia uma igreja, desprovida de retábulo e ornamentos.

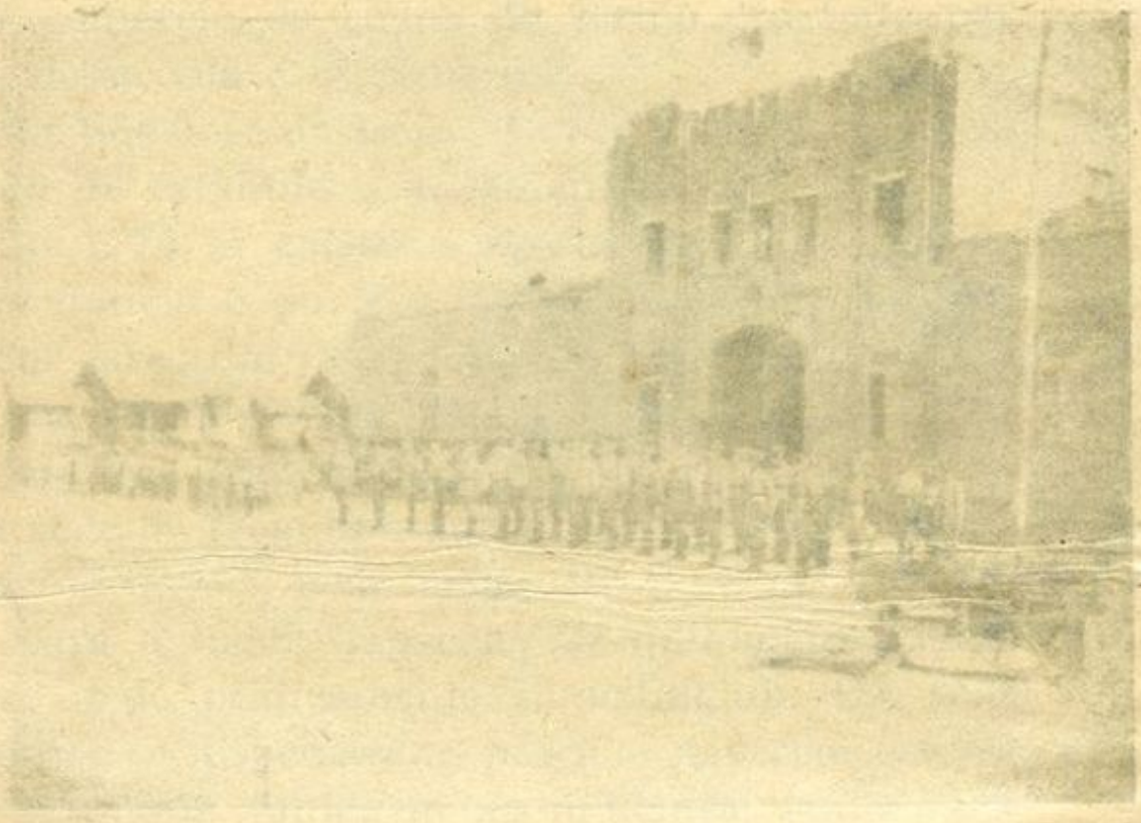
Em 1774 já existia a igreja de Tabatinga, de que dá noticia o ouvidor Ribeiro de Sampaio. Era tambem carecedora de retábulo e alfaias. "A igreja deste lugar se acha em estado mediano, mas falta de retábulo e ornamentos." (1)

A sede da freguezia dessa aldeia passava, quase um século depois, pela lei n.º 310 de 8 de Maio de 1875, para o lugar Capacete, 27 quilometros mais abaixo, onde praticamente se extinguiu. Os seus moradores se dispersaram, por não haverem encontrado nenhuma vantagem na mudança, tanto mais quanto a Agencia do Correio, creada em 1864, e a Mesa de Rendas tinham lá fciado. Tabatinga era porto de escala dosnavios, que navegavam para o Solimões e Javarí, destinando-se a Iquitos.

Depois que se estabeleceu a navegação a vapor, cessou por completo o serviço dos correios milita-

(1) "Apendice ao Diario de Viagem", 1774-1775.

Formatura do Pelotão Independente de Tabatinga e escola estadual Sete de Setembro, nas comemorações cívicas da Independência do Brasil, em Tabatinga.



Formatura do Pelotão Independente de Tabatinga e escola estadual Sete de Setembro, nas comemorações cívicas da Independência do Brasil, em Tabatinga.

res, que o comandante da fronteira de Tabatinga e dos outros destacamentos do Solimões mandavam a Manáus, em pequenas canôas tripulada por índios, para trazerem e levarem a correspondência oficial

O forte caiu em ruina. O mato obstruia a praça, as estradas desapareceram cobertas pela relva.

Quando por Tabatinga passou o tenente da marinha inglesa Lister Maw, vindo do Perú, numa dificil e aventurosa viagem por terra, viu no forte arruinado do Solimões seis bôas peças de bronze, de calibre seis e nove.

Descrevendo o povoado, diz que estava situado numa elevação do barranco, ficando o forte em lugar mais alto, dominando o rio. Havia um pequeno grupo de casas onde moravam o governador, o padre e a tropa constante esta de um sargento e quinze praças. Conheceu a capelão, o padre Bruno, natural de Havana, que tinha abandonado o Perú, por motivo da revolução que convulsionava aquele país, e aguardava na fronteira o desenrolar dos acontecimentos.

Desejoso de ver os índios, teve ocasião o tenente britanico de assistir à uma das dansas guerreiras dos Tecunas, que se apresentaram vestidos de camisolas compridas, fabricadas de cascas de árvores, enfeitadas de desenhos de animais, que êles simbolisavam. Os vastos camisolões iam da cabeça aos pés, com buracos nos olhos, no nariz e na bôca. Presos aos tornozelos, enfiados de castanholas, resso-

avam nos volteios das dansas. Êstes índios, que viviam afastados de Tabatinga, nos matos, só apareciam no forte para vender produtos espontaneos da terra ou quando se praticava alguma festa religiosa. Eram em grande número e inimigos dos terriveis e horripilantes Maiorunas.

Durante a festa, como de costume, correu o inebriante caxiri, de que os bárbaros fizeram copiosas libações.

O marinheiro inglês adquiriu em troca de espelhos, canivetes e anzois, preciosos objetos dos Tecunas, como gargantilhas de dentes de animais, vistosos cordões de penas de pássaros, cintos de plumas de araras, arcos, flechas, bichos estofados de algodão. (1)

O grande naturalista Von Spix, que tambem visitou o lugar, acha que a situação do forte era a mais apropriada, por isso que desse local "se tem a vista do rio bastante apertado e sem ilhas, na distancia de duas léguas a leste, até a foz do Javari, e, em uma e meia légua a oeste, até a ilha Xaraié; e a passagem do rio seria facil de dominar, ali estabelecendo algumas baterias."

Assistiu à uma das bacanais dos Tecunas fantasiados de animais.

Francis de Castelnau relata que, ao chegar a Tabatinga, o índio que servia de piloto da canôa,

---

(1) "Passagem do Pacífico ao Atlantico". 1831.

preparou-se com a sua melhor roupa para entrar no território brasileiro, e deu ordem aos remadores para executarem as manobras, que êle ia fazendo. Mas, no momento em que se aproximava do forte, um tiro de canhão saudou os viajantes. O piloto, que não esperava aquela saudação, abandonou o leme, os remeiros deixaram os seus bancos e esconderam-se no fundo da canôa, o pequeno indio Catama, que vinha acocorado em cima da tolda, arrojou-se ao fundo da canôa, dando gritos, que eram respondidos pelas araras e macacos, que o escritor francês trazia, de maneira que a embarcação desgovernada deslizou à feição da corrente, indo parar muito abaixo da praça de guerra.

O viajante francês refere-se aos Tecunas, que teve oportunidade de ver. Tinham, diz êle, o rosto riscado de tintas de genipapo e carajurú, e pelo corpo alastravam-se tatuagens da mesma côr. Referindo-se aos seus ritos, aludiu aos costumes de praticarem os Tecunas a circuncisão nos colomins e nas meninas novas. Pôs em relevo o nobre gesto dos selvagens de mostrarem-se superior ao sofrimento, colocando a mão pelo tempo necessário em um receptáculo de fibras, cheio de formigas, cuja ferroada não só é dolorosa, como venenosa, sem um sinal de constrangimento ou de dor.

O sábio francês obteve dos índios, como Lister Maw, os documentos etnográficos que pôde, como

zarabatanas, cuidarús, torés, membís, maracás, diademas de penas refulgentes.

Ao deixar Tabatinga foi Castelnau homenageado pelo comandante do forte, que lhe proporcionou embarcações e remeiros além do prático. (1)

A. C. Tavares Bastos, o valente defensor da liberdade da navegação no Amazonas, em viagem à fronteira ocidental, não encobre a sua desolação ao defrontar o forte. Quando cuidava, diz êle, encontrar ali um verdadeiro forte militar, uma fortificação, deparou com uma aldeia humílima, onde não havia uma muralha de pedra, quanto mais um forte. "Em Tabatinga, escreve, serve de quartel do destacamento uma grande palhoça, colocada sobre um montículo, que domina o rio. Na frente flutúa a bandeira brasileira." O seu calor patriótico expande-se ante o pavilhão nacional, hasteada, a 1.800 milhas do oceano, no ponto mais ocidental do Brasil, no caminho dos Andes. Todavia, refreiando o surto cívico que lhe flamejava nas veias, exclama: "Mas essa bandeira está cercada de quatro canhões assentados no chão primitivo; dois de ferro, calibre 12, dois de bronze, calibre 4. Estes últimos trazem a data de 1714, e todos têm a corôa portuguesa. Nem siquer poderão dominar o canal aì. Nem siquer as carretas de madeira, expostas ao tempo, montadas no chão, oferecem segurança".

---

(1) "Expédition dans les parties centrales d'Amérique du Sud." Tome cinquiéme. Paris. 1851.

Julgava o renomado autor de "O Vale do Amazonas", (2) cuja natureza complexa e dons fulgurantes de talento, celebrou, há pouco, em livro, Carlos Pontes, com finura e extensão de análise, que eram perfeitamente inúteis aquelas "columbrinas portuguesas para atacar navios bem construidos, e de casas de palha para o aquartelamento de tropa, de depósitos de munições, visto que nada de hostilidade se podia esperar dos nossos vizinhos peruanos."

A freguezia de Tabatinga tinha apenas 624 habitantes, quase todos índios, que só falavam a lingua geral.

Em 1867 eram reconstruidas as fortificações sob a direção do 1.º tenente de engenheiros Eduardo José Morais. Para Tabatinga seguiram cinco mil tijolos de alvenaria, cincoenta padiolas e dez cavaletes.

Como se tornasse preciso um barracão para depósitos de madeira e outros materiais, a-fim-de facilitar o aparelhamento da madeira, foi instalada uma serraria no Javari. Iniciou-se o fabrico de tijolos e telhas.

Prestaram seu concurso nessa remodelação os engenheiros Leovigildo de Souza Coelho e o major dr. Francisco Pereira de Aguiar.

O então presidente da provincia tenente-coronel

---

(2) Obra publicada em 1866.

Sebastião José Bazilio Phirro foi a Tabatinga ver o progresso das obras, recebendo bôa impressão do que lá estava.

Em 1874, tendo sido o tenente-coronel Clarindo de Queiroz nomeado inspetor das fortificações e diretor das obras militares das fronteiras do Amazonas, escreveu um relatório, em que expõe o estado do posto de Tabatinga, e dos serviços que havia empreendido. O seu primeiro cuidado foi executar a construção de edificios para acomodação de oficiais da guarnição, e de grande quantidade de munições, que encontrára recolhidas a um quartel de palha. Servia de casa do comando um pardieiro coberto de palha, com paredes de taipa, construido de 1858 a 1862. Havendo encontrado os alicerces de um novo edifício iniciado e abandonado, em lugar mais apropriado continuou a edificação, substituido os esteios estragados, e cobrindo-o de telhas fabricados de barro extraído de um igarapé próximo. Reformou a olaria, levantou um pequeno depósito de paredes de tijolo, assoalhado e coberto de telhas, para guardar as munições, reformou o quartel.

Outros viajantes deixaram impressões de Tabatinga.

Agassiz subiu com sua mulher, no vapor "Ibicuí", até aquela fronteira. Desceu em terra, respirou o ar saturado do ité das matas profundas, e contemplou a paisagem que achou uma das mais encantadoras.

"Os arredores de Tabatinga, onde se contam duas ou tres ilhas, numerosos igarapés, indo ter ao rio, e a larga embocadura do Javari, são uma das paragens mais pitorescas do Solimões."

Elisée Reclus sentiu o coração apertado pela solidão imensa ao navegar no Amazonas. Tabatinga, para o notavel geógrafo, reduzia-se a "uma pobre aglomeração de choças."

Torquato Tapajós marca-lhe a distancia em que está do mar — 1.729 milhas, e a altitude de 80, 40 ms.

Astronomicamente acha-se Tabatinga a 4° 14'30 de latitude e 36° 46'24" de longitude 0. de Grew.

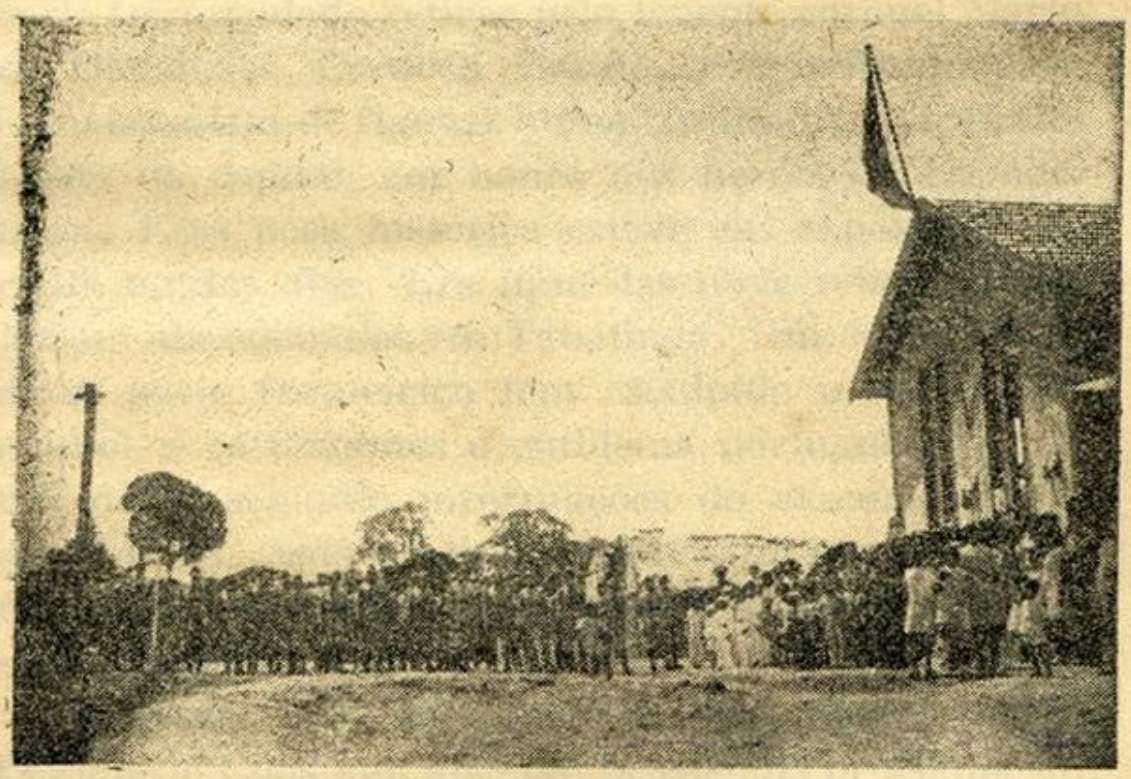
O erudito cientista caba-lhe o clima, — saudavel, sempre arejado por ventos constantes; bons veios dágua. Achou a média termométrica geral de 28° 1, e a média barométrica de 755, m 577. A alimentação facil e fresca. Bons peixes, muita caça. Local plano e elevado. Vista linda para o rio.

"Há, porém, uma cousa terrivel, que persegue descomunalmente o habitante, escreve Torquato Tapajós, é o mosquito, que afeta todas as formas possiveis." Muitas vezes é preciso fazer as refeições debaixo de mosquiteiro. Agassiz refere-se tambem à bicharada insuportavel, o pium, de dia, o carapanã, à noite, e quando lá esteve o mestre de geologia e hidrografia, viu-se na contingência de recolher-se a bordo, antes do lusco-fusco.

Torquato Tapajoz, nome conhecido no Amazonas, como um dos seus mais idôneos representantes nas questões históricas e em climatologia, citando o dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, descreve o reduto de fronteira deste feitio: "A fortificação compõe-se de uma grande zona em terreno plano onde se acham colocados tres ordens de trincheiras para o lado do rio, sendo a primeira na parte superior com doze bôcas de fogo; a segunda no meio com quatro e a terceira ao lume dágua com tres. Acham-se, porém, todas mais ou menos estragadas, assim como as outras edificações, inclusive o quartel construido em 1873".

O dr. José Paranaguá, então presidente da provincia, batia-se pela transformação do forte em uma colonia militar, que traria a conveniência de "atrair novos moradores para a localidade, onde até há pouco tempo, existia uma freguezia, centro de numerosa população, que entretinha um comércio regular com lavouras fixadas em terreno fertil."

A idéia do saudoso presidente objetiva-se presentemente, como um dos problemas mais importantes para a nação. Tal medida foi iniciada pelo destemido desbravador do sertão, sr. general Candido Rondon, e agora a providência é revivida pelo Estado Novo, com a remodelação da Inspetoria Especial de Fronteiras, subordinada ao Chefe do Estado Maior do Exército.



Casa para escola, mandada construir pelo Snr. Interventor Federal dr. Alvaro Maia em Tabatinga, na administração do Prefeito coronel Nelson Noronha. Fotografia tirada no dia da inauguração.

Em 1932 desapareceu o antigo castelo que existiu em Tabatinga, o qual se desmoronou em consequência da queda do barranco, provocado pela correnteza do rio.

Em 1936, um dos canhões de bronze do velho forte foi mandado retirar pelo tenente-coronel Mário de Magalhães Cardoso Barata, e conduzido para Manáus, a-fim-de figurar numa cerimônia cívica celebrada na capital, em honra aos heróis de Copacabana. Essa peça histórica esteve em exposição durante muitos dias. Era uma das nove reliquias que jaziam abandonadas em Tabatinga. Um dos canhões desse pôsto fronteiriço tem esculpido o escudo espanhol, e os restantes o emblema português. "Cada um dêles, segundo informações do ex-comandante do 27 B. C., está avaliado atualmente em cincoenta contos de reis, pois todos têm o fundo revestido de ouro massiço." (1)

Sabe-se, por ser corrente no Município de Benjamim Constant, que, por ocasião da proclamação da República, foi destruida a igreja de São Francisco Xavier dêsse longinquo povoado, sendo a imagem do padroeiro, os sinos e outros objetos conduzidos pelos devotos para o lugar Belém, no Município de São Paulo de Olivença, onde ficaram entregues ao sr. Romualdo Mafra. Da referida igreja, que foi a primeira construida no município, ainda exis-

---

(1) "O Jornal" (Manáus) edição de 1 de Outubro de 1933.

tiam, em 1936, os escombros, hoje desaparecidos completamente. Foi seu último vigário o Revdmo. padre dr. Naro, de nacionalidade italiana.

O dr. Alvaro Maia, ilustre Interventor Federal no Amazonas, prestando, em relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República, informações sôbre a situação das nossas fronteiras, escreveu: "A fronteira de Tabatinga, que atesta nas ruinas as atenções que outrora recebeu, reclama a solicita assistência do Poder Federal. É certo que ali se construiram, no ano findo, um pequeno quartel e sete casas de madeira para moradia das praças, em lugar afastado da margem do rio e onde existe terra firme; mas o contirgente militar, nominalmente de trinta praças, raramente conta esse efetivo e está, há algum tempo, sob o comando de um sargento, substituido eventualmente por um cabo. Em contraposição, na vizinha Leticia, permanece um batalhão comandado por tenente-coronel, que tem às suas ordens moderno material bélico, além de um hospital aparelhado para atender ao serviço da tropa." Depois de outras considerações, o dr. Alvaro Maia insiste na criação de um aparelhamento técnico hospitalar, que possa assistir e socorrer à população daquela zona fronteiriça, onde campeiam flagelos, que o Estado, com os recursos que possa proporcionar por intermédio do Departamento de Saúde Pública, não póde combater com eficácia.

A propósito, transcreve a observação médica do dr. Joaquim Augusto Tanajura: "Entre as doenças aí reinantes, a dematomicose denominada "pinta", prendeu-me a atenção pelo grande número de casos existentes. É enfermidade que não produz distúrbios no organismo, mas, pela aparência asquerosa, atemoriza a quantos se aproximam dos seus portadores. Os doentes revelam manchas cutâneas com pigmentação diversa, no rosto e no corpo, variando a colaboração entre o branco, azul, vermelho, violeta e negro. Em alguns enfermos o aspecto do rosto é medonho, com o aglomerado de manchas azues, violetas e negras, formando uma máscara deveras aterradora." (1)

Tabatinga atualmente é sede de um Pelotão Independente, sob o comando de um 1.º tenente. É iluminada à luz elétrica, possue campos de jogos desportivos, várias casas boas para instalação do pessoal, uma estação rádio-telegráfica, e uma ampla enfermaria.

A guerra entre o Perú e a Colombia determinou a remessa de tropa para essa fronteira. Não sòmente para Tabatinga, como para outros pontos, o governo brasileiro enviou forças.

Além dos batalhões do Exército, foram mandadas vir para o Amazonas divisões aéreas de reconhe-

---

(1) "Exposição." 1938.

cimento e bombardeio, e ainda os navios da flotilha, que estacionavam em Belém. Essas providências eram naturalmente tomadas para garantir a segurança de nossas fronteiras e manter a nossa neutralidade, em face do conflito. O comando geral das forças de terra e aéreas foi confiado ao ilustre sr. general Almério de Moura, e o da flotilha ao sr. capitão de fragata Lemos Bastos, hoje contra-almirante. Servia de navio capitânia o couraçado "Floriano". O aviso de guerra "Mário Alves", sob o comando do capitão-tenente Alvaro do Cabo, foi encarregado de fazer o policiamento na zona conflagrada.

O general Almério de Moura, durante o tempo que durou a luta, transportou-se a varios lugares do Solimões e Içá, em serviço de inspeção, recolhendo-se a Manáus, onde ficou o quartel-general.

A guerra entre aqueles dois paises iniciou-se com a invasão de Leticia, perto da fronteira de Tabatinga, em 1932. A luta sangrenta não teve maiores consequências, por causa da interferência amistosa de alguns paises americanos e, especialmente, do Brasil, que conseguiu com a sua diplomacia resolver pacificamente o litígio, quando já algumas batalhas se travavam no Putumayo, em Cotuhé, em Taparacá e Guepi.

Formavam a esquadra colombiana os seguintes navios: "Mosquera", "Boiacá", o destroyer "Mariscal Sucre", as canhoneiras "Cartagena", "Pechincha", "Santa Martha", "Barranquilla", "Bogotá",

"Cordoba", além do Nariño. Estas forças estavam a principio sob a chefia do general Vasques Cobo, depois substituido pelo general Efraim Rojas.

Terminado o dissidio por força de acôrdo honroso entre as duas nações, foi nomeada a Comissão Mixta, de que trata o Protocolo de 24 de Maio de 1934, a qual se instalou em Manáus, no dia 23 de Julho do referido ano. A comissão compunha-se dos srs. general Candido Rondon, presidente, capitão Joaquim Rondon, assistente técnico do presidente, dr. Joaquim Augusto Tanajura, secretário geral e médico da comissão, Armando Amorim, primeiro datilógrafo contador, Aldo Moraes, segundo datilógrafo, um rádio-telegrafista, um ajudante de rádio-telegrafista e um datilógrafo para o presidente.

A comissão, segundo havia deliberado, seguiu até Leticia, daí dirigiu-se ao rio Atacuari, passando ao Içá ou Putumayo até Puerto Assis, percorrendo os afluentes navegáveis dessa corrente.

Ao chegar, no vapor "Vitoria", a Benjamim Constant, a ilustre comissão encontrou naquela cidade o sr. Inacio Moreno, intendente nacional no Amazonas, o alcaide de Leticia e o comandante da guarnição, que ali foram levar cumprimentos de bôas vindas aos representantes brasileiros. Proseguindo viagem no mesmo vapor, os membros da Comissão Mixta estiveram em Leticia, onde foram recebidos condignamente. Em Tabatinga, foi-lhes oferecido um opiparo almoço de cordialdiade em

que tomaram parte as autoridades de Leticia. Depois seguiram até La Vitoria, visitando os povoados às margens do Marañon, sendo em todos os lugares bem recebidos.

De baixada estiveram em Ramon Castilla, descendo daí para o Içá, por onde entraram, seguindo até Puerto Assis, com escala em portos peruanos e colombianos. Em Puerto Assis a comissão foi recebida por Fray Gaspar Moncornill, bispo titular de Cadoccio e vigário apostólico de Caquetá, pelos padres da Missão Capuchinha e autoridades. Viajou pelos rios S. Miguel, Guepi, Caucaya, Erê e Algodón. Foi a Santa Clara e Taparacá. "No percurso realizado a comissão pôde verificar o bom espirito de confraternidade que anima a população das margens que limitam o Perú e a Colombia, distinguindo-se muito especialmente os componentes das distintas guarnições militares."

No substancioso relatório apresentado pelo general Rondon ao governo, estão descritos pormenorizadamente a região percorrida, suas povoações, estabelecimentos, instituições, condições de salubridade, meios de transporte, indústrias e agricultura. Encara o ilustre militar o grave problema da civilização dos índios com elevado descortino.

O cap. Joaquim Rondon fez o levantamento do rio Içá, do qual desenhou um mapa do trecho percorrido.

A comissão dirigiu-se depois a Iquitos, capital do Departamento de Loreto. Fixou residência em La Vitória, onde permaneceu o tempo previsto no "Memorandum de Procedimentos", dando integral e brilhante desempenho à sua delicada e nobre tarefa.

O governo nacional baixou o decreto-lei, n.º 1.164, de 18 de Março de 1939, dispondo sobre concessões de terras e vias de comunicação na faixa da fronteira, bem como sôbre as indústrias ali situadas.

Em outro decreto-lei, n.º 1968, de 17 de Janeiro de 1940, regulou as concessões de terras e os outros assuntos da lei anterior.

Pelo decreto-lei n.º 1.351, de 16 de Junho de 1939, criou colonias militares de fronteiras, para o fim de nacionalizar as fronteiras do país, estabelecer núcleos nas ditas fronteiras, promover o desenvolvimento da população nacional nas zonas ou localidades fronteiriças, onde haja exploração de minas industrias pastoril ou agrícola em mãos de estrangeiros do país limítrofe.

Benjamim Constant

O local em que se assenta a cidade de Benjamim Constant, o qual tinha anteriormente o nome Esperança, era de propriedade particular do snr. Pedro Ferreira de Souza. Latifúndio de grandes dimensões, medindo 673. 334 m2, com um perímetro de 3.466,50 metros lineares, foi aos poucos se povoando. Moradores que chegavam, pessôas vindas do Javarí e outros pontos, pediam e obtinham licença para construir barracas. Não tardou, com a instalação do município, a reunir grande número de habitantes.

A lei que criou o município e conjuntamente o termo judiciário, com sede em Remate de Males, dava ao governador do Estado poderes para escolher outra sede em lugar que julgasse mais apropriado.

Por força da insalubridade de Remate de Males o governo autorizou o juiz a residir em Santo Antonio, localidade que fica mais abaixo de Esperança. O desenvolvimento, porém, deste povoado,sito à bôca do rio Javarí, superou Santo Antônio, cujas condições topográficas não eram iguais às dêsse núcleo nascente.

Lugar aprazivel, de excelente vista para o rio Solimões, ocupando terra firme, coberta de bosques, era Esperança o ponto mais apropriado para sede da Comuna e do termo judiciário. A lei n.º 1.374, de 4 de Junho de 1928, determinou a transferência da sede, que era inaugurada a 4 de Junho do mesmo ano.

Aliás o povo de Remate de Males, pelas suas classes mais elevadas, se antecipou a êsse ato do governo, porque muitos moradores dessa vila deixaram os seus penates lacustres e vinham convalescer ou reconstituir-se em Esperança, que lhes acenava com ares sadios e horizontes desafogados. Outros passaram a ter alí residência.

Em cumprimento à lei que autorizou a transferência da vila, começaram as construções destinadas à Prefeitura e às outras repartições públicas. Já em Esperança tinha sido instalada a Estação do Rádio, quando o governo federal houve por bem introduzir este melhoramento em Benjamim Constant.

Concomitantemente com a construção dos edifícios públicos, vieram as residências particulares, não havendo bairro especial de palacetes residenciais. Continuava, porém, a nova sede e cabeça do termo com o nome primitivo — Esperança, quando o glorioso desbravador dos sertões ignotos de Mato Grosso, general Candido Rondon, sugeriu, em patriótico apelo ao capitão Nelson de Melo, então

Interventor Federal no Amazonas, a mudança do nome Esperança para o do grande cidadão, que se chamou Benjamim Constant, e que já honrava com a intensidade luminosa de seu nome inolvidavel o município fronteiriço. Veio então o ato de 31 de Dezembro de 1934, que declarou ficar prevalecendo em Esperança a denominação de Benjamim Constant.

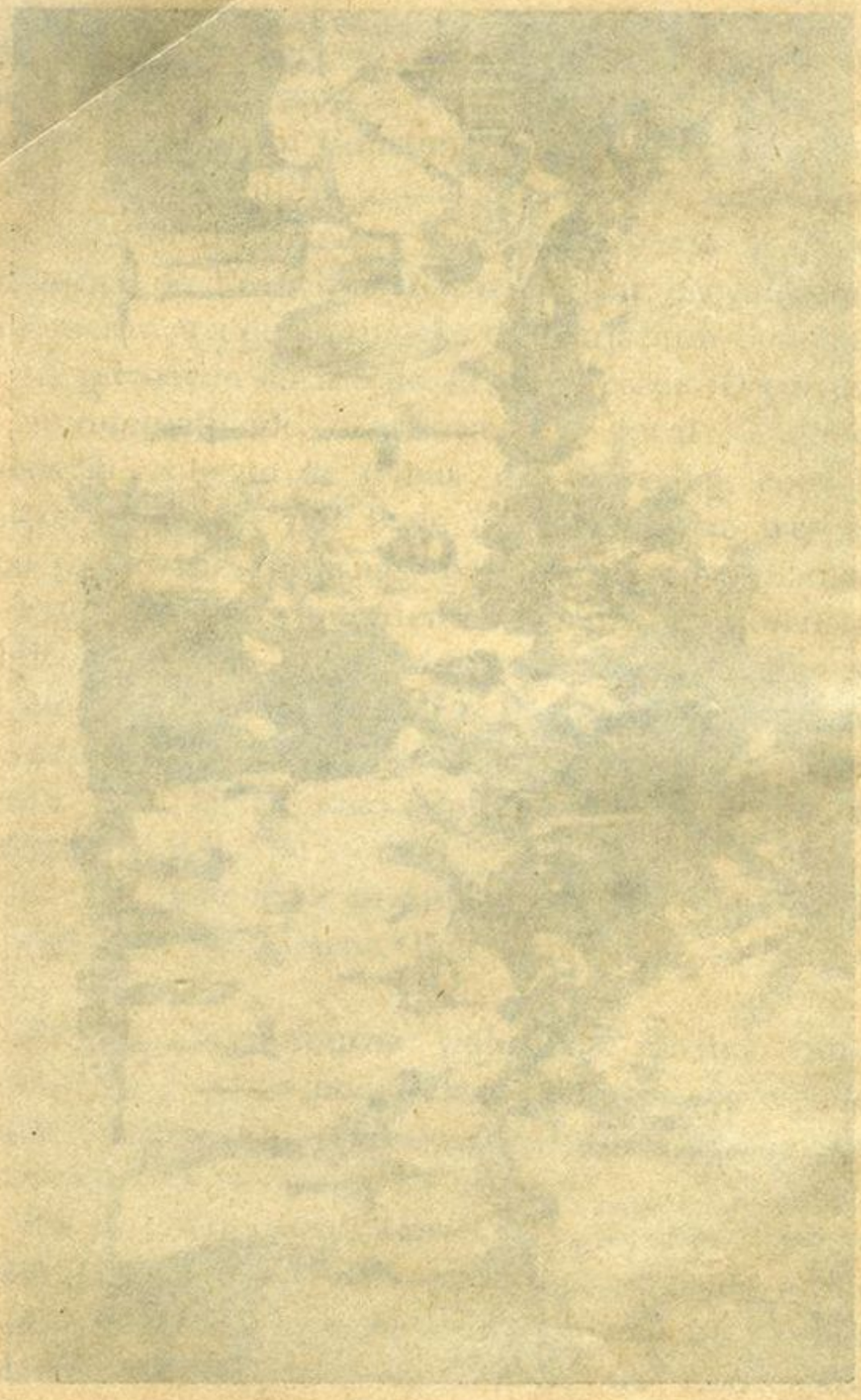
A povoação da foz do Javarí cresceu. O edifício da municipalidade aformoseou o local. Todo de alvenaria, coberto de telhas de marselha, com 11 metros de frente por 9 de fundos, possue tres espaçosas divisões internas, para secretaria, gabinete do Prefeito e funcionamento do Juri, e audiências públicas do juiz. Mais além instalou-se a Usina de luz elétrica, tambem coberta de telhas, com seção de máquinas, mosaicada para motor possante, marca "Seffle", 12 H. P. com dinamo 220 volts, e capacidade de 6 K. W.

A um lado uma grande ponte de madeira de lei, medindo 65 metros, liga Esperança ao Bairro Alto.

Praças, logradouros públicos, jardins, uma capela e uma igreja completam a pinturesca cidade, com o seu pequeno mercado, o seu posto profilático, o seu posto metereológico e escolas.

Os piedosos missionários franciscanos haviam dotado Esperança de uma capela consagrada a São Francisco. Não tardaram a erguer uma bela igreja matriz, que tem por orago N. S. da Conceição.

Banda de Música da Prefeitura Apostólica do Alto Soilmões. Ao centro vê-se o Revmo. prelado Frei Tomaz de Marcellano



Fundaram um colégio, cuja direção está confiada às zelosas Irmãs Franciscanas Capuchinhas, que vieram do Ceará.

O lugar ocupado pela cidade de Benjamim Constant não tinha sido desapropriado, nem adquerido por meios legais, pelo que o seu proprietário julgou-se com direito a reclamar uma indenização ao governo do Estado, estimando o valor de suas terras em Cr. $ 20.000,00.

Estudado o assunto, o Sr. Interventor Federal, vendo que era justo o pedido, baixou o ato n.º 97, de 4 de Julho de 1938, pelo qual a indenização deveria ser paga aos herdeiros do proprietário, então falecido, pela verba — Indenização do Acre.

Benjamim Constant domina a foz do Javari, que o engenheiro português Eusébio Francisco de Ribeiro calculou estar a 4.º 12 de latitude austral, cruzado pelo meridiano da ilha do Ferro. A "Corografia do Estado do Amazonas", do professor Agnelo Bittencourt, dá a seguinte posição astronômica: latitude 4º 14'45" S. e 69º 54'13" de longitude O. de Greenwich.

O Javarí aliás desemboca por tres canais no riomar, como acentuam todos os geógrafos.

A cidade fica abaixo cinco léguas de Tabatinga, que se avizinha alguns quilômetros de Leticia, povoação colombiana, empinada no oiteiro, que domina o Amazonas peruano. Do outro lado, à margem

peruana, Roman Castilla assinala o grande país dos antigos Quichuas.

O rio Solimões, neste passo, de uma margem a cutra, em território brasileiro, mede perto de tres quilômetros, onde, na frase de Reclus, oferece "o aspecto de força e amplidão que conserva até o mar."

Logo a jusante de Benjamim Constant, que está à sua margem direita, o Solimões biparte-se, em consequência da grande ilha do Aramassa, povoado com perto de tres mil habitantes, com cercas de laranjas, graviolas, mangueiras e outras frutas. Acima dela acha-se a ilha do Cleto. Os paranás, que correm por entre estas, muito se aproximam da foz do Javarí.

Fisiograficamente, o Amazonas, na sua imponência criadora, dirige-se à foz deste rio, e dali, descrevendo uma curva imensa, é que segue o seu curso.

A ilha do Aramassa é um celeiro de Benjamim Constant, de Tabatinga e das povoações colombianas e peruanas.

O porto de Benjamim Constant é de facil acesso.

Não dispondo ainda de um trapiche, as embarcações amarram no barranco.

Redusido o seu comércio, por isso que continúa como empório da borracha e outros produtos das florestas, a vila de Remate de Males, obra de 37 milhas distante da foz.

O patrimônio do município ainda não está demarcado, acarretando este fato, segundo escreveu o seu operoso prefeito, coronel Nelson Noronha, "dificuldade para a cobrança do aforamento e do imposto territorial dos terrenos situados dentro do mesmo patrimônio."

Os seus bens patrimoniais, entre móveis, imóveis e dividas ativas, montam a Cr. $123.108,20.

A cidade conta cento e tantos prédios nas zonas central e urbana.

Oitenta postes de madeira de lei, com modernos globos elétricos, iluminam a cidade. São poucos os moradores que instalam luz elétrica em suas residências.

Uma comissão de estudos hidrográficos, mandada pelo governo peruano, composta do almirante J. B. Tucker, do primeiro auxiliar J. H. Rochelle, de médico Don Francisco L. Galt, do engenheiro J. W. Sparrouw e do secretário Don Luiz Mauricio Mesnier, partiu de Iquitos no vapor "Tambo", e em 27 de Setembro de 1873, chegou à foz do Javarí, para determinar com maior exatidão sua posição astronômica, tendo a Comissão escolhido a bôca mais baixa dêste extenso rio.

Em começo de Janeiro dêste ano de 1943, o sr. Alvaro Maia, digno Interventor Federal, esteve em visita oficial nos Municipios de Tefé, São Paulo de Olivença e Benjamim Constant, para os quais se transportou em avião da "Ruber Reserve", sendo

recebido com o maior carinho e entusiasmo pela população.

Em Benjamim Constant, centro seringueiro por excelência, foi o sr. Interventor homenageado com um opíparo banquete, promovido pelas classes conservadoras e pelos seringalistas regionais, de que foi autorizado intérprete o sr. José Veiga. Em seu discurso abordou o adiantado industrial os problemas locais mais palpitantes sendo um dêles a mudança da vila de Remate de Males.

Respondeu às classes conservadoras o Interventor Alvaro Maia, numa oração conceituosa e brilhante, em que exortou a população a trabalhar com afinco na produção da borracha, para que pudéssemos cumprir com eficiência os nossos compromissos com a América do Norte, e concorrermos para a vitória das armas das nações unidas empenhadas na guerra.

O sr. Interventor teve oportunidade de visitar as escolas públicas, o magnifico Colégio de N. S. da Conceição e outras obras dos reverendissimos padres Capuchinhos, estendendo a sua visita à Tabatinga, onde percorreu todos os alojamentos do contingente, o quartel e enfermaria.

* * *

DIVISAS INTER-DISTRITAIS

O Municipio de Benjamim Constant está dividido em dois distritos, e em seis zonas, cujos limites são os seguintes:

Distrito — BENJAMIM CONSTANT — sede: — Começa no igarapé Jatimana, desde a foz do rio Javari, até sua nascente no lago Jatimana. Êsse lago lago até sua nascente. Uma linha reta dessa nascente até encontrar o divisor de aguas Itecoai-Jundiatuba.

Distrito — Remate de Males: — Começa no divisor de águas Itecoai-Jundiatuba. Uma linha reta desse divisor dáguas até a nascente do igarapé Branco. Este igarapé desde sua nascente até sua foz. Jatimana, desde a sua nascente, no mesmo lago, até sua foz no rio Javari.

DIVISAS DA ZONAS DISTRITAIS

1.ª Zona — BENJAMIN CONSTANT: — Começa à margem direita do rio Solimões, desde os limites deste município (igarapé Arariá) até a foz do rio Javarí. Á margem direita do rio Javarì, desde sua foz, até à do igarapé Jatimana, compreendendo as ilhas Bom Intento, Sururuá e Arariá. 2.ª Zona — TABATINGA: — Começa no rio Solimões, margem

esquerda, desde os limites com São Paulo de Olivença, até o igarapé S. Antônio, limites do Brasil com a Colombia, compreendendo as ilhas Aramassa, Cleto e Guaribas no rio Solimões. 3.ª Zona — REMATE DE MALES: — Começa no rio Javarí, margm direita, desde o igarapé, Jatimana, até a foz do rio Curuçá. O rio Itecoaí, desde a foz do rio Ituí, compreendendo o rio Quixito, desde a foz até a nascente. 4.ª Zona — ITUÍ: — Começa no rio Ituí, desde sua foz até a nascente. 5.ª Zona — ALTO ITECOAÍ: — Começa no rio Itecoaí desde a foz do Itui até a nascente do mesmo Itecoaí. 6.ª Zona — ALTO JAVARI: — Começa no rio Javari, desde a foz do rio Curuçá até a nascente do mesmo Javari. O rio Curuçá, desde a foz até a nascente. OBSERVAÇÕES: — O municìpio de Benjamim Constant compreendia os seguintes distritos judiciários: Benjamim Constant, Remate de Males, Itecoaí, Curuçá, e Javarí.

Remate de Males

A fisionomia lacustre de Remate-de-Males, que despontou à margem direita da várzea aluvial do rio Itecoaí, antigamente Tacuí, perto da sua confluência com o Javarì, condicionada por fatores de riqueza em produtos florestais da região, especialmente borracha, não há negar, é a de uma aldèia de palafita, como já a consideraram ilustres etnógrafos, juntamente com as marombas paraenses e as habitações em balsas dos índios Paumaris, do rio Purús.

Raimundo Lopes, citado por Anibal Matos, assim a descreve: "Os sìtios sobre esteios que hoje encontramos na própria baixada maranhense, como na Amazônia, onde, no Javarí, Remate de Males é uma cidade de casas dêsse tipo, reproduzem atenuado na faixa palustre e contornos da terra firme, acima do nivel da estiagem, o tipo de habitação de que os precolombianos fizeram verdadeiro burgo em plena concha lacustre." (1)

Estevam Pinto, o notável autor de "Os Indios do Nordeste", esclarece: "Os sitios sobre estacas não são exclusivos da baixada maranhense: hajam vista as gurás, as marombas paraenses, as casas arbóreas dos Maués e dos indios íncolas da baixa Colombia, as balsas dos Paumaris do rio Purús".

---

(1) "Prehistoria Brasileira" **Brasiliana** Vol. 137, pag. 161

A palavra esteária, explica Angione Costa, corresponde ao termo italiano "palaffiti", designativo das cidades lacustres, das quais a maior e a mais notavel é Veneza.

As habitações da aldeia Remate de Males, sezonática e alagadiça, são construidas sobre esteios, grossos e altos espeques de acaricoara, acapú, itaúba, piranheira, madeiras de âmago durissimo, resistentes à ação do sapal. Enfileiram-se do barranco até quase a sair na margem brasileira do Javarí, na latitude Sul 4° 20' 36" e longitude Oeste de Greenwich 7° 23' 54", numa altitude de 73 metros sôbre o nivel do mar.

Uma única rua, e ao longo dessa única rua uma capela, que os frades capuchinhos, com grande diligência e devoção, ergueram ao glorioso martir São Sebastião.

A época de maior florescimento de Remate de Males, vila instalada em 12 de Outubro de 1904, foi a que marcou maior elevação nos preços da borracha. Remate de Males chegou a contar por êsse tempo, lojas de modas, armarinhos, joalherias, relojoarias, alfaitarias, farmácias, bilhares, botequins, cabarés, agências de vapores, açougues, funilarias, carpintarias.

Um médico tinha aí o seu consultório, dentistas mantinham gabinetes. Advogados iam e vinham tratar de negócios polpudos. A élite de Remate de Males organizou uma Loja maçônica, denominada "Fir-

Salga de couros silvestres em Rennate de Males.

meza e Amor". Abriu-se um vice-consulado, que depois passou a consulado do Perú. Um jornal periódico " O Javarí" circulava sob a orientação do sr. Candido Clovis da Fonseca, refletindo nas suas colunas os surdos rumores das criticas a certos vizinhos, e o que se bacorejava no barbeiro.

As firmas detentoras dos maiores estabelecimentos eram dos srs. Marques Valente & Cia. a primeira que se estabeleceu; Pio de Azevedo Veiga, Alfredo Bastos, Marques & Levy, Afonso Alvim, Fortunato Danon, Tertuliano Melo e outras.

Havia um movimento desusado, uma atividade febril em procura do ouro negro, como se denominou o virginal leite da seringueira que cresce nas matas do Javarí e seus ricos afluentes.

Donos de seringais, patrões abastados, ostentavam nos dedos anéis, onde fulguravam preciosos brilhantes.

Os seringueiros "saldeiros", no inverno, vinham gastar em Remate de Males, sem medida, os seus saldos.

O desenvolvimento de Nazaré, povoação peruana, à margem esquerda do Javari, emparelhava com o de Remate de Males.

Prósperas firmas comerciais, como Marius & Levy (mais tarde pertencente esta casa à firma Israel & Levy, de Iquitos, de que era gerente o sr. Léon Levy), Pio de Azevedo Veiga, Merlo Irmãos, Abensour & Cia., Mamann & Irmãos, Salomão Braun,

Fonseca & Cia., Nordon & Cia., M. Dau & Cia., mantinham transações com as praças dos Estados Unidos e da Europa, via Iquitos, e importavam toda sorte de tecidos finos e artigos de luxo, que vendiam a preços baixos, devido a tarifa aduaneira peruana lhes favorecer.

Ao porto de Nazaré chegavam, por mês, 7 a 10 embarcações a vapor, que descarregavam mercadorias, e saiam atestadas de goma elástica.

Na vila do termo de Benjamim Constant o mesmo movimento se verificava de vapores nacionais, lanchas, motores-godiles, que cruzavam todo o dia num taralhar de hélices contínuo.

Era tal o apetite dos negócios que se formou, no começo do século, no Javari, uma companhia francesa "Géneral Cautchou et Comptoir Colonial Français", com grandes capitais, invertendo elevadas somas em seringais. Este fato provocou um artigo da autoria do dr. Jenaro Herrera, inserto num jornal de Iquitos, em que o seu autor classificava o Javarí "un pozo fundo", pois quanto dinheiro entrava, alì ficava.

Entretanto a situação alagadiça da vila preocupava o governo, que tinha a faculdade de mudá-la, quando achasse conveniente, para lugar mais apropriado.

O coronel Constantino Néri, governador do Estado, em Exposição ao Congresso, manifestava-se dêste feitio: "Não desejo terminar esta parte de

minha exposição, sem lembrar a necessidade da mudança da sede do Municipio de Benjamim Constant para o lugar Santo Antonio, à margem direita do Solimões, próximo à foz do Javarí. No local em que se acha atualmente, a vila não se póde desenvolver pelas constantes e completas alagações do terreno no periodo da enchente do rio.

Santo Antonio, ao contrário, é lugar salubre alto e bem situado, prestando-se perfeitamente para sede de uma bela povoação."

Foi reconhecendo este carater prejudicial que a lei n.º 446, de 2 de Outubro de 1904, que restabeleceu com os mesmos limites, o Municipio de Benjamim Constant, criado pela lei nº 191, de 29 de Janeiro de 1898, e o termo judiciário por ela instituido, determinava que o governo escolhesse um lugar apropriado para mudar a sede do município.

Mas a transferência só se veio a verificar muitos anos depois. Os negócios absorviam os ânimos.

Um afluente do Javarí, o rio Ituí, pertencia à firma B. Antunes & Cia., que, na exploração da borracha, empregava perto de mil homens seringueiros. Vapores de grande tonelagem iam àquele rio levar carregamentos de mercadorias, e voltavam carregados de borracha.

Veio depois o desastre ocasionado pela baixa do preço da goma preciosa, que desceu de cotação. O comércio da borracha entrou em crise. Crise fatal e aterradora. Começaram as aperturas, veio o des-

falecimento do crédito. Os aviamentos se restringiam cada vez mais.

A animação de Remate de Males sofreu os reflexos da crise acabrunhadora. Entrou o desanimo no comércio, nas industrias. Caiu sobre a vila a augustia da fome.

Quando a crise apertava, os seringueiros daquela rica zona já não exigiam mais dos patrões alcançados sinão fornecimento de pólvora, chumbo, sal e sabão.

Não foram atendidos. O resultado dessa imprevisão foi o êxodo, a emigração de familias inteiras, que deixavam os seringais e desciam a procura de outros meios de vida, indo se localizar em outros municipios.

Retratando este estado econômico e o deploravel ambiente sanitário, o sr. Pedro Bandeira, em "Relatório", escrevia: "Assim foi que nesta povoação, outrora tão ativa, tão movimentada e esperançosa, penetrou o desânimo, o abatimento, o semi-desespero, lançando os seus habitantes em tríplice campanha, contra a enfermidade, a fome e a quase miséria.

"A única rua aqui existente, sem a devida e indispensavel limpeza, a falta de higiene das habitações, em cujas partes térreas, sob o soalho e seus respectivos quintais, jaziam restos de animais mortos e detritos orgânicos em decomposição, a vasa pantanosa do rio, que baixava sempre em uma seca nunca

vista, extra-comum, exposta à constante putrefação graças aos candentes ardores do sol, sem a mais ligeira brisa, que lhe amenizasse a temperatura, tudo neste sentido contribuia para a mais triste, desanimadora constituição médica."

Este quadro êle o dava em 1901. Já não havia numerário em circulação. Prosegue êsse funcionário nas suas informações: "A ausência de procura de braços e a busca infrutìfera de trabalho foram elementos que assás contribuiram para a extinção acelerada dos poucos generos alimentícios que ainda restavam, ficando afinal todos sujeitos às conservas estrangeiras em latas e às nacionais secas e salgadas, mas estas mesmas raras e carissimas, e aos peixes venenosos das lagôas, sendo os do rio minguados e insuficientissimos."

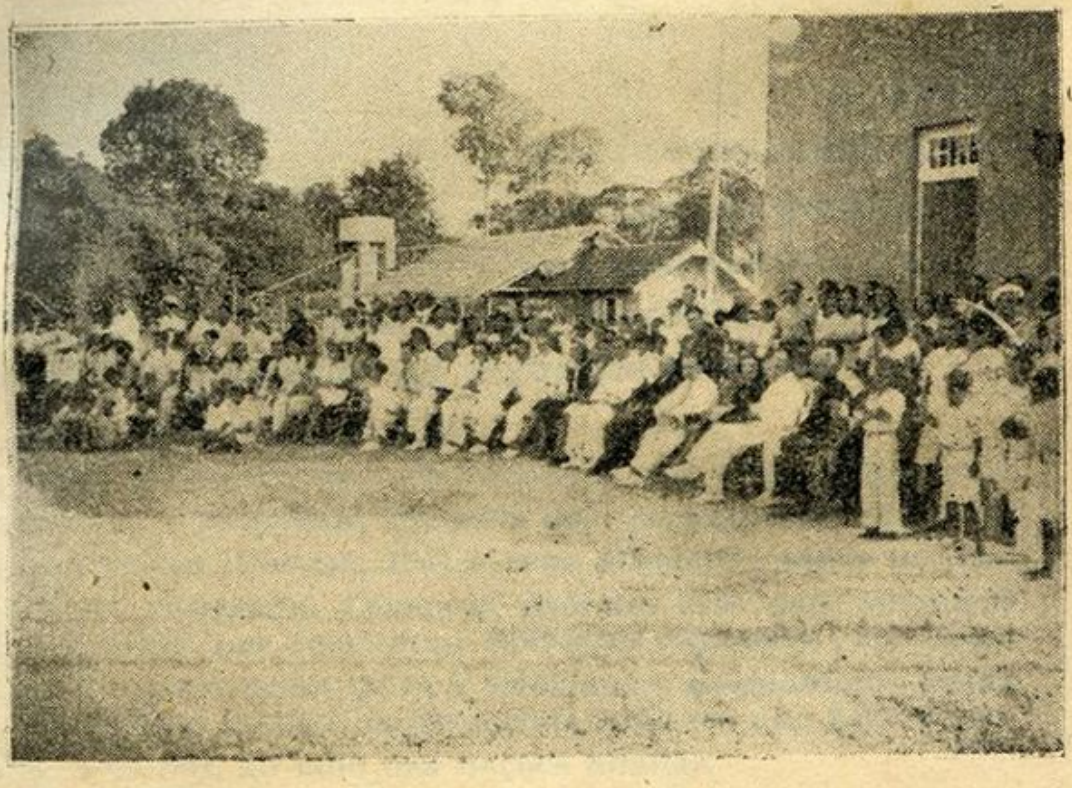
Esperança, em vez de Santo Antonio, era em 1928 o lugar preferido, por ser mais perto e reunir as condições de sede da Comuna e termo judiciário. Linda, sobre as veigas do Solimões, olha para o grande rio, por onde desceu Orelana, deixando nos albardões dos Andes a comitiva de Pizarro; por onde deslizaram os bergatins de Pedro de Ursúa, vìtima de trágica e hedionda traição, despertada pela beleza de Inez Atienza, que o aventureiro tivera a imprudência de trazer consigo, pelos seus próprios companheiros, chefiados por Lopo de Aguirre, minado de inveja e de ambição.

Poucos anos durou a opulência de Remate de Males que caiu em profunda pobreza, arcando com uma crise medonha. Todavia, lá estão os seus corajosos habitantes a cultivar a terra, a devassar as florestas cerrados e recolher-lhes os produtos, a dominar a natureza na sua rudeza selvática.

Como as infiltrações das águas do Itecoaì viessem há longo tempo minando e destruindo o terreno sôbre o qual se assenta a vila de Remate de Males, cogitaram os comerciantes, proprietários e mais moradores dêsse núcleo seringueiro mudá-lo para local mais alto e mais salubre, onde pudesse definitivamente ser instalada a nova vila.

Êsse local, escolhido com a aquiescência do governo do Estado, foi a terra-firme do seringal Atalaia, de propriedade da Prefeitura de Benjamim Constant. Na segunda quinzena de Janeiro de 1943, realizou-se a simbólica inauguração da nova sede, a que assistiram, em solene cerimônia, o snr. Interventor Federal, dr. Alvaro Maia, o Prefeito local, outras autoridades e o povo daquela circunscrição distrital.

O sr. Interventor, viajando pelo avião da linha de Tabatinga, visitou a vila de Santo Antonio do Içá, onde está localizado o nosso destacamento federal, cujas praças se encontram em atividade, na construção de novos alojamentos, sob a direção do capitão de engenharia Osvaldo Colares de Novais.



Na frente, autoridades brasileiras, colombianas e peruanas Assistindo ao jogo de "foot-ball", realizado na tarde do dia 7 de Setembro de 1 939, em Tabatinga.

Foi procurado por uma delegação de estudantes, que lhe ofertáram flôres da região.

Dirigiu-se depois para Remate de Máles, onde se concentravam seringueiros procedentes dos rios Javarí, Iecoaí, Ituì e Curuçá, que aproveitam o início do ano para uma reunião de despedida, antes da nova safra. Internam-se naqueles rios lindeiros; só regressando novamente em janeiro de 1944. Benjamim Constant é um municìpio habitado por brasileiros, na maiorìa caboclos ou filhos de nordestinos.

Entre aclamações ao Presidente Getúlio Vargas, pronunciou o coronel Nelson Noronha, prefeito de Benjamim Constant, as seguintes palavras:

"Sr. Interventor Federal.

Tem V. Excia., em sua presença, um forte contingente do heróico e denodado exército dos seringueiros dos rios Javarí, Itecoaí, Curuçá, Ituí e seus afluentes, todos do Município de Benjamim Constant, exército êsse que, operando obscuramente nas opulentas florestas regionais, contribue, cheio de fé e coragem, para a vitória dos magnânimos ideais de liberdade e justiça, na tremenda luta em que está empenhado o Brasil, ao lado das nações aliadas.

Cada um destes seringueiros é um soldado da Pátria, atento à voz de comando do grande Presidente Getúlio Vargas; êles tambem esperam a palavra de órdem, cheios de confiança na ação de seu governo, cuja benemerência e civismo reconhecem e proclamam.

O Amazonas, a terra maravilhosa, avança a passos firmes para a realização dos grandes destinos a que está fadado pelas suas imensas riquezas naturais, pela sua enorme extensão territorial e pelo patriotismo de seus filhos e

de todos os brasileiros que vieram, ou que venham ainda cooperar nessa obra gigantesca de verdadeira brasilidade.

A vinda do Interventor Federal para presidir à esta concentração dos intrépidos soldados, dos batalhadores indómitos das nossas selvas, constitue para êles uma segura esperança de melhores dias, que lhes compensem os sacrifícios dos anos de desamparo e sofrimento, por que passaram, quando o seu extenuante trabalho, pela desvalorização da borracha, não lhes assegurava sequer a própria subsistência.

Agóra, não! Os seringueiros, graças às providências adotadas pelo ínclito Chefe da Nação, referentes ao problema da borracha, começam a experimentar a alegria de viver, — auspicioso fáto que se confirma pelo expressivo contentamento com que cada um dêles se apresenta nesta concentração, trazendo estampada nos seus semblantes aquela alegria que traduz tambem uma viva demonstração de sua confiança no governo chefiado pelo benemérito brasileiro que dirige os destinos do Brasil, — o Presidente Getúlio Vargas.

E V. Excia. veio aumentar ainda mais essa confiança, trazendo pessoalmente aos seringueiros a segurança da atenção e do amparo que os governos do Estado e da Nação prestam neste momento à indústria extrativa da borracha, que é, ao mesmo tempo, fonte de vida para os seus destemidos operários e elemento indispensavel à vitória da causa em que se acham empenhados os países aliados, ao lado dos quais fórma o Brasil.

Veio pessoalmente à fronteira, na execução de um programa altamente patriótico, falar aos seringueiros, para gerar nos seus espíritos mais ânimo e mais coragem, na tarefa que o Brasil espera êles desempenhem com aquele mesmo estoicismo de que, aliás, sempre deram sobejas provas.

E êles receberam atentamente a palavra de órdem, e prestam as suas simples, porém sinceras homnagens, numa

comovida demonstração de sua gratidão, de sua confiança e de seu profundo acatamento, e ainda de sua grande admiração e devotamento ao egrégia Presidente Getúlio Vargas".

Logo após falou o seringueiro Ernesto Damasceno, procedente dos seringais do Ituí:

"Senhor Interventor.

Quando soubemos que o senhor, a semana passada, ao visitar nosso Município, tinha prometido vir hoje até Remate de Máles para se avistar conôsco, quasi que nós não acreditamos.

Parecia para nós um engano, porque somos pequenos e vivemos no seringal.

Mas os nossos olhos estão vendo nesta hora que a promessa que o senhor fez foi cumprida.

Nós não sabemos dizer ao senhor palavras bonitas.

Nós temos um coração, porém êle não fala diretamente. E' o único que poderia dizer ao senhor como nós todos estamos alegres.

Porque nós, na nossa vida de trabalho, nunca vimos uma autoridade maior do Estado, e poucos se lembram de nós.

Muito obrigado por mim e por todos os seringueiros do Javarí.

Quero pedir um favor, e é o seguinte: dizer ao dr. Getúlio Vargas, nosso grande Chefe e Presidente, que nós aqui, muito longe, tambem sabemos tudo o que êle tem feito por todos os brasileiros.

Sabemos que o Brasil foi atacado e obrigado a entrar na guerra. Diga ao dr. Getúlio Vargas que nós aqui estamos prontos para o que fôr preciso, pois nós sempre fomos soldados e sabemos pegar num rifle, e acho que temos guardado bem esta fronteira em que nós vivemos".

Frei Pio, da órdem dos Capuchinhos, pronunciou o seguinte discurso:

"Quando a Rádio Transmissora do Rio de Janeiro anunciou a noticia da vossa vinda nesta longínqua localidade de Remate de Máles, sussuraram os nossos corações, animaram-se as nossas esperanças.

Não é uma festa cívica, que nos chama e nos reune, não é uma bandeira, nem o redobrar dos sinos que movem o reunem as massas populares. Mas é uma manifestação de simpatia, manifestação singela, que nós sentimos nesta hora tão solene e feliz.

Aqui estão os representantes do comércio local, os pais de família, a garbosa mocidade, aqui está o povo católico, as autoridades civís. Esta manifestação é humilde, mas vos falam os nossos corações. Aqui estão os esquecidos seringueiros, da tradicional fé católica, os desbravadores das nossas matas, os verdadeiros heróis que, com o sacrifício e o trabalho, honram e enaltecem o nosso querido Brasil.

Não basta chegar a ver, mas é necessário conhecer o heroismo do seringueiro, os sacrifícios que empreendem nestas matas inóspitas. No rio Jacurapá, eu quiz ver e acompanhar este herói da floresta, na estrada, no córte, na colheita do leite, no defumador. E constatei o imenso trabalho, a luta, as dificuldades que se encontram neste serviço.

A vossa presença nos mostra o interesse que se está tomando em benefício do trabalho; a vossa presença nos anima na luta, na nova luta que empreenderemos nas matas, na luta que é prenúncio de novas vitórias.

Aqui estamos para vos manifestar neste dia o canto do nosso coração, que é o canto da nossa gratidão ao Presidente Getúlio Vargas.

Em nome deste povo católico que vos circunda, em nome de todos os seringueiros que, nos altos rios, não des-

conhecem esta nossa alegria, nós saudamos o Grande Brasileiro.

Nós o saudamos junto à majestosa e abastecida floresta sempre verde, nós o saudamos com as flôres perfumosas de nossa terra, nós o saudamos com o murmúrio deste misterioso rio, nós o saudamos ainda com o canto harmunioso de nossas aves e da natureza em flôr.

Nesta hora tão solene, nos sentimos mais unidos; nesta hora em que os nossos irmãos lutam nos campos de batalha, sentimos a necessidade de um amparo e este amparo o acharemos debaixo do símbolo mais sacro de nossa terra, debaixo da Bandeira que tambem nós saberemos defender com o nosso devotamento, como os soldados a defendem com o sacrifício da própria vida.

Como filhos do Brasil e como brasileiros, nunca poderemos esquecer o digníssimo Chefe da Nação, o exmo. sr. dr. Getúlio Vargas que, com carinho e sabedoria, governa e salva a Nação. Dizei-lhe em nosso nome que, no extremo norte do Brasil, há corações e brasileiros que, embora acostumados às surpresas e ameaças da mata, estão sempre prontos a responder na hora em que a Pátria peça o sacrifício da vida e do sangue em defesa dos nossos direitos, em defesa da nossa Bandeira".

Respondendo, o Interventor Alvaro Maia estendeu-se longamente sôbre as atividades do seringueiro, a sua contribuição para a guerra, o carinho com que o Presidente Getúlio Vargas estuda os problemas nacionais e que dispensa a todos os brasileiros. Disse que a hora é do Amazonas, mas principalmente do interior do Amazonas, para o herói da floresta que proporciona a maior parte das rendas públicas e combate pela grandeza do Estado. Em nossa vida

administrativa houve distribuição desigual de benefícios, esquecendo-se o interior, exatamente a retaguarda admiravel que defende, produz e luta pelo Amazonas. Chegou a hora da hinterlândia, onde existem milhares de seringueiros e para onde convergem milhares de trabalhadores.

Referiu-se aos recentes acôrdos econômicos e à união fraternal entre o Brasil e os Estados-Unidos e ao papel dos seringueiros na campanha da produção e da liberdade.

Finalizou o discurso com as seguintes palavras:

"SERINGUEIROS E SERINGALISTAS DO OÉSTE:

Aqui estou, numa prova dos claros métodos de administração do Estado-Novo, acedendo a irrecusavel apêlo, a 900 milhas de Manáus, feliz com o vosso convívio, num recanto de florestas que é uma transição entre os contrafortes dos Andes e as planícies amazônicas.

Encontrámo-nos, neste dia festivo, nas terras mais ocidentais da Pátria, reférias de águas e ventos provindos de três fronteiras, onde se praticam três idiomas e circulam fraternalmente três moedas.

Aqui se ouviram as palavras dos povos colonizadores e do ameríndio, ora incorporado à civilização; por aqui passaram inca, portuguêses e espanhóis; aqui os antepassados ergueram as casas e abriram os roçados, fixando o limite do Brasil com

Grupo escolar em Benjamin Constant.

esforço e trabalho. Falamos a lingua nacional, enriquecida de rìtmos regionais; um pouco adiante, em dois países, o espanhol lembra a aventura dos primeiros conquistadores, que desceram pelo Napo e confiaram as próprias vidas às torrentes do Amazonas; e, envolvendo tudo, flutúa a sonoridade da lingua geral, genetriz do espìrito americano, que deve ser eterno em nossas Pátrias juvenís. Castelos bélicos, peças coloniais ainda vivas nos barrancos, que representavam baluartes nas lutas pelo domínio continental, são hoje traços brónzeos de união nesta fronteira tríplice.

Eu vos saúdo com emoção, audazes compatrícios caboclos e nordestinos, que atestais a indômita coragem brasiliera, mais próximos do Pacífico que do Atlântico, reafirmando que, pelo prográma do grande Presidente Getúlio Vargas, e pelo vosso respeito à execução dêsse programa, uma éra construtiva se entreabre no interior do Amazonas.

Não estais isolados, como vivestes durante vários anos, entre a parede das selvas e a guarda dos rios; as asas protetoras da Nação corôam o vosso sacrifício, conciente do serviço que lhe prestastes, desbravando seringais e velando pela integridade das fronteiras.

Aconselhando o mantenimento das mesmas ótimas relações com as populações vizinhas, companheiras de labôr nestes sertões de que sois os pioneiros, é dever felicitar-vos pelo espírito de brasili-

dade aqui verificado, pela cooperação entre patrões e operários, pela disciplina alegre, à sombra e à luz das nossas leis sábias. Sois operários das Democracias, firmes na escalada para o maior prestígio de nossa Pátria, e mereceis todo o amparo proporcionado pelo Chefe da Nação, — instrução, saneamento, transporte, assistência social, justiça.

O Javarí e seus afluentes deslizavam pontilhados de barracões e armazens, cujos proprietários e seringueiros, perturbados por impiedosas crises, foram obrigados a abandoná-los, em procura de elementos para a vida. Mas algumas centenas de homens permaneceram em suas margens, como sentinelas invencíveis. "Soldados da produção", contribuis agora, num setôr perigoso, para enviar matérias primas às uzinas distantes, e auxiliais a fundição de armas para a causa da liberdade. Vencerá a guerra quem tiver heroismo e resistência, quem tiver ferro, petróleo e borracha. Assegura-se mesmo que vencerá a guerra quem possuir o último quilo de borracha. Compreendeis a vossa responsabilidade pela máxima produção, neste arsenal verde e opulento, destinado a receber as novas levas de trabalhadores em marcha para o norte.

O núcleo mais ocidental do Brasil, méta de reuniões nas férias de vossa atividade, é Remate de Máles, denominação marcante com que antigos vanguardeiros, curtidos pelo sofrimento, crismaram esta área de rio barrento. As endemías e as erosões

insurgíram-se contra o nome; a terra-caída vai demolindo Remate de Máles, cujas barracas primitivas foram bebidas pelas enchentes.

Não sería explicavel o desaparecimento do centro em que florejaram vossas esperanças e em que se firmaram tantas tradições religiosas e familiares.

Seringalistas e seringueiros do Oéste:

Um pouco mais adiante, em terra-firme saudavel, nascerá ATALÁIA, onde vos congregareis para as festividades padroeiras e o culto ao Pavilhão da Pátria. Será o mais extremo núcleo do Oéste, a guarita da marcha para o Oéste, comandada pelo grande Presidente Getúlio Vargas. E já vos encontrais no Oéste, sois filhos do Oéste, patrulhando a região predestinada, onde há reservas minerais e fontes de riqueza imediata, como águano, o páu-rosa e a borracha. Encurtam-se as distâncias: dentro de algum tempo, aviões poderão cruzar estes ares em diferentes rumos, porque Benjamim Constant é um município-chave, para onde convergem vários rios navegáveis, numa admiravel rêde de distribuição fluvial e aérea.

No lançamento da pedra fundamental de ATALÁIA, assistindo ao início dos alicérces de vossa igreja, a Interventoria Federal vem ofertar-vos duas sagradas lembranças — uma BANDEIRA e uma ESCOLA para os vossos filhos, assegurando que, para a de-

fesa completa dêsses patrimônios, se impõe esta permanente batalha — o aumento da produção da borracha. Produzindo mais e mais, disciplinados à voz das autoridades, cumprireis as instruções do Presidente Getúlio Vargas e defendereis melhor o Amazonas e o Brasil, certos de que os vossos braços e as seringueiras são fontes de econômia, de prosperidade e libertação."

Noticiando o acontecmento, o "Diario Oficial", de 18 de Janeiro, publicou o seguinte:

"Logo após, em motores e lanchas, as autoridades e parte dos seringueiros dirigiram-se ao seringal "Cametá", pertencente à Prefeitura, onde, em terra-firme, serão construidas novas casas, sobretudo as que estão em ruinas e ameaçadas de queda nos barrancos em Remate-de-Máles.

O Interventor Federal hasteou a Bandeira, em frente à fronteira peruana, enquanto as creanças entoavam o Hino Nacional, e assistiu ao lançamento da pedra fundamental da igreja de S. Sebastião, a ser erguida pela contribuição dos seringueiros daqueles rios.

À noité, num barracão que servira ao antigo seringal, foi servido um jantar, a que compareceram autoridades, seringalistas e seringueiros. Falou o comerciante José Veiga, respondendo o sr. Alvaro Maia. Após o jantar, houve ainda uma reunião social de seringueiros, à qual compareceu o Interventor Federal.

No regresso, de Remate-de-Máles, o sr. Alvaro Maia esteve em Tefé, Coarí e Codajás. Nesta última cidade, visitou a prefeitura, a coletoria, o forum, a uzina e outros departamentos estaduais e municipais."

Apesar-de criados o município e o termo de Benjamim Constant, em 1898, sómente foram instalados o município e o termo judiciário em 12 de Outubro de 1904, sendo seu primeiro juiz o dr. Mameliano Taurino Cordeiro, já falecido. A razão disso foi ter sido revogada a lei que estabeleceu primitivamente o município e o termo, nº 191, de 29 de Janeiro de 1898, sendo um e outro restaurados pela lei nº 446, de 2 de Setembro de 1904.

A sede do termo foi elevada à categoria de cabeça da comarca pelo decreto nº 885, de 7 de Novembro de 1908, tendo sido inaugurada a 23 de Novembro do mesmo ano, pelo dr. Francisco de Paula de Faria e Souza.

Em 1916, verificava-se o restabelecimento da comarca do Javari, voltando para São Paulo a sede. Coube ao egrégio desembargador Emiliano Stanislau Afonso inaugurar, por essa ocasião, a comarca recem-restaurada, pronunciando um belo discurso a propósito do acontecimento alviçareiro. Não demorou que houvesse outra modificação, tal o capricho com que se transferia uma comarca de um lugar para outro. A lei nº 990, de 15 de Outubro de 1918, transladava a sede da comarca de São Paulo para Benjamim Constant. Pouco tempo depois tornou a passar a sede da segunda localidade para a primeira. A denominação Comarca do Alto Solimões persistiu até o ano de 1916, quando a lei nº 844, de 14 de Fevereiro, deu-lhe o nome de Comarca do Javarí.

Um golpe fundo receberam os dois municipios — Benjamim Constant e São-Paulo-de-Olivença. Em 1921, era suprimida a Comarca do Javari, ficando anexados os dois termos judiciários à Comarca de Tefé, de que era então Juiz de Direito o dr. Estevão Lopes Fortes Castelo Branco.

Em 1926, era restabelecida a Comarca de São-Paulo-de-Olivença, ficando-lhe anexo o termo de Benjamim Constant. Serviu então como Juiz de Direito o dr. Hermes Afonso Tupinambá. Em 1928, pela lei nº 1937, de 2 de Outubro, foi restaurada a Comarca de Benjamim Constant, sendo reinstalada em 21 de Janeiro de 1929, pelo juiz de direito dr. Manuel de Almeida Garcia, já falecido. Em 1930 a mesma comarca foi novamente extinta, sendo outra vez o termo de Benjamin Constant anexada à Comarca de São-Paulo-de-Olivença, da qual então era juiz de direito o dr. Arnoldo Carpinteiro Péres.

Em Julho de 1934, foi novamente suprimida a Comarca de São-Paulo-de-Olivença, e criada nova com o nome de Comarca do Alto Solimões, tendo por sede a atual cidade de Fonte-Bôa. Os termos judiciários de São-Paulo-de-Olivença e Benjamin Constant ficaram-lhe subordinados. Foi seu primeiro juiz de direito o dr, Arnoldo Carpinteiro Péres. Essa comarca posteriormente passou a denominar-se Comarca de Fonte-Bôa, sendo considerada de primeira entrância.

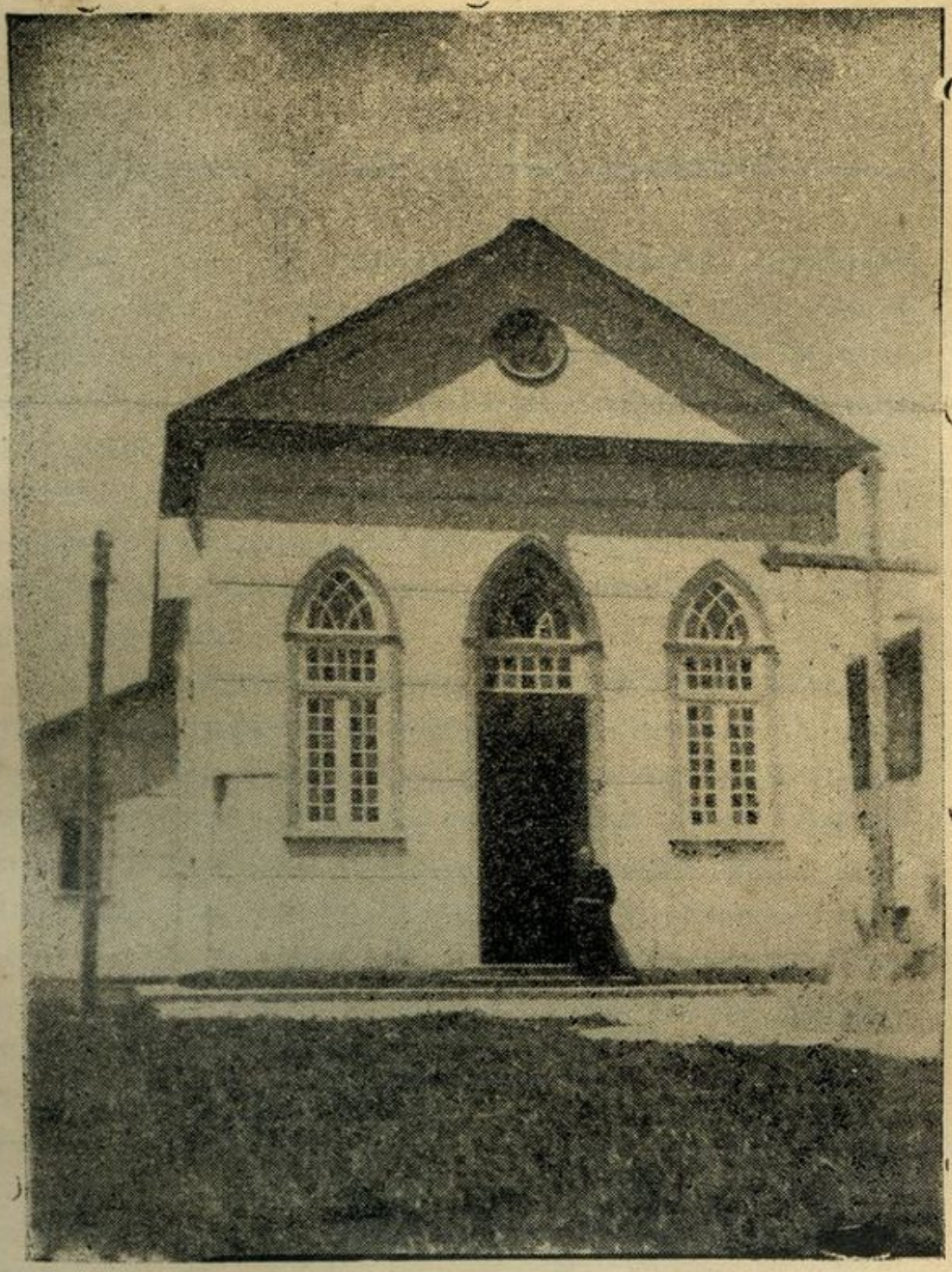
O decreto-lei nº 441, de 1 de Julho de 1940, que deu nova organização judiciária ao Estado, dispõe no art. 439 que ficarão suprimidas, a proporção que forem vagando, várias comarcas, entre as quais a de Fonte Bôa, e, no paragrafo 1 do mesmo artigo, que, "extinta a Comarca de Fonte-Bôa, passará o termo de Benjamim Constant à categoria de comarca, tendo como termo anexo São-Paulo-de-Olivença."

POVOADOS.

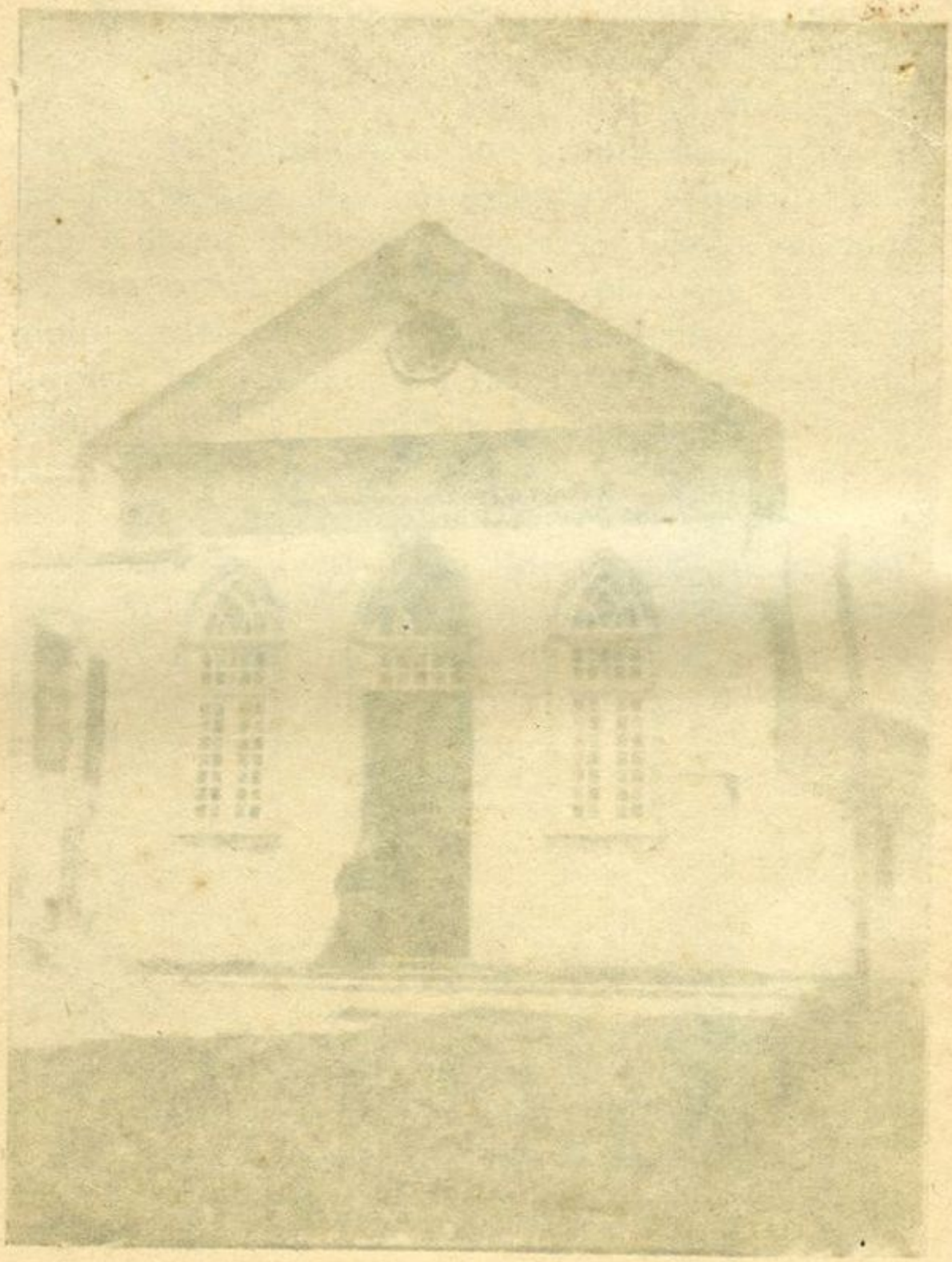
O Município de Benjamim Constant possue, além do povoado Tabatinga, cuja visão panorâmica foi descrita, mais os de Aramassa e Marco Divisório Brasil-Colômbia.

Linhas atrás ficou delineada a situação do povoado Aramassa, que está encravado na ilha do mesmo nome, composta de terrenos baixos e alagadiços; por isso mesmo não tem possibilidade de desenvolvimento, a-pesar-de ser uma povoação bastante populosa e de constituir um centro agrícola de relativa importância. Não obstante a calamidade das inundações periódicas a que está exposta a ilha, a sua população laboriosa insiste em cultivar as terras e tirar delas os recursos de lavoura que póde, e ocupar-se de criação de gado vacum e suino. Uma pequena capela, graças aos esforçis dos dignos missionários capuchinhos, serve aos intuitos religiosos católicos de seu povo.

Marco Divisório — Brasil-Colômbia é uma povoação para o qual se póde prognosticar um futuro magnifico, atendendo-se ao florescimento que já conta hoje, verdadeiramente promissor e indicativo das forças que impelem este povoado para o mais amplo desenvolvimento. Bem edificado, aceiado, possuindo magnificos terrenos planos e extensos, muito férteis, que se prestam a várias espécies de cultura, está situado na faixa da nossa fronteira, visinha à cidade colombiana de Leticia, que, sôbre ser muito airosa pela sua localização e traçado, contitue um centro de comércio já hoje adiantado. Em **Marco-Divisório** estaciona uma guarnição federal. Está, como é facil imaginar, muito perto de Tabatinga. A sua população vive de lavoura, pesca e pequenas casas de comércio, assim como da indústria extrativa e outras atividades.



Igreja em Benjamin Constant



Prisão de Autoridades Judiciárias

Era o dr. Joventino Lins Temudo, pernambucano, juiz de direito da comarca de São Paulo de Olivença, quando, em passeio a Remate de Males, onde era juiz municipal o dr. Agesilau Augusto de Araujo Jorge, deliberou ir ao povoado fronteiro peruano Nazaré assistir a uma quermesse, que se realizava aos domingos, promovida por uns padres estrangeiros, para ajudar a edificação de uma igreja no lugar.

A manhã, resplendente de sol, oferecia belo ensejo de um passeio à margem peruana. O dr. Joventino foi a casa de seu colega Agesilau Jorge convidá-lo para lhe fazer companhia..O dr. Agesilau achava-se a êsse tempo preocupado com a tradução do *Cid* em versos portugueses, trabalho que absorvia grande parte do tempo e, por esse motivo, escusou-se de acompanhá-lo. Porém, devido à insistência de seu colega, juiz de direito da comarca, resolveu seguir, tendo ambos embarcado às 9 horas para a localidade fronteira, e de lá foram á Soledad.

Com a noticia de que os dois haviam partido, o sr. Manoel Honorato, então superintendente de Benjamim Constant, e inimigo figadal do dr. juiz

de direito, devido a um incidente havido a bordo do navio em que viajára, julgou oportuno o momento para tomar um desforço, e logo dirigiu-se ao vilarejo peruano. Chegado que foi, tratou de arranjar um chicote, indo esperar ocultamente o magistrado.

De volta de Soledad, já em Nazaré, foram ambos os juizes surpreendidos com o aparecimento súbito de Manoel Honorato que, ocultando-se atrás de uma árvore, empunhou o chicote e investiu contra o dr. Themudo. Rápido, jogando ao chão os embrulhos que conduzia, o dr. Agesilau Jorge tomou a dianteira de seu colega, e repeliu a bala o agressor. Pela presteza com que apareceu a policia peruana e prendeu os dois magistrados, suspeita-se de que a agressão já era esperada, achando-se a policia muito próxima do local, talvez no mato. Deve-se assinalar que o prefeito Manoel Honorato tinha muito prestígio em Nazaré, e daí os rigores da prisão a que foram submetidos os juizes brasileiros. Em meio de exprobrações, sobretudo dos padres, foram conduzidos ao pardieiro que servia de cadeia, e lá ficarem incomunicáveis.

A noticia correu célere em Remate de Males, porém muito exagerada. Dizia-se que tinha sido assassinado o dr. Agesilau Jorge, num conflito havido do lado oposto. A familia dêsse moço ficou tomada de indizivel consternação.

Em Remate de Males achava-se, por essa ocasião, o dr. Bento Lemos que, pressuroso, dirigiu-se à casa da familia Jorge e, sem perda de tempo, embarcou com a senhora daquele ilustre juiz, rumando para vila peruana. Ao chegarem, e inteirados dos fatos, a primeira impressão desfez-se. O dr. Agesilau Jorge apresentava apenas ligeiras escoriações, e juntamente com o seu colega, fôra recolhido incomunicavel ao infécto calabouço.

Grande trabalho deu avistarem-se os visitantes com os presos; as autoridades não permitiam qualquer contacto ou comunicação, nem o consul brasileiro naquela localidade tomou o incomodo de, por qualquer modo, suavizar a situação dos detidos, parecendo que para não se incompatibilizar com o superintendente Honorato, que gosava de muito prestigio no Perú.

O dr. Bento Lemos, que louvavelmente tomou todo interesse pela sorte dos seus patrícios em custódia, justamente revoltado com a intransigência das autoridades, procurou ouvir o agressor, que lastimou ter o dr. Agesilau Jorge se metido no conflito, pois a sua questão era com o dr. Joventino. Perguntou se o juiz Agesilau estava preso e exaltou-lhe a coragem e disposição de ânimo.

Em Benjamim Constant, para onde voltou com a senhora Jorge, o digno e prestadio dr. Bento Lemos não encontrou meios de resolver a situação.

Entrementes, começaram a correr rumores de que amigos do juiz de direito e do juiz municipal, contando com quarenta homens armados, iriam a Nazaré tomar pelas armas os presos. Os boatos cresciam cada vez mais. O troço de homens chegaria do Itecoaí e outros pontos. Ao alarme da noticia, muitas familias correram para o mato.

As autoridades peruanas, por sua vez alvorotadas com os boatos que chegavam, de um assalto, acorrentaram os presos, fazendo-os seguir para Leticia, onde estariam mais seguros. O panico invadiu a povoação naquela noite mesmo e muitas familias abandonaram as casas, procurando refúgio em lugares mais distantes.

Os amigos dos dois dententos todavia não desanimaram com essa providência da policia peruana, e resolveram ir à Leticia, onde mais facilmente se lhes afiguraria justificar a ação dos dois juizes, tão grosseiramente tratados. Arranjaram uma lancha e seguiram no rumo da foz do Javarí e daí proejaram à Tabatinga. Na embarcação, além de outras pessôas, iam o sr. Manoel Sena, comerciante em Manáus, o dr. Bento Lemos e o dr. Menélio Pinto, advogado.

A lancha prosseguia a navegação sob o claro sol da manhã e, ao chegar ao velho forte de Tabatinga, não encontraram o tenente comandante do contingente de fronteira, que havia saído cedo, e

não demoraria. Com efeito, pouco depois chegou o oficial, que cercou os viajantes de toda atenção.

De Tabatinga os amigos dos juizes se dirigiram à Leticia, onde foram recebidos com a mais requintada gentileza pelo comandante da praça. A visita foi agradavel para os peruanos, que agradeceram aquele gesto de cortesia dos brasileiros. O chefe militar convidou-os para um passeio. Sabedor do ocorrido em Nazaré, permitiu que os viajantes conversassem com os detidos, que se mantinham bem tratados, e tinham por menagem toda a área do forte.

Leticia resplandecia agora, sol forte, sobre a eminência em que estão os seus prédios, jardins e praças. Árvores frondosas punham notas aveludadas no vermelho dos tectos. Caminhos ladeirosos riscavam o dorso do outeiro. A superfície lisa e extensa do Solimões e já Marañon, brilhava sob-os raios solares.

Os brasileiros foram breves na sua visita, e testemunharam o seu agradecimento, trocando idéias sobre a sorte dos patricios ali detidos.

O dr. Agesilau Jorge estudava com afinco o castelhano para em pessôa, se preciso fosse, fazer a sua defesa em Iquitos, oportunamente. O oficial da nação vizinha gostava de ouvi-lo e receber informações sobre as instituições do Brasil e a sua literatura.

Os soldados peruanos eram destros atiradores e bravos, explicava o dr. Agesilau Jorge, que elogiava os métodos de disciplina e asseio da pequena tropa.

Os presos, dadas as providências de ordem jurídica, que se impunham, e a interferência amistosa das autoridades, puderam sem delongas defender-se do que lhes era imputado, e depois de algum tempo, foram restituidos à liberdade. Soltos, voltaram a Remate de Males, onde a população os recebeu com emoção e entusiasmo.

Antes, porém, dessa solução, e no dia seguinte ao da visita dos brasileiros à Leticia, o oficial, comandante da praça, foi à Esperança (Benjamim Constant) retribuir a visita.

O incidente ganhou uma grande repercussão, e espalhou-se a noticia de que corria perigo a integridade nacional. O governo da União chegou até a enviar forças federais para Tabatinga, além de um contingente do Regimento Militar do Estado, oferecido pelo governo (dr. Silvério Néri) para auxiliar aquelas forças.

O snr. Afonso Carvalho, presidente do Congresso Legislativo do Estado, em exercício de governador, em Mensagem de 10 de Julho de 1908, assim se externava: "Um fato extraordinário deu-se na comarca de São Paulo de Olivença (Benjamin

O Prefeito Nelson Noronha saudando as Irmãs Franriscanas, na sua chegada à Benjamin Constant.

Vêm-se na fotografia o Prefeito Apostólico fr. Thomaz de Marcellano, e o Consul do Brasil em Leticia, Colombia, Sr. Armando Amorim.

Constant pertencia a essa comarca) ou, para melhor dizer, em território estrangeiro fronteiriço.

Foi o caso de os juizes de direito e municipal daquela comarca, quando a passeio no referido território, se verem envolvidos em um conflito, consequente de fatos anteriores em que figuram o primeiro daqueles magistrados e do qual resultou serem detidos por autoridades peruanas, que os libertaram dias depois, diante da intervenção enérgica de outros brasileiros, que tambem ali se achavam assistindo a uma festividade religiosa.

Por se ter dado em país estrangeiro, o fato chegou ao conhecimento do Ministro das Relações Exteriores, mas não teve outra consequência além das explicações trocadas entre as chancelarias brasileira e peruana.

A falsa repercussão dêle, agravada ainda pelo lamentavel desequilibrio mental de um oficial de nosso Exército, então comandante da fronteira de Tabatinga, fez correr o boato de que se achava ameaçada a integridade nacional."

Religião Instrução

Depois do serviço intenso de catequese do período colonial, poucas missões subsistiram no Amazonas, onde a falta de missionários, que se empregassem nêsse elevado mister, era quase absoluta. Não só não havia verbas suficientes para custear tão importante empreendimento, como a substituição dos religiosos pelos diretores de aldeias, instituição ideada por Mendonça Furtado e posteriormente renovada, foi inteiramente desastrosa.

Os diretores, sôbre não tomarem o devido interesse pelo adiantamento das aldeias, na sua quase generalidade, tornaram-se para com os pobres índios um verdadeiro flagelo.

Havia no Amazonas, em 1863, quarenta diretórios, compreendendo 33 povoados e 127 malocas com a população de 13.676 índios, sendo do sexo masculino 6.851 e do feminino 6.825. Esta estatística, é bem de ver, não compreendia os índios que vagavam pelas florestas, e evitavam contacto com o civilizado, os quais subiam a muito milhares.

A educação e o descimento do selvagem estavam confiados ao elemento civil, como determinava o regulamento n.º 426, de 24 de Junho de 1845, do

governo do Pará. Pouco ou nada se colheu dêsse sistema, cujos resultados foram os mais precários. Só o missionário era capaz de empreza tão árdua e tão delicada.

Mas, aonde buscar o missionário? As dificuldades da vinda de religiosos para reunir, estimular, educar o selvagem, afiguravam-se imensas, e o serviço de catequese da massa consideravel de índios dispersos nas matas, entregues a si mesmo, à sua índole depredatória, às suas superstições, aos seus bárbaros usos e costumes, não podia ser levado a efeito, como era de desejar, desde que os diretores das povoações, na maior parte analfabetos, não tinham as qualidades precisas para a missão humanitária a que eram chamados.

"Para a catequese dos indigenas, dizia o dr. Manoel C. Carneiro da Cunha, presidente do Amazonas, confio mais no elemento religioso do que no civil. Esta ideia tem o apoio da experiência, e dos sentimentos dos próprios índios. Respeitam o sacerdote, e, quando virtuoso, seguem-no e o obedecem cegamente".

Havia apenas tres missões ao ser instalada a Provincia do Amazonas, — a de Porto Alegre, no rio Branco, a cargo do P. Antonio Felipe Vieira; a do Japurá, Içá e Tonantins, da administração do P. João Martins de Nine; e a do Andirá, sob os cuidados do Reverendo fr. Pedro de Ci-

em 1774-1775, dizia estar em ruina, e não possuir retábulo nem ornamentos.

Em 1858, a matriz de Tabatinga, apesar de ter sido recoberta de palha, estava estragadissima, e as suas alfaias eram velhissimas.

Entre os vigários, que, por êsse tempo, aí estiveram, notam-se os sacerdotes Manoel Ferreira Barreto, Manoel Inácio Raposo, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque e fr. Bernardo de Nossa Senhora de Nazaré Ferreira, que tinha sob a sua direção as aldêias dos índios Mangeronas e Tecunas, assim destribuidos: Mistica ao forte, 40 Tecunas, assim distribuidos: em Araçatuba, 50 Mangeronas; em Janauacá, 62; em Javarí, 61; em outra do mesmo nome, 58; em Surara, 55 Tecunas.

A região longinqua, com muitos clans de índios, dispersos, alguns inadaptáveis à civilização, requeria a assistência de devotados religiosos.

Deste modo, e atendendo a essa necessidade de ordem moral e educativa, foi criada, em 23 de Maio de 1910, a Prefeitura Apostólica do Alto Solimões, com sede em São Paulo de Olivença, a qual ficava subordinado todo o território do Javarí, ou do Municipio de Benjamim Constant. A paróquia, que se instituiu em 1920, teve por centro Benjamim Constant, e como vigário fr. Jocundo de Soliera.

Desde a fundação da Prefeitura os reverendissimos missionários capuchinhos têm desenvolvi-

Os capuchinhos não se eximem ao incómodo e ao perigo, que às vezes se oferece, de irem ao seu encontro para chamá-los ao grêmio da sociedade civilizada.

Resurge nêles o mesmo fervor apostólico, que mostraram seus antecessores, no rio Içana, onde, em 1888, aldeiaram perto de mil índios Carapanás, e no Waupés, em que reuniram nunca menos de 2.272 representantes dos Tarianas, em doze aldeias, e de outros missionários de sua grande Ordem, a que o Amazonas deve relevantes serviços.

Assim, entraram em contacto com os índios Iáguas ou Yauas, que se acredita terem vindo do Perú, perseguidos pelos caucheiros da nação vizinha. (1)

(I) " Jauas, escreve Gonçalves Dias, habitam nas nossas fronteiras com o Perú, e alguns se têm passado para as nossas bandas, como muitos dos nossos se têm passado para lá.

Falam uma lingua tão diferente do Quichua, como do Tupi.

Usam acangatar com bicos de tucano e espelho que ageitam a seu modo, pendentes pelas costas. Nos punhos e nos artelhos uns amarrilhos de embira, muito arrochados que trazem desde a infancia toda vida para terem as pernas e braços finos. Têm por gravissima afronta cortaremlhes um destes atilhos. Uma tanga de embira e, em dias de festa um fraldão de penas, e o corpo todo pintado com uma tinta encarnada vivissima, que preparam com o urucú, completam o seu traje.

Nas armas há grande variedade.

Como insignias de mando são belos os Murucúas-maracás, ou grandes lanças usadas pelos chefes; curiosos pelo

Uma aula no Colégio de N. S. da Conceição, em Benjamim Constant.

Antes, porém, de lá chegarem, uma clareira abria-se na selva, onde havia destroços de incêndio recente. A um lado, uma cova indicava o sepultamento de gente. O montículo era bem feito, e muitos ramos verdes enfeitavam a sepultura aberta de fresco; no outro lado, uma vara, donde pendiam cabeças de animais. O trágico achado produziu sensação de terror aos viajantes, que mesmo assim não desanimaram e proseguiram a viagem. A mata estendia-se infinita. Fr. Wenceslau tinha a batina esfarrapada pelos espinhos do caminho, que iam abrindo, sangrando-lhe os pés. A fadiga e a alimentação sóbria ali tomada à borda de algum fio dágua, o combaliam. Tinha o rosto inchado pelas mordeduras dos carapanãs e das vespas. Todavia era preciso continuar. A ideia de angariar algumas almas para a cristandade, insuflava-lhe coragem e disposição para afrontar o perigo desconhecido.

De repente, sombras deslizavam na mataria, vultos esgueiravam-se rápidos, e desapareciam. Sentiam os itinerantes que de todos os lados havia uma ronda, que os espreitava. Mais alguns passos, e a maloca estava à frente.

Os companheiros do padre tomaram a dianteira. Fr. Wenceslau tinha nas mãos o crucifixo. Um estrondo enorme ouviu-se na maloca. Uma gritaria de ensurdecer, intimativa para que parassem, imobilizou os idealistas dêsse encontro. Os enormes arcos e as setas ponteagudas eram ar-

gumentos brutais ante os recém-vindos, que se apoiavam na proteção divina e na compostura serena do missionário, que apertava o crucifixo, e mandava, que se oferecessem aos selvagens as quinquilharias que levavam.

Eis que do mato surge o tuchaua, que andava à caça, trazendo uma preguiça ao ômbro. De sobrecenho carrancudo e semblante feroz, entrou na maloca, para logo reaparecer armado, acompanhado das mulheres que gritavam, pretendendo desarmá-lo.

Aproximou-se do padre, e arrastou-o brutalmente até o meio do terreiro, o mesmo fazendo aos outros. Depois, altaneiro, numa algaravia tonitruante, começou um longo discurso, em que batia vigorosamente o chão com o pé.

Fr. Wenceslau pôde dar a entender que a sua missão era de paz e amisade, e que êle e seus companheiros tinham fome. O tuchaua continuou na sua arenga. Depois mandou que trouxessem alimentos. Foi-lhes então fornecido viandas de macaco, bananas e popunhas.

Enfim, os selvagens pouparam as vidas do religioso e seus dedicados companheiros, mas os intimaram a voltar imediatamente.

Fr. Fidelis estudou a lingua dos Tecunas e pretende compôr uma gramática.

A Prefeitura Apostólica do Alto Solimões teve como seu primeiro Prelado, nomeado em 6 de Setembro de 1910, o ilustre e saudoso missionário fr. Evangelista de Cefalônia, um grande espirito e um eminente animador da instituição.

Por sua morte, ocorrida a 31 de Janeiro de 1938, sucedeu-lhe na direção da Prefeitura, outro missionário de envergadura, fr. Tomaz de Marcellano, ilustrado e virtuoso, que se tem imposto à admiração de todos pela nobreza de sentimentos e pela soma de esforços que há dispendido pela sorte da humanitária Ordem.

Não só a Igreja católica está representada no municipio. Outras igrejas protestantes têm lá o seu culto.

A instrução pública vai cada vez mais ampliando o número de escolas urbanas e rurais, de modo a atender as necessidades do meio ambiente. Além das escolas mantidas pelo Estado, em número de oito, com séde em Benjamim Constant, que contém quatro, na Ilha do Aramassa, no Marco da Fronteira — Brasil-Colombia, que é servido por duas, em Remate de Males, e em Tabatinga, a Municipalidade, por sua vez, custeia duas outras escolas, havendo ainda uma particular. Além do grupo escolar, dispõe a cidade de Benjamim Constant de um bom colégio, o Colégio de Nossa Senhora da Conceição, estabelecimento

fundado pelos Revds. padres Capuchinhos, e que foi inaugurado no dia 25 de Fevereiro de 1940, com a presença do prefeito coronel Nelson Noronha, de todas as autoridades locais, do prelado fr. Tomaz de Marcellano, e do Consul do Brasil em Leticia, sr. Armando Amorim. O ato da inauguração decorreu solene, tendo havido vários discursos congratulatórios em torno da obra dos dignos sacerdotes.

O dr. H. Camara informa que funcionou como primeira professora no municipio, na vila de Remate de Males, Dona Teresa Maia, que foi nomeada por ato de 21 de Dezembro de 1904. A escola que foi criada pela resolução, n.º 4, de 30 de Novembro de 1904, recebeu o nome de "Escola Coronel Constantino Néri".

Em 1939, o sr. Interventor Federal, dr. Alvaro Maia, mandou construir um pavilhão na faixa de terra compreendida no flanco esquerdo do marco Brasil-Colombia, onde foram instaladas duas escolas públicas, destinadas a atender o vultoso número de crianças que precisam de alfabetização.

O pavilhão foi inaugurado em 10 de Novembro do ano de 1940. Comunicando pelo rádio este fato ao sr. Interventor Federal, o prefeito de Benjamim Constant, coronel Nelson Noronha, assim se expressou:

— "No amplo salão escola teve lugar às nove horas missa solene celebrada frei Fidelis e assistida por todas as autoridades locais civis e militares, alunos escolas Aramassa, Marco Divisório Brasil-Colombia, Tabatinga, oficiais e praças pelotão independente acantonado fronteira e grande massa popular. Realizada essa cerimonia religiosa, verificou-se imponente sessão cívica que tive honra presidir.

Accedeu meu convite servir orador oficial ato inauguração sr. Armando Amorim, ilustre consul brasileiro na cidade de Leticia, pronunciando brilhante discurso em que pôs relevo providência, criando escolas fronteira. Seguida, falou tenente Perboyre Vasconcelos, dissertando sobre personalidade grande brasileiro Benjamim Constant, patrono novo estabelecimento escolar inaugurado. Solenidade encerrou-se sob vivas aclamações nomes beneméritos grande Presidente Getulio Vargas, general Candido Rondon, ouvindo-se hino nacional entoado todos escolares presentes. Foi essa uma condigna comemoração data terceiro aniversário Estado Novo pela passagem do qual apresento V. Exc. respeitosas congratulações".

O consul Armando Amorim tambem radiografou ao sr. Interventor, comunicando-lhe o grato acontecimento, e cientificando-o de que a cerimônia foi assistida por várias autoridades colombianas de Leticia, e pela nossa guarnição de Tabatinga.

Os Reverendissimos padres Franciscanos estão construindo na orla fronteiriça um monumental colégio, de grandes proporções, para a educação e instrução da mocidade. E' um espaçoso e confortavel educandário, dotado de todas as comodidades higiênicas e destinado a receber alunos internos e externos, servindo ao mesmo tempo de moradia dos professores, que terão pavilhões separados. Por suas grandiosas proporções e pela beleza sóbria de sua arquitetura, o edificio constitue uma obra que atesta o esforço, o empenho, e nobre impulso dos religiosos, de proporcionarem à juventude uma instrução e educação condignas naquela longínqua região do Brasil, a que êles se radicaram pelo coração.

Revolta de seringueiros no rio Ituí

Um drama que vem, de certo modo, justificar algumas páginas sombrias do "Inferno Verde", que aprouve à imaginação candente de Alberto Rangel escrever, em fulgurações estonteantes de artista impressionado com o vale ciclópico, foi a revolta de seringueiros do barracão "Fronteira", sito no rio Ituí, em que se acharam envolvidos vários individuos, alguns dêles de representação social e de dinheiro, determinando à comarca de São Paulo de Olivença a ida, em comissão, do honrado e culto juiz de direito de Manacapurú, atual desembargador aposentado do nosso colendo Tribunal de Apelação, dr. Bonifácio de Almeida.

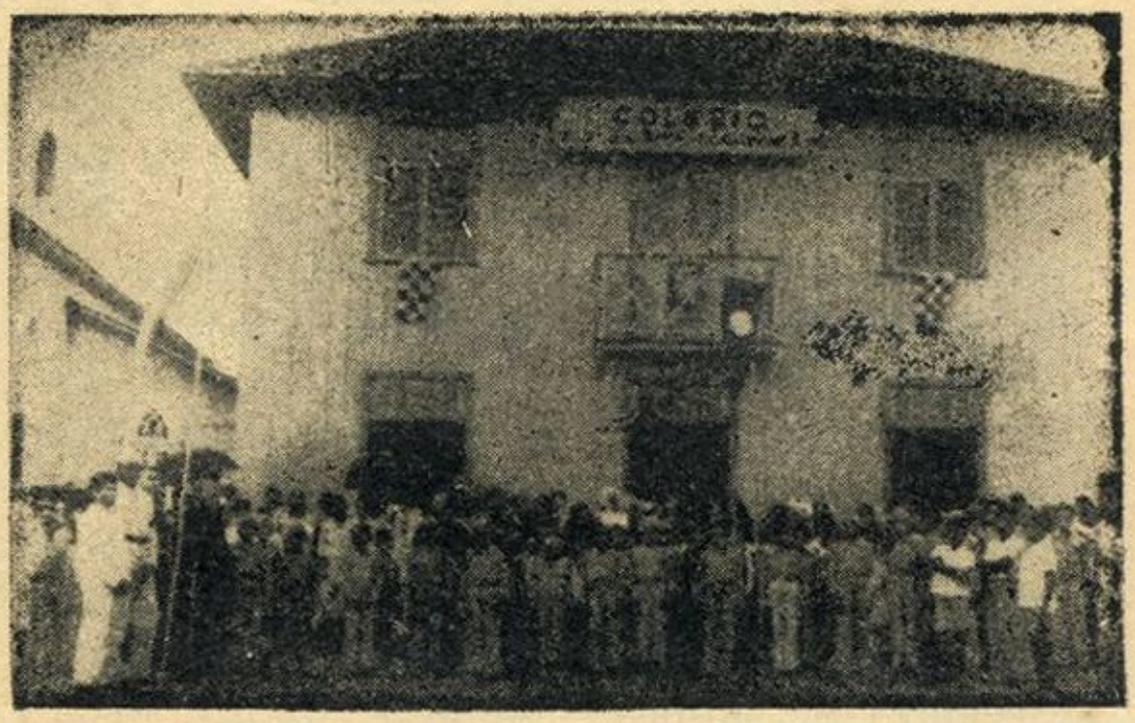
Para sindicar dos fatos e punir os seus autores, na forma da lei, transportou-se à Remate de Males no aviso Cidade de Manáus, em Setembro de 1902, o magistrado de Manacapurú, com credenciais do governo para proceder contra os autores, dos bárbaros crimes, que se desenrolaram naquela zonas.

A denúncia alcançava as seguintes pessôas, apontadas como autores e coniventes na série de

desatinos cometidos contra pobres seringueiros, que, cansados de suportar atrozes sofrimentos, resolveram abandonar aquêle barracão, carregando com seus produtos de borracha até então fabricados: A. A., de nacionalidade colombiana, Candido Arthur da Fonseca Candido de Sousa Penha, Leonel Rodrigues da Silva, Leôncio Negreiros, Joaquim de Sales Sobrinho, Manoel Vitalino da Silva, Vicente Borges Chagas, Cordolino José Galucho, Antonio Pinto de Mesquita, Arthur Borges da Costa, Manoel Joaquim Magalhães, José Arruda de Menezes e João Luiz Marques.

O barracão "Fronteira" pertencia a A. A., e tinha como gerente Manoel Joaquim Magalhães. Tendo chegado aos ouvidos deste senhor que os freguezes daquele seringal preparavam-se para abandoná-lo, levando consigo a borracha até então fabricada, apressou-se em expedir para a foz do rio Javarí, lugar Santo Antonio, onde ficava situada a casa matriz de A. A., o empregado de nome João Luiz Marques, com o fim de comunicar o fato àquele industrial, para que pudesse prender os fugitivos e apreender a goma elástica. Um pouco adiante da confluência do Ituí com o Itecoaí, o portador da nova encontrou com a lancha "Jacurapá", de propriedade de A. A., que conduzia a seu bordo os acusados Leonel Rodrigues da Silva, seu comandante, e

Candido Arthur da Fonseca, aos quais transmitiu a noticia. Não tiveram dúvida em retroceder a Remate de Males, e para maior presteza, deixaram o batelão, que vinha no costado da lancha. Naquela vila entenderam-se com o delegado José Arruda de Menezes, ex-tenente do Batalhão do Regimento Militar do Estado, comandante do destacamento local, fizeram provisão de armas e munições, que mandaram vir da margem peruana, e de novo rumaram para o rio Ituí. Como o número de homens era escasso a bordo, embarcaram no trajecto os seguintes individuos: Candido de Sousa Penha, Joaquim Sales Sobrinho, Vicente Borges das Chagas, Manoel Vitalino da Silva, Leôncio Negreios. e Antonio Pinto de Mesquita. No barracão "Fronteira" tiveram que receber um reforço de homens, e assim fizeram embarcar mais os seguintes, agregados à comitiva: Cordolino José Galucho, Arthur Borges da Costa, Manoel Joaquim de Magalhães, e João Luiz Marques, todos decididos a submeterem os freguezes que resolveram deixar o latifúndio. Navegavam no caudaloso Ituí, quando às 10 horas do dia 15 de Novembro de 1900, encontraram a primeira turma de retirantes, que descia em balsas, com suas familias e bagagens, conduzindo tambem borracha. Imediatamente foram intimados a entregar a borracha, e a retrocederem. Tinham ordens do governo, diziam



Benjamin Constant. Colégio da Imaculada Conceição.

os da lancha Jacurapá, de matar a quem quer que se opuzesse à ordem. Os fugitivos, aterrados com as bocas das carabinas, assestadas para êles, renderam-se, fazendo exceção o seringueiro José Antonio de Moura, que levantou veemente protesto contra a indigna afirmação de que o governo havia ordenado semelhante medida. Um tiro de fusil partiu do convez da embarcação e o autor do protesto caiu exânime, sem vida. Os fugitivos foram capturados e a lancha voltou ao barração Fronteira. Aí chegara, vindo da bôca do Javarí, na lancha Isaura, A. A., que se dera pressa de subir aos seus seringais, fazendo-se acompanhar do comandante do destacamento de Remate de Males, que levou consigo um soldado. Prosseguindo viagem no rio Ituí, conduzia amarrado o batelão da Jacurapá, onde se achavam presos João Nunes, Candido Dantas e Francisco Otaviano. Outros trabalhadores foram amarrados e metidos no porão da lancha no percurso da viagem. Entre os detidos, contava-se o seringueiro Juvenal Ribeiro da Silva, que, tendo se negado a fazer declarações comprometedoras, que se lhe exigiam, para descoberta dos cabeças, teve que se lançar nágua, para fugir ao espaldeiramento de que foi vítima; mas, mesmo assim, lutando com as ondas do rio, viu-se atingido por um tiro, dos inúmeros que contra êle foram disparados, numa

verdadeira orgia de sangue. A bala produziu-lhe um ferimento grave. Um outro pobre seringueiro, José Gabriel, foi brutalmente espancado a sabre. Outros espancamentos se verificaram na descida da sinistra lancha Jacurapá, enquanto singrava as águas turvas do Ituí.

Todos os individuos arrolados na portaria baixada pelo digno magistrado, incumbido de processar os comparsas dêsse drama sanguinolento, em falta do promotor *ad-hoc*, o advogado provisionado Cunegundes Machado, que não aceitou a nomeação, sendo substituido pelo cidadão João Sabino da Costa Cabral, foram citados e devidamente sumariados. A formação da culpa realizou-se a bordo do aviso "Cidade de Manáus", estacionado no porto de Remate de Males, sendo os feridos submetidos a corpo de delito. Serviram de peritos o dr. Adriano Augusto de Araujo Jorge, que por êsse tempo se encontrava em Remate de Males, e um leigo. Aquele devotado profissional, médico de nomeada, e fúlgido orador, durante o espaço de tempo, em que o dr. Bonifácio de Almeida desempenhava as suas árduas funções, no Javarí, prestou inestimáveis serviços clinicos a bordo, examinando gratuitamente os presos, e toda guarnição do aviso, "Cidade de Manáus".

Adriano Jorge, figura de grande prestígio nos meios científicos e literários, é atualmente pre-

sidente da Academia Amazonense de Letras, de que fazem parte outros escritores de intensa projeção nos circulos culturais do país, como os snrs. Pericles Moraes, o cinzelador admiravel de "Figuras & Sensações", de "Legendas & Aguas Fortes", de "Coelho Neto e sua Obra", e outros livros, em que o talento ônimodo do psicólogo e a sua extraordinária faculdade estética caminham harmônicos, em ritmos imprevistos de beleza e correção de linguagem; Alvaro Maia, brilhante tribuno e poeta, de frase empolgante e erudita, e estilo disciplinado pela sua cultura intensiva, professor e publicistas, uma das mais notáveis figuras da geração atual do Brasil; Agnelo Bitencourt, organização de sociólogo e historiador, mestre acatado de Geografia; Araujo Lima, impressionante e meticuloso no desdobrar dos cenários tumultuosos da vida amazônica, apreciando a fundo os motivos de suas teses em "Amazônia. A Terra e o Homem", livro que lhe valeu uma consagração; Benjamim Lima, talento de uma fascinação suspreendente, fulgurando em todas as suas produções de acentuado sentido psicológico; Leopoldo Péres, mentalidade ductil, de imaginação privilegiada, jurista de apurados méritos, artista prestigioso da palavra, que acaba de publicar um documento vibrante de sua esplendida cultura, "Politica e Espirito do Regime"; Huascar de Figueiredo, jornalista de lances brilhan-

tes, e advogado erudito e convincente; Waldemar Pedrosa, reputado professor de Direito Penal, prosador eloquente e espontâneo, jurista de vasta dialética; Ramaiana de Chevalier, artista vigoroso da frase lapidada e do verso, cavaleiro das letras que anda a busca do inédito; André Araujo, sociólogo de alta capacidade filosófica e educacional; João Leda, escritor escorreito, elegante e aprumado, com o sentido clássico do idioma português, jornalista panfletário; Arthur C. Ferreira Reis, historiógrafo, contando extensa cultura e uma já hoje opulenta bagagem literária neste departamento do saber humano; Vivaldo Palma Lima, arqueólogo e publicista; desembargador Arthur Virgilio do Carmo Ribeiro, beletrista e magistrado de reconhecida cultura, além de outros nomes festejados nas letras.

O ilustrado e integro juiz de direito de Manacapurú cumpriu cabalmente a sua espinhosa comissão, com sacrificio de saúde e do bem-estar, sem que até hoje recebesse qualquer remuneração pelo seu trabalho.

O "Arquivo de Jurisprudência", revista mensal de legislação e direito, que se publicava no Recife, inseriu em suas páginas a bem elaborada sentença daquele digno juiz, que atingiu o pináculo de sua carreira como desembargador de Tribunal de Apelação, na qual historia os fatos que apurou, pronun-

caindo os individuos achados em culpa de tão impressionantes atentados. (1)

Perante o colendo Superior Tribunal de Justiça do Estado, a quem foi impetrada uma ordem de "habeas-corpus" em favor dos detidos, exarou o snr. desembargador Benicio Tavares o substancioso parecer seguinte:

"Prejudicado como já se acha o presente recurso por êste Tribunal, que aos recorrentes concedeu uma ordem de "habeas-corpus", depois de havê-la negado anteriormente, sob o fundamento de que o processo instaurado o havia sido irregularmente, se achava inquinado de nulidade substancial, insuprivel, tal como a omissão de denúncia dada pelo representante do ministério público, o nosso parecer nada mais poderá exprimir sinão o cumprimento de uma mera formalidade regimentária.

Entretanto, se a esta Egrégia Corporação a coerência, a harmonia nos julgados, tão necessária para que se firme a jurisprudência, impõem o dever de anular todo o processo instaurado contra os recorridos, fazendo desta arte desaparecer o efeito benéfico e salutar que resultaria para os anarquisados municipios do interior, onde imperam com absolutismo e crueldade uns tantos potentados, da punição de A. A., e de seus perversos auxiliares na prática constante de

atos atentatórios à propriedade, liberdade e vida dos cidadãos: se esse julgamento, diziamos, impõe-se ao Tribunal, a esta Procuradoria cabe o dever de um principio não menos louvavel de coerência e de convicção bastante arraigada para resistir ao choque das opiniões em contrário, de, ainda uma vez, procurar demonstrar que no corpo destes autos não existe a decantada nulidade que se faz crer existir, e que, muito ao contrário, o modo de proceder do juiz comissionado foi dos mais regulares, dos mais de acôrdo com as normas processuais em vigor.

A necessidade de fazer triunfar a causa da justiça sobre o poderio, o valor, a ascendência que, porventura, possa ou possam ter sobre as autoridades locais o agente ou agentes de atos imputáveis perante a lei penal, levou o legislador estadual a autorizar o governo a comissionar um magistrado de comarca diferente daquela em que tais fatos se deram, para que, com isenção de animo, nascida da falta presumida de ligações amistosas com os culpados, podesse desagravar a justiça, promovendo a punição de quem fosse achado em culpa. Dessa autorização capitulada no art. 33 do Código do Proc. Penal do Estado, lançou mão o governo para comissionar o digno juiz de direito de Manacapurú, afim-de-que êste, se transportando a S. Paulo de Olivença, formasse a culpa dos res-

ponsáveis pelos atos criminosos que ali se deram.

O magistrado comissionado, uma vez no município referido, deu começo, por uma portaria, à formação da culpa que terminou pela pronúncia dos complicados, e da qual recorreu nos termos do art. 33 do Código de Processo citado, para esta superior instancia.

Sob o pretexto de que a pronúncia não poderia ser motivada sinão pela denúncia do promotor público, foi inquinado de nulo o processo instaurado.

Entretanto, contra essa opinião errônea, infelizmente vitoriosa, insurge-se terminantemente a disposição do art. 169 do citado Código que assim se expressa: — "a ação penal *ex-officio* será iniciada por meio de portaria contendo os requisitos da denúncia", etc.

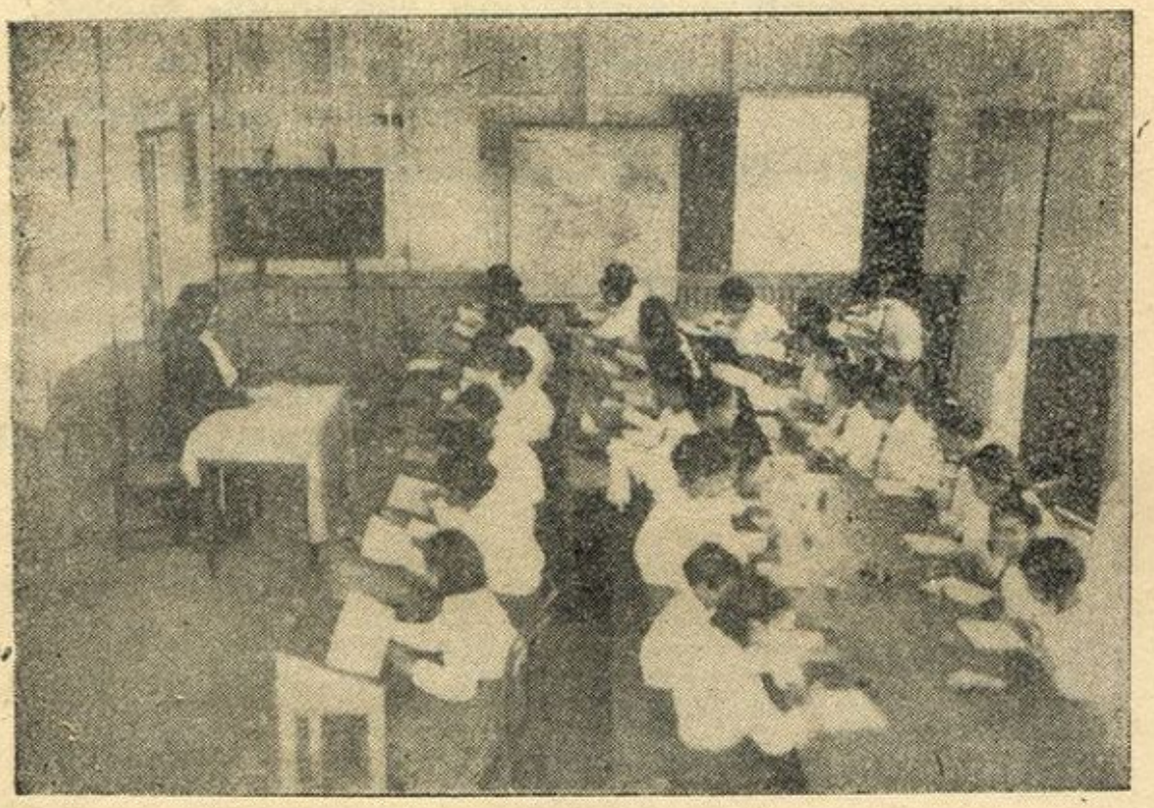
A expressão "contendo os requisitos da denúncia" indica que nos processos da natureza do presente recurso a portaria é a peça que vem suprir aquela.

E não se compreende que fosse chamado a oferecer denúncia a Promotoria de S. Paulo de Olivença, a mesma que deixou que decorressem dois anos depois da prática dos crimes de que dão noticia estes autos, sem que procurasse cumprir os deveres inerentes ao seu cargo.

Quem quer que se dê ao trabalho de estudar em sua marcha evolutiva, através dos diversos sistemas processuais, o procedimento *ex-officio*, há de se convencer de que este, pela excepcionalidade de sua condição, dispensa a formalidade da denúncia, que é o meio regular de se iniciar os processos crimes comuns.

João Mendes, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, no bem elaborado trabalho — "Processo Criminal Brasileiro", estabelecendo a distinção entre o processo visigótico e o romano, afirma que entre ambos há dois pontos de identidade: "um e outro admitem além da iniciativa da parte ofendida, uma iniciativa *ex-officio*, ou da parte pública ou do juiz, órgão do poder social; um e outro partem desta iniciativa, por que quer público, quer secreto, o procedimento provocado pelo ofendido ou pela parte pública, ou pelo juiz, não é sinão um desenvolvimento de provocação contido na queixa do ofendido, na denúncia do ministério público, no despacho ou portaria do juiz. (Obra citada pag. 222).

O art. 407 do Código Penal da República dispõe no paragrafo 3, que haverá lugar a ação penal mediante procedimento *ex-officio* nos crimes inafiançáveis quando não fôr apresentada a denúncia nos prazos da lei.



Uma aula no Colégio da Imaculada Conceição, em Benjamin Constant.

Não se distancia da disposição citada o Código do P. P. do Estado, quando estabelece que a portaria nos casos do presente feito, deve conter os mesmos requisitos da denúncia.

Nestas condições mantemos a nossa opinião anterior, deixando que o Tribunal proceda de conformidade com a lei.

Manáus, 30 de Dezembro de 1902. (a) Benicio Tavares".

O Superior Tribunal deu provimento ao recurso, interposto *ex-officio*, para anular o processo, contra os votos dos desembargadores Sousa Rubim e Rego Monteiro.

HIDROGRAFIA

O quadro hidrográfico do município contém muitos rios, alguns de relevante importância, tais como o Javarí e o Curuçá. Distingue-se, porém, de todos os rios da bacia amazônica, pela sua grandeza, o Amazonas, conhecido na Historia da Geografia por nomes diferentes: rio de São Francisco de Quito, de Santo Inácio de Quito, Paraná-Guassú, e Amazonas, denominação esta última, que não é aliás a que tem em toda a sua extensão, porquanto êste nome lhe compete, propriamente, do oceano à embocadura do rio Negro; dêsse ponto ao Javarí, recebe o de Solimões, e daí por diante o de Marañon, nome êsse com que era conhecido 59 anos antes da expedição de Lopo de Aguirre, em 1559.

Ninguem há que não tenha tido um gesto de espanto, ao defrontar, pela primeira vez, a enorme corrente, a avalanche líquida, tal o espetáculo grandioso que oferece à vista. Alfredo Russel Wallace escreve que foi "com as mais vivas emoções de

(1) Alfred Russel Wallace. "Viagens pelo Amazonas e rio Negro. Trad. de Orlando Torres". "Brasiliana", Vol. 156.

admiração, um mixto de pavor e de respeito com que contemplou a vastidão de águas dêste majestoso e afamadissimo rio". Euclides da Cunha recebeu uma impressão contrária. Diz que o que "nos sobresalteia geralmente diante do Amazonas, é antes um desapontamento", pela razão de que todos nós, "desde muito cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente liricas dos não sei quantos viajantes que, desde Humboldt contemplaram a Hyléa prodigiosa, com espanto quase religioso". Para o estilista dos "Sertões" — "ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva, há longo tempo prefigurada".

Não é sómente o maravilhoso desenrolar das águas trepidantes o que cala no espirito do observador, preso de emoção; há a considerar nesta formidavel corrente, em que as forças eternas se conjugam para dar-lhe um aspecto de beleza gigantesca, os abismos insondáveis, a profundeza extraordinária, que apresenta em todos os pontos de seu curso, em Óbidos, principalmente, em que o rio se confina em leito estreito, para dar vasão ao seu prodigioso escoamento.

Outro aspecto interessante é a fila de florestas, que se levanta de um e outro lado, acompanhando-lhe as margens, onde rebrilha um verde contínuo, intenso, ofuscante.

A floresta do igapó não se confunde com a da terra firme, ou mesmo, com as das terras de transição, entre a várzea e as florestas das terras altas, aonde não chega a inundação.

A côr das águas é outro caratéristico, côr amarela, terrosa, puxando a louro de trigal maduro. As águas carreiam em suspensão argilas de toda parte, de todos os rios, de todas as latitudes da bacia. Os tributários do Amazonas lhe enviam nas ondas em suspensão terras escavadas dos barrancos, inclusive as pedras-pomes desprendidas das bases vulcânicas dos Andes. Por isso pôde um distinto geógrafo dizer: "Aqui as águas das duas correntes têm a mesma côr, contendo partes iguais de argilas, que deslocam dos barrancos; mais além, as águas são de côr diversa, e massas líquidas mais turvas ou mais claras, mais alvas ou mais avermelhadas e até escuras, posto que transparentes, vêm ao encontro do baluarte movel do Amazonas, amarelado, e subitamente arrastadas, depois comprimidas ao longo da barranca, gradualmente desaparecem na torrente mais impetuosa que as revolve em turbilhão, e por fim as devora num verdadeiro redemoinho. Desta sorte, afirma Elysée Reclus, cada afluente, perdendo-se no seio do rio, conta um pouco da sua história geológica pela côr

das suas águas e pelo conteúdo das suas aluviões". (1)

Caudal de efeito surpreendente, pouco a pouco desperta fadiga pelo constante desenrolar dos seus panoramas iguais ou pouco diferentes, pela mesma visada sucessivamente imutavel, de curvas, estirões, enseadas, margens longínquas, florestas, árvores caídas, ilhas flutuantes. Contudo, não se diga que o Amazonas não tem alegria, ou que a monotonia seja o reflexo dessa fisionomia fisiográfica quase uniforme. Desdobrando a sua larga, longa e sinuosa faixa líquida, reina no seu percurso a nota alegre de vida, de mobilidade, de potenciação tumultuária, de exuberância orgânica, de grande poder criador. As águas cantam deslisando, rebramem os vagalhões, quando agitado o rio, as aves enchem de vozes as margens e os ares, os juncais, as práias, onde pousam jacarés, feras, e pássaros de tamanho e coloridos diversos. Ora a sua superficie é calma e tranquila, espelhante, repolida, ora cava-se em contorsões coreográficas de banzeiros brutais, ou rebentam as águas em fervedouros traiçoeiros, ou provocam contra-correntes, e às vezes derivam em sentido diferente da corrente.

---

(1) Estados Unidos do Brasil. Geografia, Etnografia, Estatística. Trad. de Ramiz Galvão.

Canôas, lanchas, vapores, velas abertas côncavas ao vento, alvadias, ou tingidas de urucú, ou carajurú, jangadas, pescadores em montarias, esperando, em doses máximas de paciência, o aflorar dos peixes, ou a arribação das tartarugas, longos penachos de fumo, saindo das habitações marginais, écos plangentes dos grasnados ásperos dos maguaris, e dos estrepitosos gritos das gaivotas, em revôo, tudo empresta ao ambiente um poderoso influxo de vitalidade, de pulsar ritmico, de energia criadora.

Vem a noite e transmuda-se o cenário. Mal se distingue o que está a pouca distância. O prático de navegação, porém, ausculta a corrente, os bàixios, a floresta, e vai seguindo a rota, noite fechada, escura, caliginosa, navegando entre trevas. Conhece a faixa maritima, as curvas do rio, os canais, as práias. Uma luz mortiça, às vezes, acende na escuridão um olho ígneo.

O luar facilita-lhe o percurso. A bacia luminosa estende-se clara. Ao longe muralhas colossais de vegetação, enegrecidas como fantasmas apocalípticos.

Um dêsses paineis emotivos Martius fixou em poucas pinceladas. O naturalista era um namorado da natureza.

Navegando nas vizinhanças da ilha de Paratari, no Solimões, o gênio que articulou, numa

Dia da Juventude Brasileira. Festa na praça 7 de Setembro de 1 941, em Benjamin Constant.

Rio da Janeiro Brasileira. Festa na praça 7 de Setembro
de 1911, em Boa-Jiang Comissão

vasta obra imortal, a botânica brasileira, sentiu-se sensibilizado, e escreveu: "Únicas e inolvidáveis são as impressões que experimenta o viajante em noites como esta. Na paz e no silêncio dessas paragens, não se ouve sinão o sussurro das vagas ou a gritaria longínqua de bandos berrantes de macacos. A mata cerrada destaca-se, ora toda iluminada na costa, ora desaparece nas escuras enseadas; como fantasmas oscila na água a sombra de árvores esparsas ou trechos da mata iluminada, e tudo nêsse cenário maravilhoso parece em transe de imobilidade, até o firmamento noturno, deslumbrante ou encoberto por nuvens negras, que se sucedem lentamente, ora ensombrando o rio, ora num jogo de luz, fazendo-o faiscar mil reflexos de prata". (1)

As tempestades no Solimões são muito violentas. Geralmente, antecipando o temporal, reina um calor abafadiço, incômodo. Os carapanãs se exasperam e atacam as pessôas com mais crueldade. Escurece o ar. O rio adquire uma tonalidade sombria, azulada. O vento começa a refrescar, e em pouco, lufadas rijas varrem a superficie do rio, que começa a encrespar, a erguer os seus vagalhões furiosos. E' um ulular de banzeiros, que se alteiam como querendo submergir tudo. As canôas evitam

(1) "Viagem pelo Brasil". Trad. de D. Lucia Furquim Lahmeyer. Terceiro Volume. 1938.

o temporal, quando se apresenta forte, correndo para as bôcas dos igarapés, ou metendo-se no meio dos capins. Essas tormentas são sempre acompanhadas de explosões elétricas e relampagos. Depois, passa a rajada do vento, suspendem-se ou moderam as descargas elétricas apavorantes, as águas serenam, principalmente se grandes chuvas se precipitam.

Elisée Reclus lembra o que transmitiu o jesuita Samuel Fritz, que andou de burel e cruz alçada por este Solimões imenso, a respeito de um cataclisma, que reduziu, em 1698, o Pastaza e essa parte do Amazonas a rios de lama com a erupção do Carihuairaso.

Tremores de terra têm sido pressentidos.

Alexandre Rodrigues Ferreira estava em Monte Alegre, no baixo Amazonas, quando viu cair um raio que arrastou pelo chão uma criança, que se entretinha com uma ovelha. "Matou a ovelha e deixou a criança". O mesmo famoso escritor das paisagens do rio Negro, do Madeira, e do sertão do Mato Grosso, enumera outros acontecimentos metereológicos, que êle assistiu quando estava em São Gabriel e em Barcelos. Em 1785, achava-se em São Gabriel das Cachoeiras, na ocasião em que caiu um raio. De outra vez estava em Barcelos, aonde foi surpreendido pela explosão de uma faisca elétrica, que destruiu a cruz do frontespicio

da igreja paroquial, quebrou vidraças e fundiu ferros que se encontravam na casa. Um fenômeno interessante foi o que assistiu em companhia do astrônomo dr. José Simões de Carvalho. Conta o naturalista que ambos viram um aparecimento de luz zodiacal, que o dr. Simões de Carvalho já havia aliás visto no rio Solimões. Tambem registra o ilustre naturalista filósofo "uma exalação na figura de um globo de fogo azulado, do tamanho que representa a lua cheia, com uma cauda também ignea, porém menos azulada, a qual, depois de passados, quando muito, dois minutos que desapareceu, fez sentir um estrondo igual ao de uma peça de artilharia, e, passado mais outro minuto, repetiu segundo, porém menos, do que o primeiro".

Na altura de Tabatinga, onde o rio Amazonas ganha o território brasileiro, já é de largura consideravel, que vai cada vez mais se ampliando, exceto em certas passagens, até o mar. Reclus registrou que ali está a 82 metros acima das aguas do Atlântico.

Alguns mapas existem da grande calha do Amazonas. Segundo o ilustrado professor Agnelo Bittencourt, parece que o autor do primeiro mapa do rio Amazonas foi Mauricio de Heriarte, cronista da expedição de Pedro Teixeira; depois vem a carta levantada pelo padre Samuel Fritz, em 1689, referente a parte compreendida entre os Andes e a

embocadura do rio Negro, publicada em 1707, inçada de incorreções, que La Condamine se incumbiu de retificar.

O astrônomo José Simões de Carvalho levantou a planta do Solimões. Outro mapa dêsse rio foi gizado pelo capitão de fragata José da Costa Azevedo, Barão de Ladário, limitado até a fronteira peruana. Montravel riscou a carta do curso inferior do Amazonas. Caetano Osculati deixou um desenho cartográfico do grande rio, trabalho a que também se entregou o naturalista Paul Lecointe. Outro mapa do rio-mar foi-nos transmitido por José Veloso Barreto. Herndon não esqueceu o aspecto cartográfico da região e, por sua vez, construiu um mapa, que a segurança de sua visão de hidrógrafo empresta grande valor.

O *Javarí* ou *Hiauarí*, como se escrevia antigamente, é um rio de grande extensão, tendo-se em vista as inúmeras curvas que faz. Vem desaguar a cinco léguas abaixo de Tabatinga, do lado oposto, na latitude 4° 14' 45',' 2 Sul e na longitude 69° 54' 13'0. de Greenwich.

Serve de limite entre o nosso país e a República do Perú. O Barão de Tefé chama-o de Nilo brasileiro", e o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio compara-o ao caudaloso Juruá, para dar uma impressão da sua grandeza. Com efeito, o Ja-

varí, não só tem importancia como rio internacional, como também é uma corrente notável e de grande valor econômico.

Medindo 1523 quilometros e 344 metros de extensão, a sua bacia abrange 91.000 quilômetros quadrados, e tem uma despeza de 1200 metros cúbicos por segundo. Deságua no Solimões por três bôcas, sendo a principal a que fica a jusante de Tabatinga, e forma na margem peruana duas ilhas, — Islandia e Mauá.

A 37 milhas de distância da base de nivel, na margem direita, recebe o seu primeiro afluente, o Itecoaí ou Tacuí, como era chamado antigamente, na latitude 4° 21' 6" e na longitude 0° 16" 25" 7 Oeste de Tabatinga.

Outro afluente de vulto da margem brasileira é o Curuçá, que se acha a 218 milhas de distância da foz.

Como tributário da margem esquerda (peruana) encontra-se o Javarizinho, a 280 milhas da embocadura do Javarí, no Solimões.

Outro afluente peruano é o rio Galvez, a 475 milhas distante da foz. A começar da confluência do Galvez, o Javarí toma o nome de Jaquirana, ou Jacarauá, como o apelidavam os índios, o qual recebe como contribuintes o Paisandú, o Batam, o Esperança, o rio Alegre, o rio Triste, o igarapé Surpreza e o Rumi-Iaco.

Da junção do Javarí ou Jaquirana com o Paisandú até às nascentes, vai uma extensão de 187. 1/2 milhas.

O Javarí, sob o nome já citado de Jaquirana, que na lição do ilustre filólogo dr. Arthur Neiva, era a denominação que os selvagens davam à cigarra, tem o seu nascimento na latitude 7° 6' 55" 5 Sul e na longitude 73° 47' 45" Oeste de Greenwich.

Extremamente sinuoso, faz muitas voltas rápidas, muda de leito em certas paragens, convertendo peninsulas em ilhas, e formando sacados.

Nos meses de enchente (Janeiro, Fevereiro, Março e até às vezes Abril) acha-se alagado, e então as suas margens naturais crescem, pois a corrente invade as terras baixas e as cobre completamente.

Na época de vasante as águas correm bastante. Em certos lugares a correnteza é verdadeiramente dificil de vencer.

Próximo à nascente, que se presume perto da cadeia dos montes Cantomana ou Cauchawaya, as águas se precipitam em cachoeiras, sendo a mais notável delas, a cachoeira Esperança, e o rápido chamado do Queiroz, indo a velocidade da corrente diminuindo progressivamente à proporção que se avizinha do Solimões.

As terras firmes são muitas, de um lado e outro, todas de formação terciária.

O Javarí foi explorado em 1780 pela comissão portuguêsa de demarcação em grande parte de seu curso. Outras explorações realizaram-se depois, como a chefiada pelo capitão-tenente da Armada imperial José da Costa Azevedo, depois Barão de Ladário, e do capitão de mar e guerra peruano D. Francisco Carrasco, na qual serviam o capitão-tenente João Soares Pinto, brasileiro, e o astrônomo Paz Soldan, do Perú, além de outros, comissão essa que foi infeliz pelo desastre lamentavel da morte do capitão Soares Pinto, no lugar Espirito Santo, em 1866, ferido pelas setas envenenadas dos terriveis índios da região, mas que conseguiu, num labor profundo, obter um magnifico cabedal de pesquisas. Paz Soldan morreu de febre, anos depois, em 29 de Setembro, sendo sepultado na cidade de Tefé.

Foi organizada uma outra comissão mixta, chefiada respectivamente pelo Barão de Tefé e por D. Guilherme Black, comissários, o primeiro do governo imperial do Brasil, e o segundo da República do Perú, os quais se utilizaram em parte da documentação deixada pela comissão anterior, e alcançaram chegar às cabeceiras do Jaquirana, através de todos os revezes, que tiveram de encarar, contra a natureza hostil, e a fúria encarniçada dos selvagens.

Costa Azevedo, Barão de Ladário, que lá estivera, em 1867, opôs objeções à determinação as-

tronômica do Barão de Tefé, duvidando que o saudoso almirante tivesse estado na nascença do rio. Para dirimir a dúvida, o governo comissionou o coronel de engenheiros Gregório Taumaturgo de Azevedo, que não conseguiu a última palavra sobre a linha geodésica verdadeira. O governo nomeou então o coronel Cunha Gomes, que confirmou ser o Jaquirana a continuação do Javari, e não o Galvez, como alguns espiritos acreditavam.

O conflito de opiniões teve para dirimi-lo a palavra autorizada do notavel astrônomo dr. Luiz Cruls, que fixou, de vez, a nossa fronteira com o Perú, ultimando-se dêste modo uma questão secular de divisa. (1)

O Javarí comunica com os rios Tamaya e Ucaialle, pelo Jaquirana.

Existe desta importante veia potâmica um mapa, organizado pelo Barão de Ladário, trabalho cuidadoso, realizado com a inspeção ocular do admiravel afluente do Solimões. Outro mapa, e de grandes proporções, pois mede 5 metros de comprimento sobre 2 de largura, cuja autoria é do Barão de Tefé, do rio Javarí, foi premiado com duas medalhas de ouro, uma na Exposição Universal de Paris, em 1889, e a outra, que mandou

---

(1) Agnelo Bitencourt. "Corografia do Estado do Amazonas" 1925.

cunhar, pela primeira vez, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. (1)

Sôbre os antigos habitantes do Javarí, o padre José Monteiro de Noronha escreve que êsse rio era povoado de índios das nações Maruá, Pano, Chayavitá, Chimaána, Ianco, Maiurunas e outros. (*Roteiro*).

Tratando dos elementos antropológicos da população do Amazonas, Elisée Reclus diz que os habitantes do alto Solimões já são muito misturados, embora conservem os seus caracteres comuns, e vivam ainda em tribus. "Reconhecem-se, escreve, os Omáguas pelo rosto redondo e flácido, e os Iauas pelo seu andar altivo. Os Tecunas circuncisos pelos seus vestuários pintados. Enquanto essas hordas estão muito influenciadas pelos brancos, as que habitam o Içá e Putumayo conservam-se no seu estado primitivo". Os Oitotós, segundo aquele grande geógrafo, são provenientes dos Caraibas. "Oitotós" quer dizer "inimigos".

Tentou chamar ao concerto da vida policiada grande parte dos selvagens que habitavam o rio Quixito, o missionário capuchinho Fr. Wenceslau de Spoleto, que nenhum resultado colheu da sua tentativa.

---

(1) "Elogio do Almirante Barão de Tefé" pelo comandante Cesar Feliciano Xavier. "Jornal do Comércio", Rio, 30 de Maio de 1937.

Os selvícolas que atacaram a comissão Barão de Tefé e Dom Guilherme Black, não eram Mangeronas ou Maiurunas, ferozes e antropófagos. Von Hoonholtz examinou detidamente o primeiro índio morto a fusil, e verificou que não tinha nenhum dos característicos daqueles ameríndios, sendo levado a crer que se tratava de representante de uma tribu desconhecida.

Com os Maiurunas, empenhavam-se em guerras continuadas e renhidas os Tecunas, que se aldeiavam nas margens do Solimões e Marañon.

O Javarí ainda não está isento de índios rebeldes. Apenas mais moderados na impetuosidade, e perdido o hábito de comerem carne humana, de chupar até o tutano os ossos dos portugueses, dos inimigos, e dos próprios parentes, êles ainda atacam os barracões mais longinquos, matam e depredam, com o propósito de roubar armas de fogo, e as mulheres brancas. E' sabido em Remate de Males que os índios, que habitavam o Jaquirana, são capitaneados por dois bandidos, um espanhol e o outro peruano. Possuem muitas armas de fogo, que, segundo se crê, adquirem nos altos rios Juruá e Tarauacá.

Curuçá. Explicando a origem da palavra Curuçá ensina o erudito dr. Arthur Neiva que o índio não podia pronunciar *cruz*, devido ao *r*. "Tal dificuldade originou a formação de dois vocábulos.

Se era guaraní, pronunciava *curuzú* e *curuçú*, se tupí, *curuçá*. "Esta forma, Curuçá, aparece no rio tributário da bacia do Javarí, pela margem direita.

Rio muito rico de árvores de bôa madeira de lei, suas matas são altas e fechadas, e possue enormes seringais, que são o seu maior valor econômico utilisavel, sem falar em outras essências exploradas e por explorar. Muitas terras firmes, elevando-se em abauladas barreiras, correm ao longo das margens dessa corrente, que recebe pela aba esquerda o rio Pardo.

Outros afluentes do Curuçá são o rio Arrojo e São Carlos. As terras firmes são habitadas por brasileiros, recebendo as fazendas e os sitios nomes nacionais e de santos: Cajueiro, Bacabal, Tambaqui, São Bento, Santa Cruz.

A vasante do Curuçá dá-se em Agôsto e Setembro, quando chega ao máximo limite, aparecendo os primeiros repiquetes ou águas novas, em Novembro.

Itecoaí. Até ao presente não há uma noticia circunstanciada, propriamente hidrográfica ou fisiográfica, deste grande afluente da margem direita do Javarí, o qual apresenta um curso de 1.065 quilômetros. A sua bacia está calculada em 91.000 quilômetros quadrados. Tem o rio uma despesa média de 1.200 metros cúbicos. Suas águas crescem

muito na enchente, alagando as margens e os campos. O Itecoaí é extremamente coleante, cheio de meandros, marginado de florestas sombrias, embora conte muitas habitações e pequenas fazendas de criação de gado, e seringais.

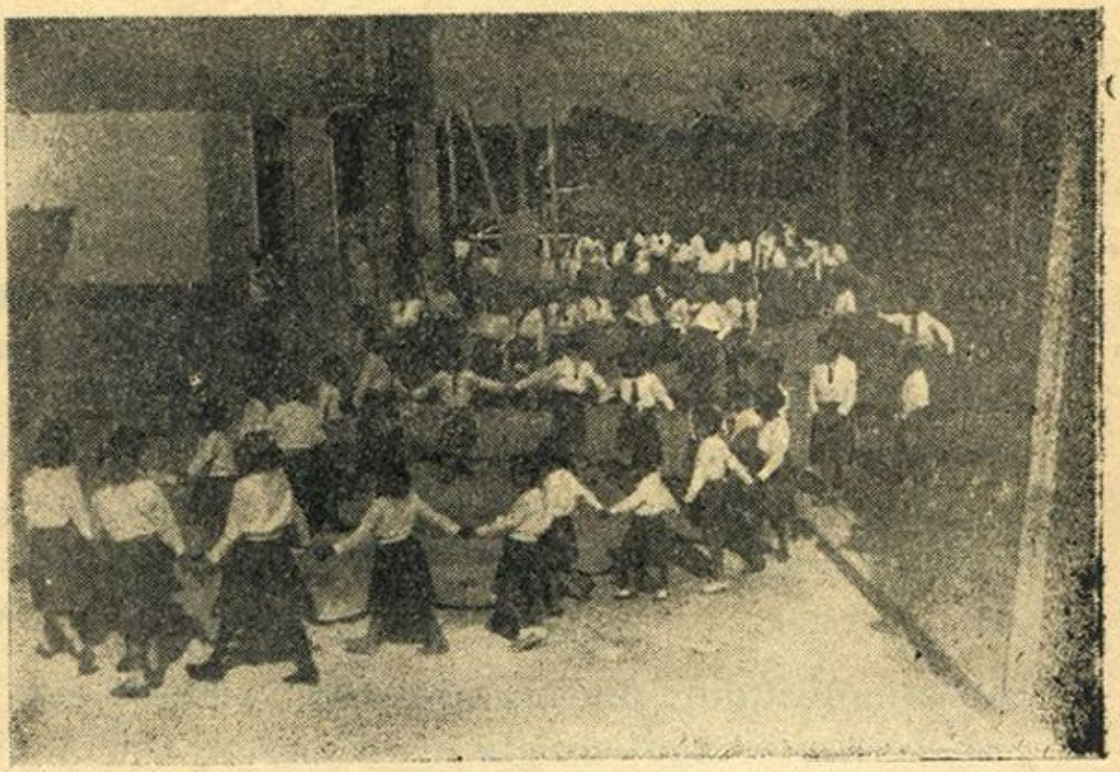
A povoação de Remate de Males não escapa aos efeitos, às vezes desastrosos, da enchente ou da alagação.

É o Itecoaí muito rico de madeiras de lei, de seringueiras, de essências outras. Suas águas amareladas carregam em suspensão muito material orgânico e argiloso, proveniente das barrancas, que a corrente vai corroendo.

A existência de ilhas, aqui e ali, dá um aspecto pinturesco à paisagem.

Os afluentes mais consideráveis do Itecoaí são: Quixito, à margem esquerda, distante 25 milhas de Remate de Males; Ituí, rio de grande extensão; Rio Branco, que está a 125 milhas da foz; rio das Pedras, a 170 milhas da foz.

Quixito. Rio de teor de águas pouco consideravel, mas de comprimento regular, não se sabendo a sua extensão. E' um dos mais importantes da região, por ser muito piscoso e abundante de linhito. Conflue na margem esquerda do Itecoaí. Recebe de um lado e outro nutridos igarapés ou riachos. No igarapé das Araras existe um veio de linhito de 1 m. 60 de espessura.



Exercícios ginásticos.
Colégio da Imaculada Conceição, em Benjamin Constant.

Exercicios ginásticos.
Colégio da Immaculada Conceição, em Benjamin Constant.

Consta êste rio, muito sinuoso, de corredeiras e cachoeiras, sendo a principal a Tracoá, a montante do igarapé das Araras. (1)

Ituí. E' um rio riquissimo de seringais, muito povoado e dotado de bons ares. Alonga-se por entre matas em grande parte exploradas pelos extratores de borracha, que lhe devassaram as florestas, recalcando os índios para o centro.

Em vários lugares estão situados barracões e campos de criação de gado vacum, lanígero e caprino.

Oferece o Ituí fundo às embarcações a vapor, especialmente no tempo da cheia, quando as águas crescem muito, e espalham-se, inundando grandes extensões. Póde ser navegado durante vinte e cinco dias.

Rio Branco. Tem êste rio um comprimento de mais de 300 milhas, e em alguns lugares estende-se numa largura admiravel. Margens altas, intercaladas de plainos baixos e igapós sombrios, campos fecundos de pastagens e matas opulentas, sucedem-se ao longo desta corrente de lindos e empolgantes panoramas.

---

(1) "Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Boletim n.º 8. Linhito no Alto Solimões". 1924.

NATUREZA DOS TERRENOS

MINERALOGIA. FÓSSEIS.

A região de Benjamim Constant considerada à luz da geologia e da mineralogia, é de futuro auspicioso para o desenvolvimento econômico do municipio. Não se trata de riquezas ocultas, vagas, ou conhecidas através de lendas e recordações, que nos legaram os índios. O seu sub-solo é, em verdade, centro de importantes jazidas e veios de linhito, comprovadamente verificados com as pesquisas científicas de dois dos nossos mais notáveis geólogos do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

O governador do Amazonas, tenente-coronel Constantino Neri, depois promovido a general, disse em Mensagem, dirigida ao Poder Legislativo: "Dia a dia mais se avolumam as provas da existência de jazidas minerais no território do Estado.

Em virtude de explorações feitas e comprovadas com amostras que nos foram presentes, por leis de 29 de Agôsto e 27 de Setembro de 1904, concedestes ao cidadão Euclides Nazaré o direito de

explorar as jazidas de granito e mármore por êle descobertas na vila de Moura, e ao cidadão Antonio Francisco Carvalhal a exploração das de carvão de pedra e seus derivados quimicos, nas terras banhadas pelos rios Içá e Japurá".

Em Tabatinga, nos rios Javari, Curuçá e Quixito, não escasseiam os leitos de linhito, de espessura assinalavel, o que certamente, de futuro, há de constituir fortes elementos de riqueza com o aproveitamento dessas camadas mineralógicas. (1)

Os professores Avelino I. de Oliveira e Paulino de Carvalho, contratados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, estudaram várias regiões do Amazonas, e depois encetaram suas observações e pesquisas em torno da fronteira do nosso país com o Perú.

Verificaram os consumados geólogos afloramentos de linhitos existentes em Tabatinga, onde, anteriormente, no trecho deste ponto brasileiro até Pebas, no Perú, James Orton descobriu conchas fósseis, em 1867, que o sábio geólogo Gabb considerou restos animais como pertencentes "a uma fauna da era terciária".

---

(1) De Tabatinga já tem sido retirado carvão de pedra, e utilisado com vantagem em lanchas, como a "Angelina", que desceu, queimando carvão da mina ali existente.

Não faz muito tempo, o Snr. Sebastião de Oliveira Reis, maquinista da lancha mencionada, trouxe para esta capital um bloco de carvão de Tabatinga, pesando meio quilo, e ofereceu a O JORNAL.

O professor Maxwell, estudando grande trecho do rio Amazonas, aumentou a coleção de conchas, tendo encontrado leitos fossilíferos em outros lugares no Marañon. Poucos anos depois, em 1871, o naturalista J. B. Steere, encontrando-se com o professor Frederico Hartt, no baixo Amazonas, recebeu dêste egrégio sábio recomendações para examinar a geologia da localidade de Pebas, e com efeito, Steere, após algumas pesquisas, descobriu alguns fósseis, que colecionou, escrevendo uma memória, que dirigiu ao seu dileto amigo. Mr. Steere afirma que examinou atentamente o território de Tabatinga, e encontrou bem nas vizinhanças da fronteira" leitos horizontais de argila vermelha com veio de carvão argiloso, dividindo-os".

Estas notas sobre a geologia da região representam um resumo do que reproduziram os distintos profissionais comissionados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, os quais, transportando-se a Tabatinga, tiveram, após as necessárias averiguações, de anotar uma vasta bacia hulheira terciária nos diversos afloramentos, verificados no Javarí e Içá.

Junto à boca do igarapé de Santo Antonio, em Tabatinga, os geólogos mencionados encontraram um leito de linhito, que se estende pela margem esquerda do Solimões, numa extensão aproximada de um quilômetro.

Relatam os ilustres técnicos que, quando estiveram em Tabatinga, em 1819, engenheiros peruanos haviam aberto, de pouco tempo, tres picadas paralelas através do igarapé, penetrando em território de sua margem esquerda. (1)

No rio Javarí, para onde se transportaram aqueles profissionais, depararam com diversas barreiras, cujo perfil geológico, indicava grandes afloramentos desse combustivel. Assim, nas corredeiras do Queiroz, ficam a descoberto, de Julho a Setembro, lençóis de linhito.

No local, denominado Terra Firme do Repouso há, ao nivel dágua, um leito de linhito de 0. m 50 de espessura, entre argila pardo-azulada. No seio da argila pardo-azulada, que serve ao linhito, encontra-se muita pirita de ferro, como se encontram blocos de calcáreo de textura fina no igarapé do Irari.

Uma colina geológica nêste rio oferece a seguinte formação:

Terra vegetal.

0,m 20 de argila branca.

0, m. 15 de linhito.

0, m. 20 de argila escura.

1, m. 70 de argila escura, rica em fósseis do

(1) "Ouro no Amapá e Linhito no Alto Solimões". "Boletim N.º 8. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. 1924.

terciário; contém disseminados fragmentos de linhitos.

5, m. de argila pardo-azulada com blocos de calcáreo esverdeado.

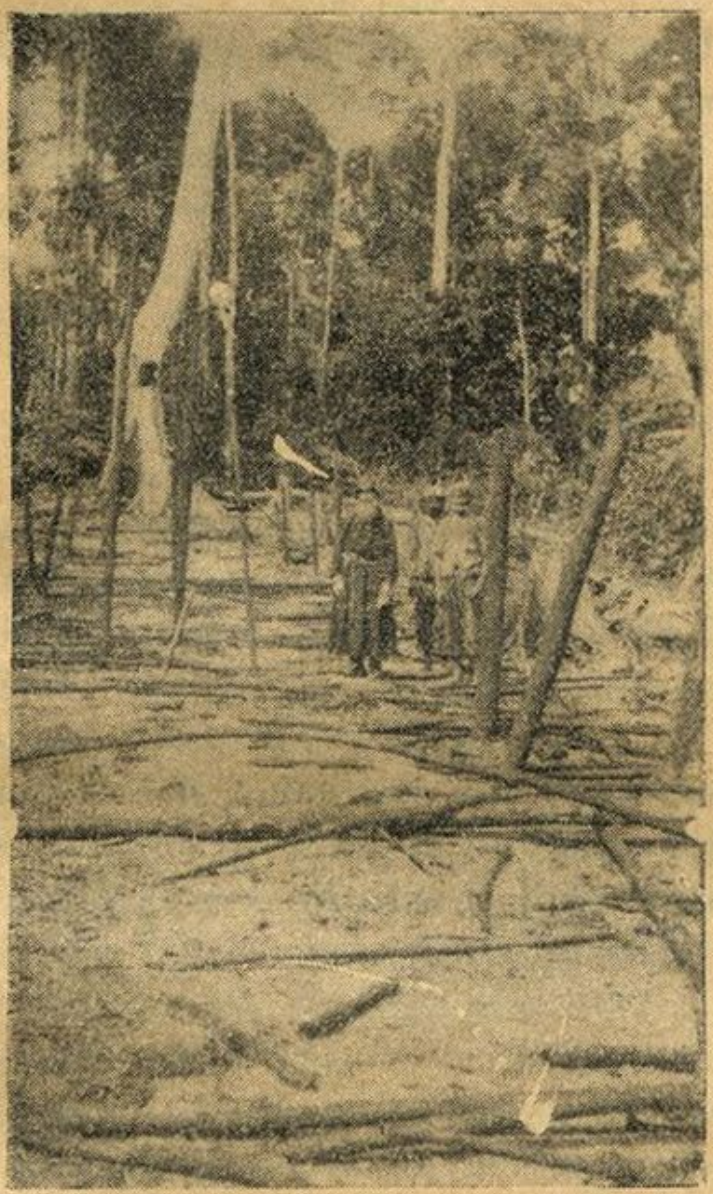
Nivel dágua do rio.

Os fósseis colhidos nesta localidade, segundo os mesmos professores, foram os seguintes:

1 — Dreissena fragilis, Boetzer.
2 — Anisothyris (Pachydon) tenuis, Gabb.
3 — Anisothryris (Pachydon) carinata, Conrad.
4 — Anisothryris (Pachydon) erecta, Conrad.
5 — Leila (Iridina) espécie nova.
6 — Hydrobia ortoni, Gabb.
7 — Hydrobia scalarioides, Etheriadge.
8 — Hydrobia confusa, Boetiger.
9 — Hydrobia lintea, Conrad.
10 — Hydrobia tricarinata, Boetiger.
11 — Pseudolacuna macroptera Boetiger.
12 — Malanopsis browni, Etheridge.
13 — Cerithium Coronatum, Etheridge.
14 — Neritina zig-zag.

Os fósseis descritos, dizem os considerados profissionais já citados, são todos terciários, provavelmente do miocene.

Não menos ricos de hulha se apresentam os terrenos do rio Curuçá, acima das Barreiras do Tambaqui, onde se encontra uma camada de linhito, bem como na colina do Cajueiro.



Frei Wenceslau de Espoleto, da Prefeitura Apostólica do Alto Solimões, em marcha pelas ásperas florestas do rio Quíxito, dirige-se à maloca dos selvagens, conhecidos pelo nome de Caribós.

O corajoso missionário franciscano nessa perigosa visita aos selvícolas, fez-se acompanhar dos Srs. Vicente Alves, José Evangelista, e João Sidônio.

No rio Quixito são extensas as jazidas de linhito ali existentes. No leito do igarapé das Araras foram extraídas algumas toneladas desse combustivel. Êste aspecto, segundo descrevem os professores Avelino I. de Oliveira e Paulino de Carvalho, se dilata 50 m. pela margem esquerda do referido igarapé, depois "passa a assoalhar o leito do mesmo, dando no ponto da passagem uma cachoeira de 2 m. 20 de queda".

Na profundidade de seis metros, na cachoeira de S.. Pedro, a jusante do igarape das Araras, o prumo de sondagem revelou a existência dêsse combustivel. Do mesmo modo o minério é encontrado no rápido do Tracoá.

Muitos fósseis acham-se nas camadas do terreno, pertencentes ao periodo da fauna miocenica.

As madeiras petrificadas e abundantes nessas terras dos rios Içá, Javarí e Quixito, são da mesma idade do linhito, isto é, terciárias. (1)

O naturalista Von Spix, de fama mundial, que estudou detidamente a nossa fauna e flora, encontrou nas marges da foz do Javarí um grés cinzento escuro, quebradiço, muito duro," que figura como primeira e única mudança na formação uniforme de grés kéuprico ao longo do Solimões, isto é, parece pertencer ao próprio grés de cantaria".

---

(1) "Boletim N.º 8" do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

A BORRACHA

O CONTRABANDO

Devido a sempre crescente exploração dos seringais e ao aumento da produção da borracha, tornou-se o Municipio de Benjamim Constant um atrahente empório comercial dêste produto, convergindo para êle grandes capitais, e uma considerave onda imigratória.

Os armazens, tanto em Remate de Males, como na fronteira povoação peruana de Nazaré, regorgitavam de mercadorias. Vapores e lanchas entravam nêsses portos carregados de mercadorias e saiam abarrotados de borracha e outros generos.

Da diferença de tarifas aduaneiras ocorria que as mercadorias dos estabelecimentos peruanos fossem vendidas por preço inferior aos da vila brasileira. Gosando por igual de melhores favores a saida da goma elástica proveniente do Perú, grande parte da nossa produção dêste artigo era desviada e embarcada como de procedência daquele país. A nossa borracha desnacionalizava-se, e era vendida como oriunda dos seringais do Marañon e de Maina.

Tal foi o escoamento do nosso produto, incrementou-se de tal maneira o contrabando, que em breve se fizeram sentir os perniciosos efeitos do desvio clandestino. Entrou então o governo do Estado a tomar medidas, que lhe pareceram urgentes, no sentido de refreiar o incitamento à fraude e ao escoamento da nossa principal fonte de riqueza.

Desde o tempo da Provincia do Amazonas, que medidas acauteladoras dos nossos interesses econômicos, não sómente neste sector, como em outros pontos da nossa fronteira, foram postas em prática.

Em 1904, Monsenhor Francisco Benedito da Fonseca Coutinho, vice-governador do Estado, em exercicio, pintava a situação com as seguintes côres: "Extensa, como é, a nossa fronteira com a República do Perú, mais dificil se torna, pelas condições especiais do rio Javarí, o exercicio de uma fiscalização regular e perfeita, de forma a impedir o transporte de gêneros brasileiros para a margem da República limitrofe, onde a benignidade excessiva dos direitos de exportação concita ao contrabando, em prejuizo das rendas estaduais". Consigna o titular o declínio de ano para ano da borracha da margem brasileira do Javarí, enquanto se avolumava a exportação direta de Iquitos. Para corroborar essa afirmativa, Monsenhor Coutinho escrevia que, em 1900, a exportação de Iquitos foi de 740 toneladas de borracha e 180 de caucho;

em 1901, de 689 de borracha e 693 de caucho; em 1902, de 812 de borracha e 638 de caucho, e em 1903, de 846 de borracha e 932 de caucho Em confronto com esses algarismos traça o quadro da exportação de borracha da margem direita do Javarí:

	ANOS		
Qualidade	1900	1901	1902
Borracha ..	1.091.614	252.785	429.625
Sernambí ..	103.755	93.047	80.009
Caucho	44.378	28.459	13.619
	1.239.747	374.291	523.253

Do ano de 1892 para a época em que escrevia aquele dirigente do Amazonas, o prejuizo sofrido pelo Estado foi grande. Tendo-se desenvolvido naquele ano a exploração das florestas do Javarí e seus afluentes, devia paralelamente aumentar a produção. O contrário, porém, foi o que sucedeu. Não só se escoavam os produtos do Javarí, como os do Juruá e do Solimões, os quais eram desviados para o Perú, donde vinham exportados como de origem peruana.

Com o fim de conjurar o abuso o governo imperial, alterando o Regulamento das Alfandegas,

pelo decreto N.º 6.272, de 2 de Agôsto de 1876, determinou que a Mesa de Rendas de Tabatinga fosse transferida para o lugar da antiga aldeia do Capacete.

Já se tinha evidenciado que havia contrabando não só relativamente à importação dos gêneros estrangeiros, como à exportação dos produtos provinciais. Todavia, a medida do governo nunca chegou a ter efetiva execução.

O presidente dr. José Paranaguá, em 1883, suscitou o lançamento de um imposto fixo sobre cada barraca da margem direita do Javarí, imposto que deveria ser calculado pela média da produção de cada estrada e pelo preço médio da exportação durante um exercicio. Pensava com essa providência o presidente do Amazonas extinguir o contrabando, a *hidra javarinense*.

Com o mesmo objetivo, o deputado Bento Aranha tomou a iniciativa de apresentar a Assembléia Legislativa Provincial, em 1883, um projeto de lei, creando um posto fiscal no Capacete, para a fiscalização do Javarí. Bento Aranha discutiu com calor o projeto em todas as impugnações dos oposicionistas. Chegou a prometer a exibição da carta topográfica do Solimões, levantada pelo conselheiro Costa Azevedo, tendo o sr. Silvério Neri dito em aparte: "Vamos ter o sudário da exposição".

O projeto passou, mas não teve execução.

Frei Wenceslâu chega a uma clareira, e encontra uma cova coberta de ramos verdes.

Em 1885 foi creada uma agência fiscal no Javarí, tendo sido nomeado agente o sr. Tomaz de Aquino Junior.

A medida foi improdutiva ,pois o escoamento da nossa borracha continuava a ser feito em barda.

Resolveu o governo amazonense, por portaria de 28 de Junho de 1887, instituir um pôsto fiscal na foz do rio Itecoaí.

Da proclamação da República em diante, não cessaram as manobras fraudulentas de desnacionalização de nossa borracha, diminuidas, é certo, porém frequentes.

E' de salientar o que escreveu em documento público, no ano de 1897, o dr. Fileto Pires, governador do Estado:

"O nosso caucho e a borracha do Javarí e Jutaí procuravam a aduana do Perú, onde êsses produtos pagam tributo menor que ao Estado, com graves e sérios prejuizos para a fortuna e moralidade pública". (1)

Vários funcionários inteligentes e conhecedores do serviço de fiscalização foram enviados ao posto de Remate de Males, para o fim de controlar rigorosamente o movimento de produção e exportação da borracha e do caucho, e estudar tão gra-

---

(1) Cirilo Leopoldo da Silva Neves. "Relatório apresentado ao Governador do Estado, dr. Antonio Constantino Neri. 1908.

ve problema. O sr. Ciríaco Alves Muniz lá esteve, em comissão. Suscitou esse probidoso funcionário o estabelecimento de um imposto por estradas de seringueiras da margem brasileira do Javarí, fundado na produção mínima de um determinado número delas, de modo que o resultado da arrecadação desse imposto compensasse os direitos de exportação, que deixassem de ser pagos, sobre a borracha das mesmas estradas, transportadas para a margem peruana. A sugestão não foi concretizada, e o desvio das rendas continuou em grande escala, vendo-se o governo na necessidade de reduzir o imposto de exportação, de 20% a 7%.

Outro funcionário, o sr. Pedro Bandeira, coletor em comissão da Coletoria de Rendas do Javarí, escrevia em 1901:

"O curso do rio Javarí, longo e sinuosissimo, dispõe de tres tributários que nêle desaguam pela margem direita, rasgando em não pequena extensão o território nacional, sendo o menor dêles o rio Santana, que fica mais distante dos pontos fiscais, seguindo-se depois o rio Curuçá, finalmente o maior dêles o rio Itecoaí, que desagua um pouco mais perto da confluência do Javarí com o Solimões. O primeiro dos tres rios não possue fiscalização alguma; o segundo, apesar de ter a vigilancia de um coletor e dois guardas, nem por isso deixa de sofrer o mal do contrabando, por engano

ou lôgro dos sindicantes. O terceiro, finalmente, não obstante estar sob a inspeção direta do chefe desta Coletoria, não oferece imunidades àquela enfermidade, que o arruina surda e violentamente, graças as comunicações que entretem, em vários pontos distantes de sua foz com o próprio rio Javarí, por meio de varadouros ou desaguadoros dos lagos das terras intermediárias, os quais estabelecem, por ocasião das cheias, francas passagens, tanto a canôas, como até lanchas a vapor. (1)

Considerando todas essas circunstâncias, o coletor comissionado achava impossivel uma fiscalização completa em toda a extensão do imenso rio Javarí, cujas margens estavam povoadas de barracas de trabalhadores, extratores de goma elástica, que comoda e tranquilamente, transportavam os seus produtos de uma a outra margem, desde a embocadura até as cabeceiras.

A causa do contrabando, como já foi dito, era proveniente da diferença, não pequena, entre os impostos dos dois paises, o Brasil e o Perú.

Desde que o fabricante encontrava vantagens em vender os seus produtos como peruanos, dada a facilidade, que havia, de transportá-los para a outra margem, deixava de despachá-los como bra-

(1) "Mensagem do Governador do Estado do Amazonas ao Congresso dos Representantes, em 10 de Julho de 1902. Vol. 11.

sileiros, e exportava-os sob a rubrica de peruanos, aproveitando-se da diferença sobre as tarifas.

Para evitar o mal, o sr. Pedro Bandeira aludia a sugestão de seu colega, o sr. Ciriaco Alves Muniz, com pequenas alterações, demonstrando com cifras a eficiência de tal medida para a economia dos cofres públicos do Amazonas.

Caso não fosse susceptivel de aprovação tal providência, aventava o inteligente coletor um outro alvitre — "arrematação dos impostos a cobrar, feita no começo de cada ano civil".

Ao tempo (1901) havia na região do Javarí tres coletorias, uma que funcionava na fronteira de Tabatinga, outra em Remate de Males, na margem direita do rio Itecoaí, e a terceira na foz do rio Curuçá. Essas coletorias não cobravam direitos, apenas fiscalizavam as quantidades de generos tributados.

Outro funcionário competente que esteve no Municipio de Benjamim Constant, em 1907, foi o sr. Cirilo L. da Silva Neves, que examinou as possibilidades de extinção do contrabando na fronteira. Pesadas as circunstâncias, apresentou ao governo o seguinte plano:

a) o governo suspenderia a concessão de títulos definitivos de terras na margem brasileira do Javarí. Os indivíduos que desejassem cultivar terras naquela margem, poderiam adquirí-las por arrendamento bienal ou trienal, com direito à reno-

vação dos respectivos contratos, desde que provassem que, durante o praso terminado, cultivaram os terrenos arrrendados e despacharam convenientemente os produtos dêles extraídos;

b) O governo empregaria os meios de proporcionar aos habitantes do rio Javarí, em lanchas de cabotagem brasileira, a mesma facilidade de navegação e transporte de produtos e mercadorias, que êles encontravam ao tempo nas lanchas de cabotagem peruanas;

c) Reorganizaria o serviço fiscal do Javarí, escolhendo para tal fim pessoal idôneo e de responsabilidade pública.

Como base de reorganização do serviço fiscal, propunha aquele alto funcionário a creação de uma Mesa de Rendas no Javarí, com séde em Remate de Males e jurisdição em todo o Municipio de Benjamim Constant e no de São Paulo de Olivença, do lugar Capacete para cima, e com tres agências fiscais a ela subordinadas, sendo a primeira em Santo Antonio ou em Esperança, na foz do Javarí, a segunda, na foz do rio Curuçá, e a terceira no Jaquirana ou alto rio Javarí. Ou então, caso não medrasse essa idéia, se creasse uma Alfandega mixta.

Os diversos planos engenhosos postos em prática e a fiscalização, cada vez mais rigorosa, fizeram diminuir sensivelmente o contrabando. De

alguns anos para cá, póde-se asseverar, deixou de existir o abuso, que se estendia até a mercadorias outras, que não os produtos naturais, e alcançava tecidos, sedas, leques, toalhas de feltro, sabonetes, fósforos, conservas, sombrinhas, perfumes, etc.

Os impostos de saida de borracha do Javarí são os mesmos dos outros rios da Amazônia brasilica, não há diferença tarifária, não há exceção. Os produtos são despachados normalmente nas nossas estações fiscais, que exercem rigoroso controle naquela fronteira. Demais, as grandes casas comerciais, por motivo da crise da goma elástica, desapareceram, e o escoamento de nossa produção, como de procedência alienígena, não mais se faz.

Salubridade. Vias de Comuicação e de Transporte. Comércio. Industria. Agricultura.

Seria uma afirmativa frívola dizer que o Municipio de Benjamim Constant gosa, em geral, de clima bom, salubre ou puro. Sabe-se que todo o rio Solimões, que percorre uma dilatada região, de lindos aspectos fluviais, é dotado de clima benéfico, agradavel e sadio. Os naturalistas exaltam as suas manhãs e as suas noites, geralmente muito frescas.

Benjamim Constant é uma cidade desafogada, que frue o frescor das brisas dêsse majestoso caudal, e gosa da sua bondade climática. Já não se póde dizer a mesma coisa de Remate de Males, condicionada às emanações miasmáticas dos igapós formados pelos rios Itecoaí e Javarí, e edificada em terreno de nivel baixo, que as enchentes anuais inundam. Dá-se entretanto um fenômeno interessante: os diferentes rios tributários do Javarí, pela sua margem direita, ou seja em território nacional, são saudaveis no seu curso superior, e malsãos no baixo, especialmente nos começos da enchente e da vasante.

Florestas imensas, os pântanos que se perpetuam em baixios, a proliferação de anofelinos, a má alimentação, a falta de assistência sanitária às populações, produzem várias moléstias que se concretizam nas mais comuns: o paludismo clássico, a verminose, a gripe, a oftalmia, e a coqueluche.

Existem no municipio 6 cemitérios, na cidade de Benjamim Constant, em Cametá, Tabatinga, Aldeia e Capacete.

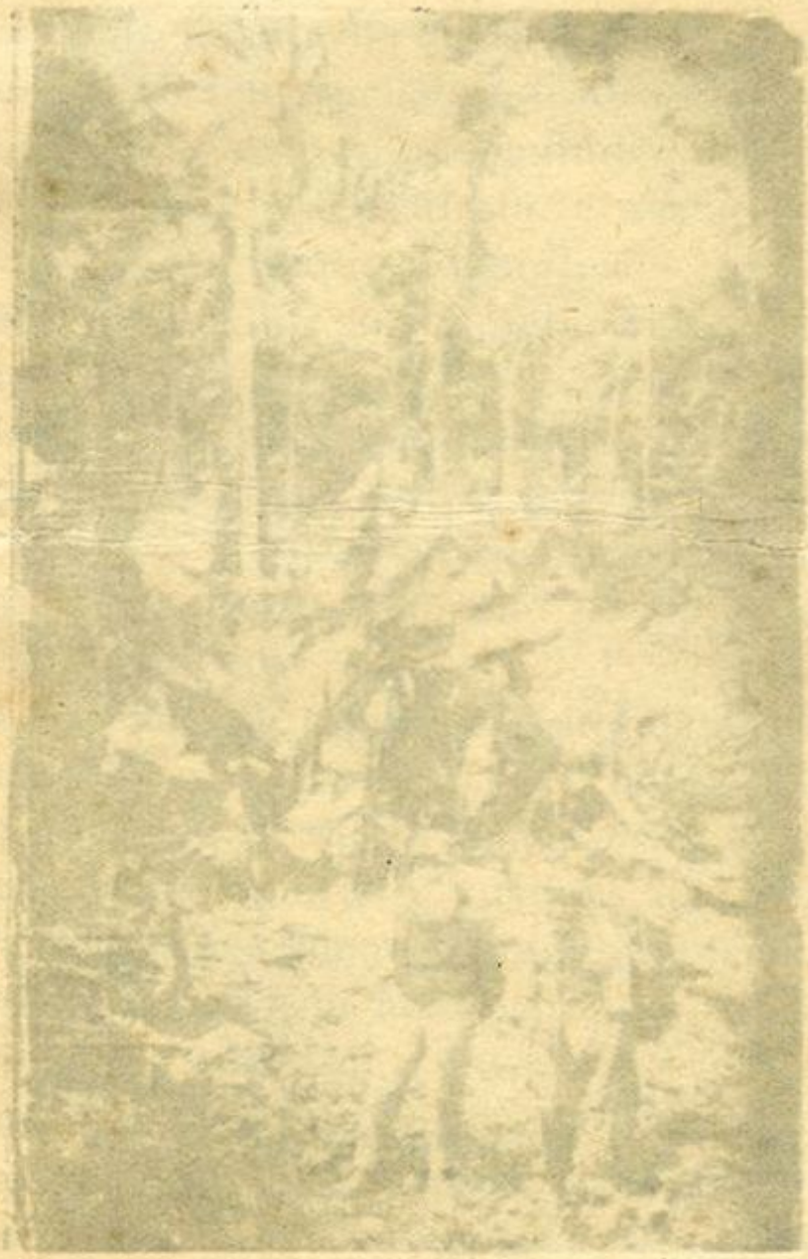
A cidade possue o posto sanitário Dr. Tanajura, nome do humanitário, culto e saudoso médico dr. Joaquim Augusto Tanajura, que prestou grandes serviços à região, e um Conselho de Assistência e Proteção aos menores.

Bacia fluvial muito vasta e importantissima, todo o movimento de transportes é desempenhado por vapores, lanchas, motores, batelões e canôas, compreendidas as ligeiras e rústicas ubás dos índios. Para Tabatinga segue semanalmente fazendo a linha do Solimões, via Manáus, um avião da *Panair*, vindo do sul.

As comunicações se fazem por via radiográfica e postal, por meio de navegação fluvial e aérea.

O movimento é constante, não só para o interior do municipio, como para as ilhas do Solimões e outras localidades, especialmente Tabatinga, Ramon Castilla, peruana, e Leticia, colombiana.

O missionário franciscano frei Wencesláu de Spoleto prosegue exausto de caminhar na sua jornada em busca da maloca dos perigosos Caribós.



Mantém relações comerciais com as praças de Manáus e Belém, e um intercâmbio apreciavel com as populações das aludidas povoações peruana e colombiana.

O comércio do Brasil colonia com o Perú foi autorizado pelo alvará de 14 de Abril de 1646, e carta-régia de 25 de Março de 1722.

Antigamente constava o movimento comercial de arcos, arroz, abútua, bacias pintadas, balaios de tucuman, breu em pão e em rama, café, cuias, estopa, urucú, jutaicica, manteiga de peixe-boi, mel, mixira, zarabatanas, a que vieram se juntar com o correr dos tempos: farinha de tapioca, seca, dágua, gergelim, milho, maqueiras, pós de tapioca, sumaúma, sebo, sola, peles, couros de boi salgados, cacáu, jarina, madeiras, puxurí, salsaparrilha, tabaco, feijão, borracha.

Em 1820, Mainas, segundo referem os drs. Spix e Martius, nas suas anotações de viagem, exportava para o Solimões e rio Negro produtos de seu solo: cacáu, salsaparrilha, baunilha, bálsamo de copaiba, cascas de quina, tabaco e algodão. A quina vinha dos arredores de Moyambanba de Lamas, de Chachapayas e outros pontos. A salsaparrilha vinha das missões do Ucaialle. O sal mineral procedia de Mainas, e exportava-se empacotado em paneiros.

Os negociantes dessa província peruana importavam do Brasil utensílios de ferro, aço, estanho, cobre, munições, armas, tecidos de lã, tecidos de seda, chapéus, espelhos e outros objetos.

Atualmente não só a produção aumentou consideravelmente, como avultou a exportação. Em 1937, produziu o municipio 1500 sacos de milho, 150 ditos de café, 400 toneladas de mandioca, 300 sacos de feijão, 1200 quilos de cacau, 2500 litros de aguardente, 2.000 sacos de farinha de mandioca, 6.000 quilos de rapadura.

A agricultura está destinada a grande desenvolvimento ,desde que haja um aproveitamento inteligente e eficiente de suas terras. A lavoura mantém-se em estado de atrazo, indo pouco além das necessiddaes domésticas. Como principais agricultores do municipio apontam-se os snrs. Joaquim Batista dos Santos, José Ferreira da Rocha Primo, e José Fernandes de Souza.

A causa dêsse atrazo é em parte devida à vida de outrora dos seringais. Sempre que a borracha amazônica melhora de cotação, voltam-se as atividades para a lida desta indústria.

Quanto a indústria pastoril, são tão poucos os criadores, que se podem contar pelos dedos: snrs. José Ferreira da Rocha, Francisco Pereira da Silva, Nicanor Bandeira Brasil, e Francisco Rodrigues da Silva, que criam gado vacum, suino e aves.

Eis uma estatística do ano de 1937:

ESPECIES	Numero de cabeças	Valor por unidade	Valor total
Bovinos	500	200$000	100:000$000
Equinos	—	—	—
Suinos	1.000	60$000	60:000$000
Caprinos	—	—	—
Lanigeros	300	28$000	8:400$000
Muares	—	—	—
Asininos	—	—	—
Aves	10.000	4$000	40:000$000
TOTAES	11.800	—	208:400$000

A pesca poderia ser uma das indústrias mais produtivas. Sabem todos os que vivem no Amazonas o quanto é precária a indústria da pesca, que ainda segue o ritmo vagaroso e primitivo do caboclo, cujo pé, como diz o insigne Jorge de Lima "é um calo todo, da ponta do polegar ao calcanhar encascado em que não entra nem larva de verme nem espinho de mandacarú". O caboclo vai a pesca e usa os seus velhos e rebarbativos utensilios de pescar. Ninguem mais afoito e mais tenaz na espera do peixe, seja o pirarucú, o peixe-boi, o dourado. Uma paciência evangélica, uma perseverança milagrosa. O lago, que lhe serve de anfiteatro, o igapó que circunscreve o cenário, o remanso hiante, não o importam nem o sensibilizam; o que o preocupa, e domina, é o pescado, e nêste mister o caboclo fica impassivel, imóvel, o olhar agudo sobre a água, para, de relance, dar o golpe certeiro de arpão.

Recorre, porém, a outros meios de colher o peixe, — os cacuris, os entorpecentes, a pesca de cana, a flexa, o arco.

Os rios e lagos são piscosos. Lençóis dágua de beleza incomparavel reunem uma fauna ictiológica de variada riqueza.

Há nos lagos uma quantidade de vitórias-régias, as inimitáveis flores brônzeas das regiões equatoriais.

Outros meios de vida, outros recursos facilitam o ganha-pão do morador do Javarí, nessas margens ensombradas de poderosa vegetação, onde a clorofila tumultúa na orgia do verde, e de onde saem das entranhas da mata um acre cheiro da flora, e um rumor confuso de frondes.

São esses recursos de vida expressos nas madeiras, em couros, em peles de animais silvestres, em borracha, sernambí, ucuquirana, copaíba, andiroba, palhas, gomas diversas, produtos tintórios, óleos, fibras, lãs, etc.

No indice da balança de Benjamim Constat não entra a castanha, fruto da "Bertholetia excelsa", que constitue uma das maiores fontes de receita do Estado

E' que os castanheiros não encontram aclimação própria para o seu desenvolvimento na faixa fronteiriça, ou no Javarí e seus afluentes. Tambem não se encontra o castanheiro nos rios Juruá e Jandiatuba.

A borracha, o caucho, ou a *Siphonia elastica* e as *Castilloas*, constituem uma grande e formidavel riqueza do vale imenso do Javarí, onde outras ásvores igualmente produtoras de leite, enriquecem as suas terras, como as Apocinaceas, as Sapotaceas, as Clusiaceas, as Asclepiadaceas.

Encontram-se lá diversas espécies de seringueiras, que não só são fecundas de leite, como oferece o leite melhores propriedades. O conhecimento da *Ulé*, como chamavam a seringueira os Omáus ou Cambebas, e a aplicação do *latex* na fabricação de muitos objetos de uso doméstico, como a seringa, a bola para os jogos da péla, botijas, sapatos e outros artefactos, foram transmitidos pelos nossos índios Omáuas ou Omáguas ao missionario carmelita fr. Manoel da Esperança, que se utilisou do invento para calçar sapatos com camadas de goma elástica, afim-de defender-se da humanidade e molhadeira dos terrenos baixos. Três anos antes, em 1735, La Condamine, descendo dos Andes, surpreendia o aproveitamento do leite da madeira, e a preparação de tantos utensilios úteis, pelo que transmitiu aos povos europeus o conhecimento milagroso da indústria indígena americana, enviando à Academia de Ciências de Paris uma memoria acerca das vantagens do *Ulé*, depois chamado seringa, e posteriormente classificado botanicamente *Siphonia elastica* por Scheber.

Tão vasta é hoje a aplicação da borracha, que foi transportada para o oriente, onde seringais de plantação abriram concorrência com os nossos, decaindo de preço, aviltando-se o seu valor, e diminuindo a vida ruidosa dos seringais da Amazônia. Todavia em materia de qualidade a nossa

borracha não pode ser superada pela do Celião, ou de outra qualquer parte.

O Javarí prepara borracha superior, de ótima contextura, e em grande quantidade, graças aos seus ricos seringais nativos, onde as preciosas heveas alteiam os seus troncos magníficos, cobrem-se de flores, e porejam de suco.

Tendo aumentado a produção êstes últimos tempos, a receita do municipo acusa essa prosperidade de situação financeira, mercê da atividade do sr. Prefeito Municipal e da procura no mercado do produto. O seguinte quadro mostra a veracidade da asserção:

Renda arrecadada em 1937, último exercicio da administração que precedeu a atual do coronel Nelson Noronha — Cr$ 56.343,50.

Administração vigente:

Ano de 1938 —	Renda prevista ..	Cr$ 60.000,00
	Arrecadada	Cr$ 69.567,20
Ano de 1939 —	Renda prevista ..	Cr$ 71.000,00
	Arrecadada	Cr$ 80.277,00
Ano de 1940 —	Renda prevista ..	Cr$ 81.000,00
	Arrecadada	Cr$ 96.290,00
Ano de 1941 —	Renda prevista ..	Cr$ 90.000,00
	Arrecadada	Cr$ 113.778,56
Ano de 1942 —	Renda prevista ..	Cr$ 100.000,00

Pode prever-se uma arrecadação superior a Cr$ 140.000,00 (1)

A produção acelera-se, intensifica-se atualmente. O volume físico da exportação, em 1941, foi de 2.343.399 quilos, do valor oficial de Cr$ 2.692.173.273,00.

Benjamim Constant tem diante de si, sem favor, a perspectiva de um futuro amplo de prosperidade econômica.

---

(1) Dados extraídos do discurso do snr. José Veiga, pronunciado em Benjamim Constant, por ocasião da visita oficial do snr. Interventor Federal.

MAPA da Produção do

PRODUTOS	Janeiro		Fevereiro		
	QUILOS	*VALOR*	*QUILOS*	*VALOR*	*QUILO*
Borracha fina	38 836	143:693$000	6 835	23:922$500	4.487
Sernambí rama.....	3.718	8:737$300	2 035	4:578$750	800
Jarina	5.000	3:000$000	5.640	3:384$000	—
Sernambí caucho	—	—	—	—	—
Balata	—	—	—	—	—
Couro de caititú	209	4:964$200	153	3:978$000	181
« « queixada	326	4:344$000	100	1:350$000	389
« « veado	126	1:512$000	50	700$000	127
« « maracajá	8	800$000	—	—	7
« « onça	2	30$000	—	—	2
« « lontra	2	150$000	—	—	—
« « ariranha	10	180$000	—	—	13
Tabaco (em arrobas)	—	—	—	—	—
TOTAIS.....	48.237	168:030$500	14.813	37:913$250	6.006
Madeiras	M. 3	VALOR	M. 3	VALOR	M. 3
Cedro	—	—	—	—	73
TOTAL GERAL	48.237	168:030$500	14.813	37:913$250	6.006

Agencia Municipal de Estatística de Benjamim Consta

lunicipio no primeiro semestre de 1939

arço		Abril		Maio		Junho		TOTAIS	
VALOR	*QUILOS*	*VALOR*	*QUILOS*	*VALOR*	*QUILOS*	*VALOR*	*QUILOS*	*VALOR*
15:609$500	15 209	56:073$300	19	760$000	3.156	12:308$400	68.188	250:624$200
1:700$000	2.011	4:826$400	3	1:016$600	—	—	8.955	18 859$050
—	—	—	—	—	—	—	10.640	6:384$000
—	420	420$000	—	—	—	—	420	420$000
—	—	—	—	—	12 166	45:014$200	12.166	45:014$200
4:606$000	647	16:857$300	2	6:838$200	686	19:070$800	2.138	57:314$500
5:251$500	614	7:797$800	2	3:276$000	750	10:514$000	2.431	32:533$300
1:778$000	345	4:381$500	1	1:794$000	468	6:552$000	1.254	16:717$500
471$800	8	497$600		140$000	6	450$000	31	2 359$400
31$200	5	65$000		30$000	—	—	11	156$200
—	—		—	—	5	375$000	7	525$000
753$400	29	1:977$800		520$000	2	120$000	62	4:171$200
—	105	2:719$500	—	—	—	—	105	2:719$500
30:201$400	19.393	95:616$200		14:374$800	17.239	94:404$400	109.408	437:798$050
VALOR	M. 3	VALOR	M	VALOR	M. 3	VALOR	M.3	VALOR
11:250$400	—	—		—	1.355	203:250$000	1.428	214:500$000
41:451$800	19.393	95:616$200		14:374$800	17.239	297:654$400	106.408	652:298$050

ant, 30 de Junho de 1939.

(Sizenando Rodrigues Filho

Agente Municipal de Estatística

INDICE

Formação do Município 7
A Conquista para Oéste, nos tempos coloniais 28
Em Marcha às nascentes do Javari 44
Panorama Social 61
Benjamim Constant 84
Remate de Males 93
Prisão de Autoridades Judiciárias 115
Religião. Instrução. 122
Revolta de Seringueiros, no rio Ituí. 136
Hidrografia 148
Natureza dos terrenos. Mineralogia. Fósseis. 166
A Borracha. Contrabando. 173
Salubridade. Vias de Comunicação e de Transporte. Comércio. Indústria. Agri cultura. 183

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM